

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E
EPISTEMOLOGIA – HCTE

IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE

**PERTENCIMENTO À FLOR DA PELE: tatuagem de mulheres
detentas e as marcas do amor que aprisiona**

RIO DE JANEIRO

2019

IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE

**PERTENCIMENTO Á FLOR DA PELE: tatuagem de mulheres
detentas e as marcas do amor que aprisiona**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientadora: Regina Maria Macedo Costa Dantas

Rio de Janeiro

2019

CIP - Catalogação na Publicação

G846p Grizente, Ivaneide Nunes Paulino
PERTENCIMENTO À FLOR DA PELE: tatuagem de mulheres
detentas e as marcas do amor que aprisiona
1. Ivaneide Nunes Paulino Grizente. -- Rio de
Janeiro, 219.
151 f.

Orientadora: Regina Maria Macedo Costa Dantas .

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de
Janeiro, Decania do Centro de Ciências Matemáticas
e da Natureza, Programa de Pós-Graduação em História
das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 219.

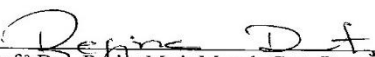
1. Tatuagem. 2. Mulheres detentas. 3.
Pertencimento. 4. Amor. I. Dantas , Regina
Maria Macedo Costa, orient. II. Título.

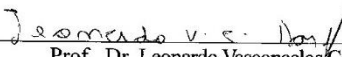
IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE

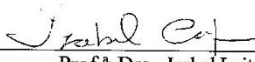
PERTENCIMENTO À FLOR DA PELE:
TATUAGEM DE MULHERES DETENTAS E AS MARCAS DO AMOR QUE
APRISIONA

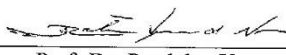
Tese submetida ao corpo docente do Programa de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia.

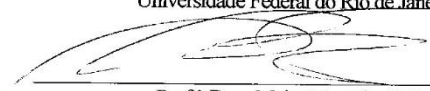
Aprovada em: 01 de agosto de 2019

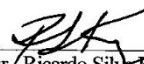

Prof^a Dra. Régina Maria Macedo Costa Dantas
Universidade Federal do Rio de Janeiro


Prof. Dr. Leonardo Vasconcelos Cavalier Darbilly
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro


Prof^a Dra. Isabel Leite Cafezeiro
Universidade Federal Fluminense


Prof. Dr. Rundsthen Vasques de Nader
Universidade Federal do Rio de Janeiro


Prof^a Dra. Maira Monteiro Fróes
Universidade Federal do Rio de Janeiro


Prof. Dr. Ricardo Silva Kubrusly
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora profa. Regina Dantas, por ter orientado e compartilhado comigo cada fase da pesquisa.

A Penitenciária Feminina de Santana, e em especial à Raquel e Ana Paula pelo tempo e atenção dispensados.

À minha família, pelo apoio e amor.

Ao amigo Rodrigo Grijó, pelo incentivo e aulas de estatística que me ajudaram a chegar aqui.

RESUMO

GRIZENTE, Ivaneide Nunes Paulino. **Pertencimento à flor da pele: tatuagem de mulheres detentas e as marcas do amor que aprisiona.** Rio de Janeiro, 2019. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

A presente investigação pretende demonstrar o sentido de pertencimento de mulheres detentas em relação ao (a) seu (sua) parceiro (a) amoroso (a) por meio das tatuagens. A trajetória escolhida foi realizada por meio de uma pesquisa qualitativa e descritiva, inicialmente, a partir de inspeções teóricas sobre o corpo como expressão de linguagem; conceitos de identidade e pertencimento; apresentação da história da tatuagem e sobre mulheres detentas; por meio da articulação de fontes bibliográficas com auxílio de teóricos sobre os temas apresentados. Visando complementar a parte teórica, a pesquisa apresenta uma inspeção de natureza prática realizada em uma penitenciária feminina como um trabalho de campo. Para tal, uma metodologia específica foi desenvolvida para este trabalho de campo e versa sobre os detalhes da coleta de dados, estes em forma de narrativas das mulheres detentas, constituindo uma singular categorização. Como resultado, as análises e discussões referentes às narrativas descortinam considerações finais com intuito de responder ao objetivo apontado pela pesquisa.

Palavras-chave: tatuagem, mulheres detentas, pertencimento, amor, penitenciária feminina de Santana / SP

ABSTRACT

This research aims to demonstrate the sense of belonging of detained women in relation to their loving partner through tattoos. The path chosen to conduct the research was based on qualitative and descriptive samples. Initially, from theoretical inspections about the body as expression of language; concepts of identity and belonging; tattoo's history and about women inmates; through bibliographic sources on the themes presented. In order to complement the theoretical field, a practical research was carried out in a female penitentiary, as a field work. For the accomplishment of this field research, a specific methodology was applied, on the way of data collection and the way of interpreting, these in the form of narratives of the female inmates, constituting a singular categorization. As a result, the analyzes and discussions related to the narratives are linked to the final considerations in order to respond the objectives pointed out by the research.

Keywords: tattoo, women inmates, belonging, love, women's penitentiary of Santana / SP

.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Noiva indiana.....	21
Figura 2 - Cabeça Tatuada.....	22
Figura 3 - Língua tatuada	23
Figura 4 - Pirâmide das Necessidades Humanas por Maslow	30
Figura 5 - Casa de Detenção de Recife-Pe.....	46
Figura 6 - Presas executando trabalhos na penitenciária.....	49
Figura 7 - Mulher presa com filho recém-nascido	54
Figura 8 - Roupas dependuradas no presídio	55
Figura 9 - Detenta trabalhando	56
Figura 10 - Detentas enfileiradas se dirigindo ao recinto de realização de exames de mamas	59
Figura 11 - Tatuador Luck.....	66
Figura 12 - Tatuador em ação – evento de tatuagem, Rio das Ostras-RJ, 2017	67
Figura 13 - Fachada do local do evento de tatuagem em São José dos Campos/SP	68
Figura 14 - Stands de evento de tatuagem – SJC-SP	69
Figura 15 - Tatuagem de Coringa e Arlequina	75
Figura 16 - Preso com desenho do boneco chucky	76
Figura 17 - Tatuagem de caveira com punhal.....	77
Figura 18 - Presidiário com tatuagem.....	77
Figura 19 - Presos com tatuagens de teia de aranha.....	78
Figura 20 - Máquina de tatuar confeccionada pelos detentos do Carandiru	80
Figura 21 - Presos trabalhando – ao fundo Av. General Ataliba Leonel em 1920	92
Figura 22 - Vista atual da Rua General Ataliba Leonel, em frente ao número 1350 – Penitenciária Feminina de Santana/SP	92
Figura 23 - Fachada principal da penitenciária – originalmente presidio masculino ..	93
Figura 24 - Fachada principal da Penitenciária – Atual penitenciária feminina de Santana.....	94
Figura 25 - Fachada do prédio da administração da penitenciária - originalmente em 1920	95
Figura 26 - Fachada do prédio da administração da Penitenciária atualmente	95
Figura 27 - Interior de um pavilhão – década de 20	96

Figura 28 - Sala de aula Penitenciária década de 20.....	97
Figura 29 - Sala de aula penitenciária atual	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- - Evolução do índice de homicídios femininos	37
Gráfico 2- Índice de homicídios femininos por cor	38
Gráfico 3- número de mulheres presas por ano.	50
Gráfico 4- Demonstrativo das categorias em números absolutos.....	121
Gráfico 5- Demonstrativo em números absolutos por categorias.....	122
Gráfico 6- Demonstrativo em números absolutos por categorias.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- diferença salarial homens/mulheres.....	40
Quadro 2 - Termos usados pelas presas e seus respectivos significados	57
Quadro 3- Categoria criminal X tatuagem	73
Quadro 4- Perfil e descrição das detentas	100
Quadro 5- Definições Constitutiva e Operacional para a categoria Identidade	104
Quadro 6- Definições Constitutiva e Operacional para a categoria Pertencimento ...	105
Quadro 7- Definições Constitutiva e Operacional – Submissão	105
Quadro 8- Definições Constitutiva e Operacional- Corpo como linguagem	106
Quadro 9 - incidência das variáveis – entrevistada 1	118
Quadro 10 - incidência das variáveis – entrevistada 2	118
Quadro 11 - incidência das variáveis – entrevistada 3	118
Quadro 12 - incidência das variáveis – entrevistada 4	118
Quadro 13 - incidência das variáveis – entrevistada 5	118
Quadro 14 - incidência das variáveis – entrevistada 6	119
Quadro 15 - incidência das variáveis – entrevistada 7	119
Quadro 16 - incidência das variáveis – entrevistada 8	119
Quadro 17 - incidência das variáveis – entrevistada 9	119
Quadro 18 - – incidência das variáveis – entrevistada 10	119
Quadro 19 - incidência das variáveis – entrevistada 11	120
Quadro 20 - incidência das variáveis – entrevistada 12	120
Quadro 21 - incidência das variáveis – entrevistada 13	120

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Nuvem de palavras mais citadas nas entrevistas.....	127
---	-----

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivo geral	14
1.2 Objetivos específicos	15
1.3 Relevância	15
2. O CORPO COMO TELA	18
2.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO	18
2.2 A história do corpo como expressão de linguagem	18
2.3 Conclusões do capítulo	24
3. PERTENCIMENTO	26
3.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO	26
3.2 O indivíduo e o sentido de pertencimento	26
3.2.1 identidade e pertencimento	31
3.2.2 A Identidade na Tatuagem	33
3.3 As minorias (identidades) estigmatizadas ao longo do tempo	36
3.3.1 Mulheres	36
3.3.2 Conclusões do capítulo	42
4 MULHERES NAS PRISÕES	43
4.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO	43
4.1.1 breve história das prisões no Brasil	43
4.2 um conciso panorama histórico das prisões femininas	47
4.2.1 A realidade das mulheres no Cárcere no Brasil	56
4.2.2 Conclusões do capítulo	62
5 TATUAGEM	63
5.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO	63
5.2 Resumos da História da tatuagem no mundo	63

5.2.1 No Brasil.....	64
5.3 Tatuagem e Cárcere.....	70
5.3.1 Significado da tatuagem na cadeia	71
5.3.2 Técnicas de realização das tatuagens na cadeia	79
5.3.3 Conclusões do capítulo	80
6 METODOLOGIA.....	82
6.1 desenhando a pesquisa.....	82
6.2 estabelecendo o enfoque	83
6.3 quanto ao tipo de investigação	83
6.4 Justificando a escolha dos participantes	84
6.5 Descrição dos procedimentos, técnicas e instrumentos utilizados na pesquisa de campo	84
6.6 Adaptação dos métodos aos objetivos da tese	85
6.7 Método e técnica de análise.....	86
6.8 Detalhamento das fases da pesquisa	87
6.8.1 Antes de chegar a campo	87
6.8.2 Visitando a Penitenciária – narrativa da autora com base nas notas de campo	87
6.8.3 chegando em campo.....	89
6.8.4 O <i>locus</i> da Pesquisa	90
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS	99
7.1 Identidade.....	106
7.2 Pertencimento	108
7.3 Submissão	110
7.4 Corpo como linguagem.....	113
7.5 Categorias emergentes.....	114
7.5.1 Tatuagem e amor à família	114
7.5.2 Ressentimento	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126

REFERÊNCIAS	128
ANEXOS	134
APÊNDICE	151
APENDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	151

1 INTRODUÇÃO

Tudo começa quando a mãe está grávida. [...] E depois vem a arrumação do enxoval: tudo azul! Porque é feio homem usar roupa rosa, vermelha etc. Quando a criança nasce também é diferente: se for menino, solta um foguete na porta da sala; se for menina, solta na porta da cozinha [...] (Antônio Carlos dos Santos).

Século XXI, avanços científicos e tecnológicos caminham a passos largos, conceitos e pré-conceitos culturalmente constituídos e anteriormente fortalecidos, entram em processo de enfraquecimento impondo profundas transformações de cunho social às quais, os indivíduos tendem a se adaptarem se inserindo em novas lógicas sociais e culturais que se sobrepõem ao anteriormente estabelecido na sociedade, na qual os processos de renovação contínua se impõem a cada dia, num eterno recomeço. *Assim caminha a humanidade.*

Frente a tantas transformações, o ano de 2015 marcou a defesa da minha dissertação de mestrado, e com ela, a constatação que a sociedade, muito embora atualmente inserida em um mundo globalizado, tecnológico e pós-moderno, ainda apresenta resistências e estigmatiza as pessoas tatuadas, sobretudo no mercado de trabalho¹. A dissertação explorou tema acerca das pessoas tatuadas e como elas trafegam no ambiente de trabalho, tendo como pano de fundo, a tatuagem à luz da cultura de consumo.² O ponto de vista teórico-conceitual da dissertação trouxe a frustração pelas perguntas que ficaram por responder, perguntas estas que envolvem tatuagem, mulheres e presídios, o que ora, este estudo se propõe pesquisar. Isso constitui uma perspectiva interdisciplinar, especialmente porque para contextualizar

¹ Este assunto está registrado no trabalho apresentado pela autora “trabalhadores tatuados, identidades estigmatizadas nas organizações.” I Colóquio Nacional de Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – I CONICHSA-UNICAMP, SP. 2017.

² A dissertação se encontra disponível em:
<http://tede.unigranrio.edu.br/bitstream/tede/68/5/Ivaneide%20Nunes%20Paulino%20Grizente.pdf>

tais temas, é necessário resgatar aspectos históricos, sociais e psicológicos para melhor compreensão do objeto de estudo, pertencimento através da tatuagem de presidiárias³.

Também inserido no contexto moderno, e altamente interdisciplinar, particularmente no momento presente, um movimento se destaca e ocupa os mais diversos discursos nos mais diferentes palcos: a valorização feminina, que, reforçado pelos movimentos feministas tem sido atualmente o cerne de muitas questões e discussões em distintos espaços sociais políticos e acadêmicos.

Na contramão desse cenário, se encontra a história da mulher, que baseada no senso comum, culturalmente remete a um sentido de fragilidade e brandura, quase sempre ligado ao sentido de pertencer a um homem. Essa composição da cultura feminina se insere no conceito da identidade de gênero e no percurso histórico da humanidade que contribui em larga escala para a construção da identidade líquida (BAUMAN, 2005) identidade esta, que se constrói não só, mas também sob a relação de subalternidade ao gênero masculino (FONSECA, 2005). Este contexto está permeado pela cultura da dominação simbólica que advém de uma espécie de poder que muitas vezes está por trás, oculto nas entrelinhas, e se configura também como poder simbólico (BOURDIEU, 2009).

Também inserido na perspectiva de gênero e subalternidade, emerge o corpo, que se destaca sobretudo pela ligação com a aparência das pessoas (FONSECA, 2009), e com seu uso como condição de pertencimento a ordem vigente social relacionada com a ditadura do culto ao corpo (GOLDEMBERG, 2002), e também por sua representatividade enquanto elemento de desejo nas relações amorosas e de gênero.

No final dos anos 1960, a crise da legitimidade das modalidades físicas da relação do homem com os outros e com o mundo amplia-se consideravelmente com o feminismo, a "revolução sexual", a expressão corporal, o body-art, a crítica do esporte, a emergência de novas terapias, proclamando bem alto a ambição de se associar somente ao corpo, etc. Um novo imaginário do corpo, luxuriante, invade a sociedade, nenhuma região

³ Este assunto está registrado no trabalho da autora "tatuagem e amor no cárcere" - identidades femininas aprisionadas" n: JOIN BRASIL 2017- 2018, Fortaleza-CE. ANAIS JOIN - artigos. https://www.editorarealize.com.br/revistas/joinbr/trabalhos/TRABALHO_EV081_MD1_SA148_ID405_13072017144137.pdf

da prática social sai ileso das reivindicações que se desenvolvem na crítica da condição corporal dos atores. (LE BRETON, 2007 p.9).

A ânsia pelo corpo perfeito para que ele se imponha cada vez mais como objeto de desejo, está intimamente ligado com as modificações corporais que representam as práticas através das quais o indivíduo marca sua presença no mundo. Assim o corpo é visto como marca social; essas marcas podem ser de acréscimo, remoção ou deformação (LE BRETON, 2007). Aqui nos interessa as marcas de acréscimo, pois uma das formas mais comuns de fazê-lo é através da tatuagem, que assume assim, um caminho para a construção da subjetividade, o que tem a ver também, com o ato de marcar no corpo algo que distingue e identifica. Além disso, a tatuagem assume ainda, uma vertente de significações e linguagens diversas pois estabelece ligação com a moda (LEITÃO, 2001); com expressão de gênero (OSÓRIO, 2006), e com a criminalidade (RIBEIRO e PINTO, 2013).

É sob essa perspectiva, que a presente pesquisa se configura, ao constatar que de acordo com o Ministério da Justiça (BRASIL, 2015), a população carcerária feminina apresenta índices alarmantes, e, considerando também que a maioria das mulheres foi presa por se relacionar com homens envolvidos com o crime; e 60% respondem por tráfico de drogas (CERNEKA, 2012). Esses dados impõem inquietações: será que até para cometer crimes as mulheres dependem dos homens? A questão impulsiona as primeiras pesquisas, e o procedimento inicial consistiu em uma visita ao museu Penitenciário localizado na cidade de São Paulo, no bairro Carandiru, que ocupa parte do espaço antes ocupado pelo presídio de mesmo nome.

As observações trouxeram ricas informações, e despertaram ainda mais curiosidade acerca do mundo da tatuagem e sua ligação com o cenário das prisões. Além disso, o documentário “Se eu não tivesse amor”⁴ aguçou ainda mais o interesse pelo tema - pertencimento feminino - justamente porque se contrapõe a questão da valorização feminina. Assim, foi iniciado o levantamento e revisão da literatura que serviu de suporte para a realização da pesquisa. Tal levantamento contemplou

⁴ documentário produzido no presídio feminino Talavera Bruce no Rio de Janeiro, sobre mulheres que se envolveram em crimes por amor, com direção de Geysa Chaves (advogada e estudante de direção de cinema) (<https://www.youtube.com/watch?v=TF8S5oGkL-c>. Acesso em 15 maio 2017.

bibliotecas, páginas eletrônicas, e também visitas a eventos sobre tatuagem realizados no Brasil, e, sempre com a questão do pertencimento feminino em mente, foi se desenhando a pesquisa.

Porém, de acordo com a Resolução nº 466/12 (BRASIL, 2012) e a Resolução nº 510/16,(CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016) “toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) ”, de forma que, a coleta de dados, só deve ser iniciada após aprovação do referido Comitê, e no caso da presente pesquisa, houve necessidade de submissão junto a dois comitês de ética: o da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, por ser a Instituição que acolhe a presente pesquisa e o Comitê de Ética da Secretaria de Administração Penitenciária, conforme prevê a resolução. Tais procedimentos exigiram tempo energia e persistência, mas, cumpridas todas as etapas para submissão do projeto junto a Plataforma Brasil⁵, para que o projeto fosse analisado pelos Comitês de ética, se ratifica que persistência pode provocar investigação.

Portanto, estruturar uma tese, cujas principais questões se constituem sob os pilares de temas como corpo, tatuagem, mulheres e pertencimento, certamente trariam bons subsídios acadêmicos, porém, a intuição feminina - ah! A intuição feminina... ela recomenda que esses temas devem ser tratados à luz de realidade de sujeitos estigmatizados e considerados minorias, e essa perspectiva, remete ao seguinte problema de pesquisa: qual a relação entre a tatuagem da presa e o pertencimento ao parceiro (a) amoroso (a)? Com o intuito de responder a essa indagação, se constituem os objetivos geral e específicos:

1.1 Objetivo geral

Demonstrar o sentido de pertencimento de mulheres detentas em relação ao parceiro (a) amoroso por meio das tatuagens.

⁵ Base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos – criada pelo Conselho Nacional de Saúde - para todo o sistema Comitê de Ética em Pesquisa/Comitê Nacional de Ética em Pesquisa-CEP/CONEP. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela Conep, quando necessário - possibilitando inclusive o acompanhamento da fase de campo, o envio de relatórios parciais e dos relatórios finais das pesquisas (quando concluídas).

1.2 Objetivos específicos

- ✓ Apontar a importância do uso do corpo como expressão de linguagem;
- ✓ Conhecer a Identidade das mulheres presas por meio das tatuagens, bem como verificar se há pertencimento ao parceiro (a) amoroso (a);
- ✓ Identificar e interpretar o significado da tatuagem para mulher detenta.

1.3 Relevância

Quanto à relevância, o estudo se propõe a contribuir com aplicabilidade prática nas discussões sobre igualdade de gênero, pertencimento feminino e a situação das mulheres em ambiente carcerário, uma vez que de acordo com o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais – IBCCRIM - apenas 7% das prisões brasileiras têm estrutura adequada para receber mulheres presas, pois elas foram feitas por e para homens, o que de antemão já as coloca em estado de subalternidade. (CERNEKA, 2012).

Nesse sentido, e no tocante ao ambiente acadêmico, o estudo tem utilidade ao se propor contribuir com a disseminação do conhecimento científico, pois agrega ineditismo e superação de lacuna epistemológica acerca do pertencimento feminino de detentas para com seus parceiros (as) amorosos (as), uma vez que não se verificou pesquisas anteriores com essa abordagem.

Quanto à Relevância Social, a pesquisa visa fortalecer a discussão do tema, despertando a conscientização feminina acerca do sentido de pertencimento através da tatuagem, que nesse contexto assume o papel de expressão de linguagem que comporta marcas culturais impressas no corpo, assunto este, abordado no capítulo 6 item 6.2.2 reforçando o sentido de aprisionamento de mulheres encarceradas.

Nesse momento, convém esclarecer que, uma vez estipulado o tema, foi realizada pesquisa junto às páginas eletrônicas das secretarias de administração penitenciária, com o intuito de que esta fornecesse um indicador para a escolha de uma instituição de detenção feminina.

Com o resultado da pesquisa foi identificado por informações claras e precisas sobre o sistema penitenciário do Estado de São Paulo, enumerando os presídios, os dados referentes a eles como por exemplo, população carcerária entre outros. A riqueza

de detalhes constantes nos *sites* foi determinante para a escolha de uma penitenciária em São Paulo, especificamente a Penitenciária Feminina de Santana que de acordo com seu sítio eletrônico, é o maior presídio da América Latina, com capacidade para 2.400 internas, e na data pesquisada abrigando cerca de 2.100 presidiárias

Além disso, a página eletrônica da Secretaria de Administração penitenciária-SEAP/SP disponibiliza *links* dos comitês de Ética em Pesquisa, e neles, constam os procedimentos legais, acadêmicos e administrativos necessários para cadastramento de Projetos de Pesquisa, enquanto as informações inerentes às penitenciárias do Rio de Janeiro, não contemplam um quadro informativo substancial, com déficit acentuado de organização e objetividade. Assim, o *lócus* da pesquisa foi selecionado, pois as análises propostas só poderiam ser identificadas em investigação realizada em ambiente carcerário feminino, visando captar algumas narrativas das detentas.

Dessa forma, e buscando atender aos objetivos aos quais nos propomos, estabelecemos alguns marcos de reflexão que se encontram assim estruturados: no primeiro capítulo se encontra a Introdução, o segundo capítulo aborda a questão do uso do corpo como expressão de linguagem, sua função de tela de pintura, e sua importância quanto à representatividade de comunicação em países e culturas distintas e para sua elaboração foram utilizadas as contribuições de Araújo (2005) e Pina (2005).

No capítulo três se encontra a temática do sentido de pertencimento, a impossibilidade de dissociação entre Identidade e Pertencimento; e Tatuagem inserida na perspectiva de identificação e pertencimento, e nessa ocasião dialogamos com Bauman (2005); Hall (2001); e Giddens (2002). Essa perspectiva faz emergir as chamadas minorias estigmatizadas, enfatizando especificamente às mulheres, e para tanto, Perrot (2017), foi teórica imprescindível, assim como também Bourdieu (2002).

Dando prosseguimento, o quarto capítulo se apropria conceitualmente das teorias sobre mulheres nas prisões, a vertente histórica do modelo prisional do Brasil, das prisões femininas, e também da realidade das mulheres presas, e para sua composição Ressel (2007) forneceu os principais subsídios teóricos, além de Maia *et al* (2017); Bretas (2017); Varela (2017); Rio (2007) e Cerneka (2012).

O quinto capítulo expõe o tema Tatuagem - no mundo, no Brasil, os eventos econômicos sociais, a tatuagem no cárcere, e o seu singular significado na cadeia, no

qual os subsídios teóricos de Marques (2009); Rio (2007); Ribeiro e Pinto (2013) foram de suma importância.

A abordagem metodológica ganhou destaque, sendo o capítulo 6 dedicado a ela, acompanhado de seções, dentre elas, o *locus* da realização da pesquisa constituída das narrativas das detentas que se tornaram imprescindíveis para o discernimento da investigação. Por fim, apresentamos os resultados obtidos em campo e a discussão com as teorias utilizadas no referencial teórico.

Com o intuito de tornar harmoniosa e de fácil entendimento a leitura da tese, senti a necessidade de elaborar um parágrafo introdutório e outro conclusivo, para cada capítulo, o que foi apreciado com entusiasmo por minha orientadora.

2. O CORPO COMO TELA

Em todas as épocas e lugares do mundo, o homem usa o corpo como linguagem. Muitas vezes, escrevendo na própria pele uma espécie de diário de sua vida. (Leusa Araújo)

2.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Para contextualizar o tema central - pertencimento de detentas por meio de tatuagens - o presente capítulo abordará inicialmente a função do corpo como uma tela na qual se imprime e transmite mensagens, uma vez que para Araújo (2005), essa função do corpo de transmitir mensagens é uma prática antiga e que perdura ao longo do tempo. Além disso, o corpo como linguagem de expressão envia mensagens de diversos tipos conforme Le Breton (2007), observa que através do corpo é possível analisar lógicas sócios culturais e ora ele transmite um tipo de mensagem ora outro tipo totalmente diferente.

Assim, este capítulo tem a função de contribuir na contextualização do tema central uma vez que discutir questões inerentes a tatuagem supõe trazer o corpo para o cerne da discussão, pois é nele que se imprime as mensagens a serem transmitidas. Essas mensagens são desde pinturas corporais que anuncia o casamento na Índia, como um número que identificou um presidiário no Holocausto, bem como o rito de passagem dos indígenas ou apenas expressão de moda através de tatuagens.

2.2 A história do corpo como expressão de linguagem

Ao longo da história da humanidade em todos os lugares do mundo, o corpo é utilizado como linguagem, e muitas vezes ele é enfeitado para ser belo ou diferente, outras vezes, um indivíduo utiliza o corpo do outro para imprimir nele mensagem de crueldade, como por exemplo as marcas nos escravos com ferro em brasa, ou o desenho da sentença do crime na testa do gladiador, ou os códigos de identificação nos braços dos prisioneiros dos campos de concentração. (ARAÚJO, 2005).

De acordo com a página eletrônica “Conteúdo Agridoce”, os prisioneiros do holocausto eram marcados por tatuagens, mas não existem muitos registros sobre o

assunto, muito embora a história das tatuagens sirva como prova, símbolos e componente histórico, pouca visibilidade tem sido dedicada ao assunto. “Não existe virtualmente nenhum periódico de documentos oficiais relativos à prática, o que sabemos vem de evidências lendárias contida nos registros do campo e as contas daqueles que estavam no campo. ” (CONTEUDOAGRIDOCE, 2011, n.p.).

De acordo com o relato acima, George Trenton, sobrevivente de Auschwitz, com base em documentos obtidos no *Holocaust Memorial Museum*, afirma que o Campo de Concentração de Auschwitz⁶ foi o único local em que os prisioneiros eram metodicamente e ordenadamente tatuados durante o Holocausto.

Antes da tatuagem, eram utilizadas outras formas de identificação de presos, tanto quanto ao número, quanto à categoria. Ao chegarem ao acampamento, os presos recebiam um número de série, este número também era costurado ao uniforme passando a ser uma forma de identidade. Além disso, outras formas também eram utilizadas como, por exemplo, emblemas ou letras que identificavam o Estado, nacionalidade ou a religião do prisioneiro. Esta prática continuou mesmo após a tatuagem ser um meio de identificá-los. Para Trenton, a tatuagem de prisioneiros teve início em 1941 com a chegada de prisioneiros Soviéticos em Auschwitz. Eles eram tatuados por meio de uma placa de metal que continha agulhas e a placa ficava presa na pele. Todos eram tatuados com as letras "AU" (Auschwitz), seguido de um número.

Em 1943, a maioria dos prisioneiros era tatuada, mesmo aqueles que haviam sido registrados anteriormente. Porém, havia exceções: étnicos alemães, prisioneiros de reeducação, presos policiais e presos selecionados para o extermínio imediato não eram tatuados. Ainda que não possa ser afirmado com certeza absoluta, há fortes indícios que a tatuagem foi utilizada para facilitar a identificação no caso de morte ou fuga, e a prática continuou até os últimos dias de Auschwitz. Nessa perspectiva, o corpo é matéria transformado em tela sobre a qual se inscrevem mensagens, que transcende a um mero cenário construído para imprimir mensagens ou facilitar a comunicação com o receptor. “O corpo passa a ser a própria mensagem. É a imagem física de uma

⁶ incluindo Auschwitz 1, Auschwitz Birkenau e Monowitz

identidade que se busca hoje com sofreguidão para que possamos perceber quem somos.” (PINA, 2005. pg. 1795).

As modificações desse espelho de identidades são constantes, são planos sempre incompletos, sempre e aberta a outras possibilidades nas quais, a essência do indivíduo não é tida como estática e irrestrita, mas está sempre em constante transformação. Araújo (2005), deduz que na antiguidade, o homem ao comparar a sua imagem nua e sem pelo, com a beleza dos animais, provavelmente se julgou o mais desprovido de graça entre todos os bichos, afinal a pele dos animais é colorida e com listras, círculos, pintas, chifres e bicos, assim, contemplou o próprio corpo e desejou que ele tivesse mais graça e beleza:

Esfregou pó de madrepérola na pele para deixá-la mais brilhante, misturou urucum com gordura para fazer tinta vermelha, e com um pincel feito de lasca de madeira criou lindos desenhos no corpo todo. [...] descobriu uma técnica mais ousada: com uma espinha de peixe bem pontuda inseriu a tinta por debaixo da pele. [...] Inventou de atravessar o septo nasal com um osso da largura de um dedo, e de espetar penas de beija-flor sob os lábios. Quem pode dizer não ter sido essa a origem da pintura corporal, da tatuagem e do *piercing*? (ARAÚJO, 2005 p. 41)

Porém, a comunicação através do corpo sofre alterações conforme o tempo, a cultura e também conforme a região, mas para muitos povos continua com sua vertente representativa de identidade, memória, poder e beleza principalmente aqueles que não utilizam a escrita como forma de comunicação, como os indígenas. Nas sociedades tradicionais, a tatuagem e outros adornos do corpo têm a função de identificar, é como se fosse a sua carteira de identidade, e um exemplo disso, é que muitas vezes basta um olhar e já é possível identificar a origem de um povo, a posição ocupada por cada membro de uma tribo ou clã.

A tatuagem também permite perceber uma determinada forma de organização social, uma vez que pode revelar a qual tribo ou povo um indivíduo pertence, ou seja: são mensagens impressas no corpo que revelam a identidade de um povo. Ainda de acordo com Araújo (2005), o corpo também é utilizado para anunciar o rito de passagem do povo indígena, pois o dia de pintar, perfurar ou tatuar, marca os principais momentos da vida, esses momentos normalmente são o nascimento, a adolescência, a guerra, os dias de festejos e o luto. Ao nascer, as crianças *Kayapó* têm suas orelhas furadas e enfeitadas com tocos vermelhos de madeira. O que marca a adolescência indígena é a tatuagem no rosto com dois círculos – *omaruma* – que é o resultado da mistura de tinta

de jenipapo com a fuligem do carvão, porém, o processo é bastante doloroso, porque o instrumento utilizado é um dente de peixe-cachorro.

Já o casamento das indianas por exemplo (figura 1), das nepalesas e de outras regiões asiáticas, é marcado por tatuagem de *henna* cuja tinta utilizada é retirada da flor de uma árvore que floresce três vezes ao ano, a *hannaya*, os desenhos são feitos nas mãos e pés da noiva.

Figura 1- Noiva indiana

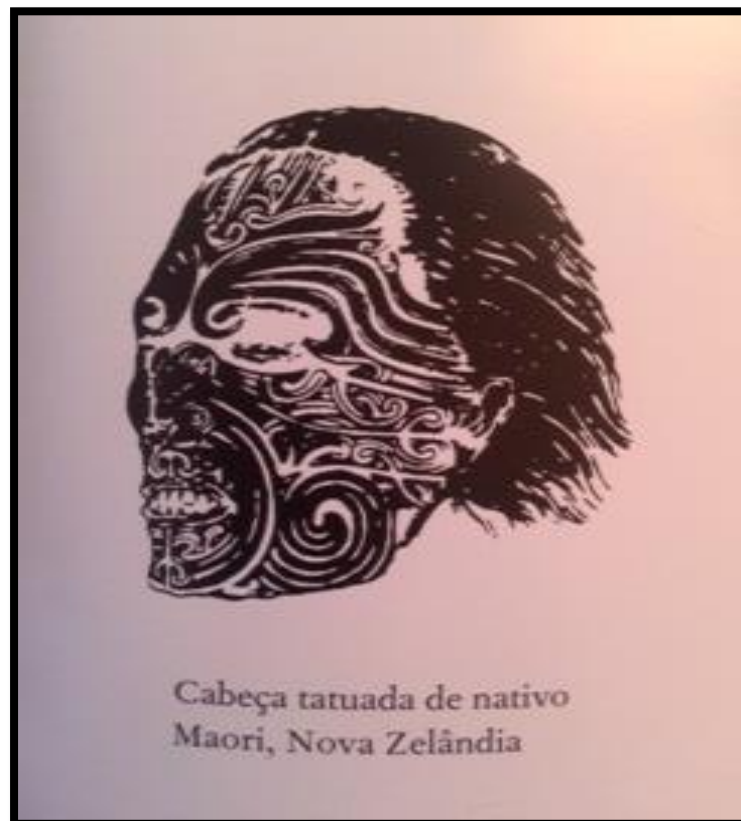


Fonte: Fonte: Araújo (2005)

No caso das noivas, as tatuagens não são permanentes, e servem apenas como enfeites que serão retiradas após alguns dias, representando um costume tradicional indiano. Já como arma de Guerra, o corpo também é mensageiro de ameaça e medo ao inimigo, podendo inclusive tornar o guerreiro invisível na floresta, a exemplo dos índios bororó que cobriam seus corpos com tinta preta. (ARAÚJO, 2005).

Nos dias atuais, é comum ver jogadores de futebol americano usarem tinta no rosto para chamar a atenção dos adversários. Na Nova Zelândia, ao final das guerras, os *Maori* preservavam em urnas, a cabeça de seus oponentes, e quanto mais importante, mais tatuado era o rosto. (Figura 2).

Figura 2 - Cabeça Tatuada



Fonte: Araújo (2005).

A figura acima indica que se tratava a de uma figura imponente, uma vez que todo o rosto se encontra tomado pelas tatuagens. Quanto ao luto, é comum os Havaianos tatuarem a língua para sinalizar o luto (figura 3), significa silêncio temporário, mas, a marca da perda é para sempre.

Figura 3 - Língua tatuada

Fonte: Araújo (2005).

Nesse caso, o corpo (língua) é utilizado para passar a mensagem de luto, significando também, que a língua deverá ficar inoperante durante o período do luto, porém, a tatuagem é permanente, sugerindo que a perda é eterna. O corpo é permeado por diversas variáveis, e uma das principais é a dimensão estética, de maneira especial, essa dimensão atualmente se sobressai quando se pensa nas práticas atuais que envolvem as tatuagens. Nesse sentido, Araújo (2005), lembra que o antropólogo Darcy Ribeiro após longo período de convívio com os índios brasileiros, concluiu que a beleza era a grande motivação de tudo que os índios faziam, pois, as orelhas sempre estão enfeitadas, os lábios furados para receber enfeite ou flor.

O também antropólogo Claude Levi-Strauss menciona a preocupação com a beleza por parte dos índios: [...] “qualquer coisa era suficiente para encantar um índio Bororó. Uma fitinha de palha seca virava um adorno na orelha; uma flor arrancada de uma árvore se transforma num brinco-pingente. ” (ARAÚJO, 2005, p. 25).

Cobrir pequenas imperfeições, realçar traços, também são ações em prol da beleza, especialmente para os Sudaneses, que buscam beleza com a pintura facial, e nesse sentido, a maquiagem usada por mulheres no mundo inteiro, representa uma variante do mesmo truque. Por outro lado, a mensagem impressa no corpo dos presidiários também é bastante contundente, pois com o tempo, tatuagens com desenhos de caveiras, santas e de mulheres, representam uma linguagem específica dentro dos

presídios. As imagens na pele do preso podem revelar qual punição foi aplicada no preso, como por exemplo, o desenho de um cadeado ou molho de chaves significam maus-tratos sofridos na cadeia (ARAÚJO, 2005). Mas as tatuagens e os desenhos no interior dos presídios adquirem um significado diferente, como será melhor explicado adiante no capítulo VI – item 6.2.1.

A representatividade do corpo também é tratada sob outros prismas por Le Breton, que associa o corpo com as diversas representatividades sociais e culturais, defendendo sua inserção no campo científico, sobretudo nas ciências sociais e sob a lógica da cultura da sociedade. O autor se refere a simbologia do corpo explicando o conjunto de elementos que o representam, sua utilidade e o que ele significa.

O corpo faz, assim, sua entrada triunfal na pesquisa em ciências sociais: J. Baudrillard, M. Foucault, N. Elias, P. Bourdieu, E. Goffman, M. Douglas, R. Birdwhistell, B. Turner, E. Hall, por exemplo, encontram frequentemente, pelos caminhos que trilham, os usos físicos, à representação e a simbologia de um corpo que faz por merecer cada vez mais a atenção entusiasmada do domínio social. Nos problemas que esse difícil objeto levanta, eles encontram uma via inédita e fecunda para a compreensão de problemas mais amplos, ou então, para isolar os traços mais evidentes da modernidade. Outros, para citar alguns exemplos na França, como F. Loux, M. Bernar, J.-M. Berthelot, J.-M. Brohm, D. Lê Breton ou G. Vigarello, dedicam-se de modo mais sistemático a desvendar as lógicas sociais e culturais que se imbricam na corporeidade. (LE BRETON, 2007, p. 11-12).

Quando o autor assinala o corpo como “uma via inédita e fecunda para a compreensão de problemas mais amplos” (LE BRETON, 2007, p 11) significa compreender o corpo como um elemento que permite analisar lógicas sociais. Nesse sentido, está o corpo como tela, como suporte de elementos de representações sociais e culturais, como por exemplo, as tatuagens.

2.3 Conclusões do capítulo

Foi ratificado nesse capítulo, que o corpo se impõe como expressão de linguagem, ele representa expressão de linguagem e um elemento através do qual, são transmitidas importantes mensagens inerentes a diversas culturas do mundo.

Nessa perspectiva, o corpo é a tela que recebe diversas pinturas e ao mesmo tempo envia diversas mensagens, e as tatuagens na grande maioria das vezes, exprime a identidade do indivíduo além de assumir também, um signo de pertencimento a um

grupo, a uma sociedade, a uma tribo ou simplesmente a um parceiro amoroso, conforme melhor explicado no capítulo a seguir.

3. PERTENCIMENTO

Pertencer não vem apenas de ser fraco e precisar unir-se a algo ou alguém mais forte. Muitas vezes à vontade imensa de pertencer vem em mim de minha própria força – eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa.

(Clarice Lispector)

3.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

O pertencimento aqui, está diretamente relacionado com identidade, Bauman (2005), associa a necessidade de pertencimento a uma condição da modernidade, condição essa, pertinente a um estado de ansiedade que também está muito próxima da identidade ou das identidades do indivíduo. As identidades se constituem por uma rede de relações e ações que configuram a identidade líquida, modificável à medida em que se vive a vida.

Já Gastal e Pilati (2016), refletem a questão do pertencimento como laços sociais estabelecidos para que os indivíduos se sintam acolhidos em um determinado grupo que lhe proporcione algum tipo de recompensa, ainda que seja apenas sensação de bem-estar. A questão do pertencimento também é explicada à luz da psicologia buscando na teoria de Maslow, argumentos que ratificam o pertencimento como uma das necessidades humanas. Nessa perspectiva, pertencimento não se dissocia de identidade, e assumindo que uma das formas de identidade é a tatuagem, o presente capítulo aborda também a identidade impressa no corpo através da tatuagem. Ao mesmo tempo, nesse contexto as chamadas minorias também são compreendidas como identidades e dentre as quais, se encontram as mulheres, temática esta, também versada no presente capítulo.

3.2 O indivíduo e o sentido de pertencimento

A proposta inicial quanto ao conceito de pertencimento aqui se dá à luz da delimitação do princípio da identidade, e nesse sentido, arriscamos dizer que identidade é um objetivo, um propósito não predefinido e bastante relacionado com pertencimento. Ou seja: nos identificamos com e pertencemos a. O ser humano tem autonomia social para se identificar com algo ou alguém, e então pertencer a.

Por outro lado, é possível que o oposto também aconteça, e que a noção de pertencimento constitua a Identidade, pois via de regra, somos aquilo que é caracterizado pelas nossas atitudes, e o que fazemos resulta em uma rede de relações e ações que formam um processo contínuo de vir a ser, configurando a Identidade líquida na qual conforme os acontecimentos da vida, especialmente incertezas e inseguranças, as identidades sociais, culturais profissionais, religiosas e sexuais passam por um processo de transformação contínuo configurando um constante movimento e isso não é uma escolha do indivíduo mas, uma condição que a vida moderna impõe. (BAUMAN, 2005). Nesse sentido, o autor sugere que existe atualmente, uma confusão de valores e que deles nem mesmo os relacionamentos afetivos escapam, e são exatamente essas relações que aqui, serão enfatizadas e analisadas sob o viés do pertencimento.

De acordo com Gastal e Pilati (2016), a questão do pertencimento enquanto necessidade dos indivíduos foi primeiramente mencionada por Baumeister e Leary (1995), sendo definida como uma motivação que seres humanos têm para estabelecerem importantes laços sociais, desde que sejam positivos e traga algum tipo de recompensa, mesmo que seja apenas sensação de bem-estar na convivência. Dessa forma, ela também representa a necessidade de estar inserido em um grupo, mas essa inserção deve satisfazer o indivíduo principalmente se existe um sentimento de aceitação. Esse sentimento de aceitação vai ao encontro das considerações de Bauman (2005), quando pontua que a busca da identidade é provocada pelo desejo de segurança. No entanto um paradoxo emerge, uma vez que:

[...] se você deseja “relacionar-se” ou “pertencer” por motivo de segurança, mantenha distância. Se espera e deseja realizar-se com o convívio, não assuma nem exija compromisso. Deixe todas as portas abertas. [...]A abundância dos compromissos oferecidos, mas principalmente a fragilidade de cada um deles, não inspira confiança em investimentos de longo prazo no nível das relações pessoais ou íntimas (BAUMAN, 2005 p. 36).

As considerações de Bauman (2005), no trecho acima permitem também refletir sobre as turbulências que envolvem as relações amorosas e sobretudo, pensar a identidade e pertencimento das mulheres quando estabelecem relações íntimas com um parceiro, mas que por ocasião de circunstâncias impostas pela vida, elas assumem outra identidade: a de presidiárias por exemplo. Isto significa refletir sobre o sentido de pertencimento dessas detentas em relação aos seus parceiros (as) amorosos (as), frente a esse cenário de relações frágeis e descompromissadas, uma vez que, a principal

motivação da presente pesquisa é a realidade constatada pelos organismos competentes quanto ao alarmante índice no qual a maioria das mulheres foi presa por se relacionar com homens envolvidos com o crime; e 60% respondem por tráfico de drogas.

Assim, o sentido de pertencimento enquanto um dos objetos de estudo dessa pesquisa é entendido como uma condição - ainda que temporária - dos indivíduos, uma vez que ao criar uma teia de vínculos com o ambiente que os cercam, estes vínculos representam estímulos aos quais os indivíduos reagem emocionalmente e permitem à pessoa o sentimento de pertencer ao ambiente que a cerca, conforme o sítio eletrônico osentidodavida.com:

O sentimento de pertencer, por ser fruto de experiências vivenciadas pela pessoa, tem influência significativa na qualidade das decisões tomadas e na capacidade do ser humano de captar informações e de se relacionar com outras pessoas. Quanto maior o sentimento de pertencer, maior a facilidade para a pessoa tomar decisões adequadas a ela. A pessoa deve buscar satisfazer as suas necessidades preferencialmente em um ambiente do qual se sinta parte integrante. (Osentidodavida.com, 2007).

O trecho acima permite refletir sobre o pertencimento enquanto consequência de convivência de relações estabelecidas, e que têm como base a confiança. O trecho da citação acima, “*Quanto maior o sentimento de pertencer, maior a facilidade para a pessoa tomar decisões adequadas a ela*”, sugere que os indivíduos tendem a tomarem decisões que julgam acertadas com base também em um sentimento de pertencimento ao outro. Possivelmente isso explique fatos corriqueiros que se vivencia, nos quais muitas vezes as mulheres - mesmo no século XXI - ainda são totalmente dependentes dos maridos, sendo incapazes de tomarem decisões até mesmo quanto a vida prática, como economia doméstica etc.

Essa perspectiva retoma a discussão acerca da identidade, que na concepção de Bauman (2005), é vista também como uma dimensão que demanda renovação dos padrões de entendimento até então estabelecidos.

Assim, pensar a identidade significa pensar um identificar-se COM, que dialoga com o dar abrigo e estabelece relações com os lugares em que o sentimento de pertencimento (trabalho, família e amores) se fazem presente de modo que é provável que a sede por convívio se sobreponha ao medo da solidão e de abandono. É nesse sentido que se reforça o que Bauman (2005), salienta quando escreve que *o anseio por identidade vem do desejo de segurança* (pg. 35), desejo este muito bem representado em eventos bastante comuns e facilmente observados na atualidade.

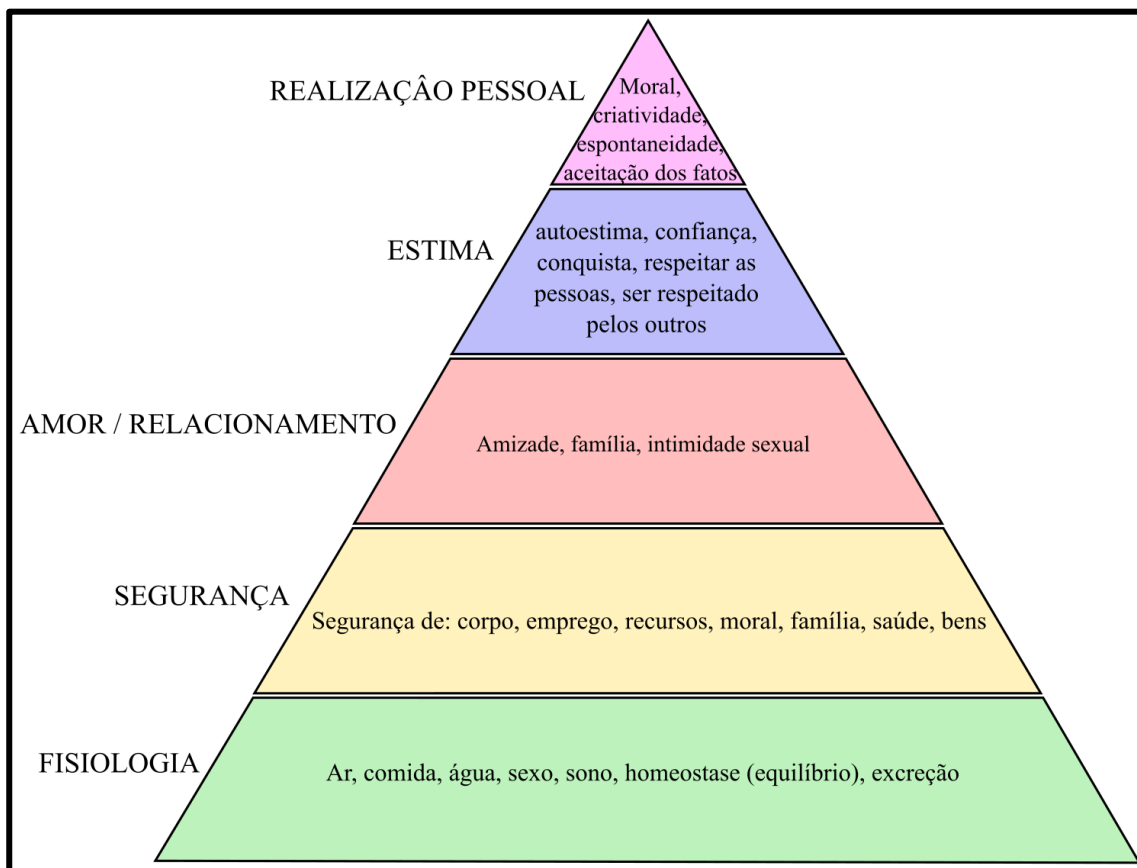
Em aeroportos e outros espaços públicos, pessoas com telefones celulares equipados com fones de ouvido ficam andando para lá e para cá, falando sozinhas e em voz alta, como esquizofrênicos paranoicos, cegas ao ambiente ao seu redor. [...] mais e mais pessoas deixam de se entregar a seus pensamentos para, em vez disso, verificarem as mensagens deixadas no celular em busca de algum fiapo de evidência de que alguém, em algum lugar, possa desejá-las ou precisar delas. (BAUMAN, 2005 p. 31 e 32)

Quando o autor assinala que *essa necessidade de que em algum lugar, alguém possa desejar ou precisar de si*, está ligado também a permanente e contínua busca por situações que proporcionem conforto e bem-estar; a busca frenética por identidade e pertencimento, que o transportariam a imaginária zona de conforto e acomodação.

O sentido de pertencimento também encontra suas bases no campo da psicologia, e uma das principais, é a teoria de Maslow (1987)⁷, nela, o autor sustenta que os indivíduos são motivados por tipos diferentes de necessidades de acordo com o momento, justificando por exemplo, que o ser humano dependendo da ocasião, concentra tempo e energia em segurança pessoal, já em outro momento, em conseguir uma opinião pessoal favorável por parte de outro. Tais motivações - caracterizadas sob momentos distintos - são explicadas em Maslow, como hierarquia das necessidades humanas, o autor as categorizou na ordem da mais urgente para a menos urgente, sob a forma de pirâmide conforme figura 4 a seguir:

⁷ Abraham Harold Maslow foi um psicólogo americano, conhecido pela proposta Hierarquia de necessidades de Maslow.

Figura 4 - Pirâmide das Necessidades Humanas por Maslow



Fonte: imagens *google*.

Como é possível observar, com base na teoria do psicólogo norte-americano, as necessidades humanas se encontram organizadas sob uma ordem pré-estabelecida, que vai desde as mais básicas até as mais complexas - das biológicas até as psicológicas -. A terceira necessidade da pirâmide é a “Necessidade de Amor e Pertencimento” que se insere no grupo das necessidades sociais e nela se encontra a necessidade de pertencimento. Esta é a necessidade de se comunicar, de ter relações pessoais com outros, com amigos, familiares e relacionamentos íntimos e/ou sexuais com nossos parceiros. Isto em geral, é apenas a necessidade de ter interação social, necessidade de tecer relações sociais.

Diferentes campos do conhecimento estudam o pertencimento, como a Psicologia, a Administração, dentre outros. Neste trabalho, priorizamos as abordagens de autores das Ciências Sociais. Para Marques (2015 n/p) o amor constitui uma importante base para o sentimento de pertencimento pois:

Quando sentimos que amamos e somos amados, sentimos que pertencemos a um local seguro, onde somos compreendidos e aceitos como somos e também oferecemos o mesmo ao outro. Assim, podemos construir relacionamentos onde a troca é recíproca e cada um tenta proporcionar o seu

melhor ao outro. Por isso, quando nossas necessidades de amor e pertencimento não estão sendo atendidas verdadeiramente, por mais que tentemos esconder esta realidade, começamos a nos sentir isolados, sozinhos, solitários, depressivos e começamos a ficar mais introvertidos. Isso ocorre porque um amor não correspondido traz diversas frustrações e a sensação de insuficiência à pessoa.

As considerações acima coadunam com o pensamento de Bauman (2005), quando afirma que existe atualmente a necessidade de que, em algum lugar, naquele momento, alguém possa desejar ou esteja precisando de si, daí o sucesso das redes sociais e instrumentos de comunicação *online*.

Com isso, o autor defende que o sentimento de pertencimento tradicionalmente estava em lugares como trabalho, família, ou qualquer lugar de convívio social, mas se estes estão indisponíveis, os indivíduos tendem a procurar outros espaços que substituam a solidão ou medo de abandono.

3.2.1 identidade e pertencimento

Para iniciarmos as considerações acerca do que se entende por identidade, a priori vale dizer que Hall (2004, p. 8) explica que o conceito de identidade “é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova” Contudo, ele conceitua identidade sob três concepções: iluminismo; sociológico e pós-moderno.

Quanto ao iluminismo o autor considera que essa identidade se configura a partir do nascimento do indivíduo, pois está baseado essencialmente na concepção de ser humano, ou melhor, ao nascer o indivíduo assume uma Identidade humana que carrega consigo ao longo da vida.

A identidade sociológica se configura na relação com outros sujeitos, nas quais são compartilhados conceitos, valores, sentidos e símbolos. Identidade sociológica se configura assim, pela interação entre o sujeito e a sociedade.

A vertente pós moderna da identidade concebida por Hall (2004) é definida pelo viés cultural, e não sob o ponto de vista biológico, porque o indivíduo adquire identidades distintas em momentos distintos, e é exatamente essa identidade “líquida” (BAUMAN, 2005), que aqui nos interessa, uma vez que essa pesquisa se sustenta também por estudar pessoas que estão detentas, são mulheres, são mães, são tatuadas, configurando assim, uma *celebração móvel* (HALL, 2004), constituída e desenvolvida continuamente à medida em que se vive a vida.

Essas dimensões de identidade também podem ser entendidas como cultural, social e pessoal, nesse sentido, a identidade pode ser constituída historicamente, culturalmente, sociologicamente e ainda conceitualmente, o que lhe confere caráter não estático, e sem conclusão definitiva. A identidade cultural se configura pelos costumes do espaço geográfico ao qual o indivíduo pertence como por exemplo, costumes indígenas etc. Já para muitos, a identidade social é representada prioritariamente pela carteira de identidade na qual constam informações sobre nacionalidade, naturalidade etc.

A identidade social passa, ainda hoje, em muitos países pela emissão de um Bilhete de identidade onde se registram as identidades dos indivíduos e cuja função é a de provar que aquele que o possui é efetivamente quem pretende ser. Do ponto de vista da administração, o Bilhete de Identidade é, pois, um original sendo a pessoa de carne e osso o seu duplo, o que, por vezes, pode causar vários problemas como no caso dos transexuais em que um e outro não correspondem. [...] (CASTELA, 2008, P. 66).

Nesse sentido, a identidade pessoal não deve ser reduzida apenas ao que consta em um documento de identidade expedida por um órgão do Estado, mas se configura pelo conjunto de aspectos, sentimentos e anseios que o indivíduo desenvolve sobre si mesmo, e esse conjunto de aspectos pode ter desdobramentos que implicam outras questões como por exemplo, a questão do pertencimento ao outro.

Tais aspectos repercutem de forma tão forte nas pessoas, que atualmente elas imprimem esse sentimento de identidade e pertencimento na própria pele através de tatuagens e utilizam o corpo como tela para uma pintura que exprime aquilo que marca, que identifica, além de em muitos casos adquirir também um sentido de embelezamento o que atualmente, está muito em voga.

Voltando em Bauman (2005), a questão da identidade sempre estabeleceu relação com a sociedade, mas com o surgimento dos fenômenos inerentes à modernidade, ocorreu um deslocamento do “foco” da identidade, porque com a modernidade as identidades se tornaram extremo opostas e líquidas. Nesse ponto de vista, Bauman (2005, p. 18) lembra que “pertencimento e identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. Ou seja: as identidades vão sendo construídas e reconstruídas conforme a vida de cada um. Grizente (2015, p. 19), afirma que:

Giddens (2002), reconhece que numa sociedade tradicional, a Identidade Social das pessoas se limita à própria tradição, pelos laços familiares,

nacionalidade e naturalidade. A modernidade, que é uma condição pós-tradicional, obriga os indivíduos a romperem com princípios preestabelecidos, ressaltando o individualismo, proporcionando ao indivíduo uma identidade "móvel", mutável.

Tais considerações implicam em afirmar que, a condição pós tradicional a qual Giddens se refere, permite que o "eu" se torne cada vez mais, um projeto reflexivo no qual os indivíduos se distanciam de suas tradições, ao mesmo tempo que emergem para esses indivíduos inúmeras possibilidades e escolhas, tornando as identidades cada vez mais "líquidas" e instáveis.

3.2.2 A Identidade na Tatuagem

Assumindo que identidade não é algo definido nem definitivo, e que ela se transforma de acordo com os eventos que a vida impõe, pensar na relação estabelecida entre identidade e tatuagem faz emergir um contrassenso, especialmente ao se considerar que a tatuagem foi durante muito tempo algo definitivo, e até nos dias atuais, ela pode ser considerada como definitiva, uma vez que, o processo de retirada da tatuagem na pele (laser) ainda é muito difícil, doloroso, demorado e caro.

Para Watson (1998), a relação entre o símbolo da tatuagem, local, (se é aparente ou não) e identidade é muito significativa pois para o autor, as mulheres normalmente tatuam em lugares em que a roupa possa cobrir, ele esclarece que muito provavelmente trata-se de uma tentativa de manter uma imagem imaculada da sua identidade. Ao contrário, os homens tendem a escolher locais aparentes para fazerem suas tatuagens, e isso estaria ligado – entre outros motivos – a uma nova tendência de tatuagem ligada ao conceito de poder.

Para Chaves e Silva (2012), três campos de conhecimento são essenciais no que se refere à temática da tatuagem. São eles: a antropologia, a sociologia e a psicologia⁸, para esses autores, essas áreas de conhecimento estabelecem diálogos interdisciplinares que contribuem e ampliam a compreensão da humanidade e seus diferentes grupos sociais. Nesse sentido Berger (1985), complementa que é a estrutura social na qual o

⁸ Este assunto está registrado no trabalho da autora "Pertencimento, tatuagem e presidiárias: o que tem de Interdisciplinar?" Publicado nos Anais Eletrônicos do 16 Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia-SBHC- 15 e 18 de outubro de 2018, Campina Grande, Paraíba

indivíduo está inserido que determina o desenvolvimento e permanência da identidade, e ao contrário, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social opõem-se a determinados eventos da vida transformando essa identidade. Sob essa perspectiva, a tatuagem mostra aspectos individuais e coletivos, e um exemplo disso, é o que acontece dentro das prisões.

Chaves e Silva (2012), afirmam que muitas pessoas atualmente têm tatuagem, e que muitas são ou foram tatuados dentro das prisões (cadeias, delegacias ou penitenciárias). Dentre estes, existem pessoas que escolheram ser tatuadas, outras não. “Ouvi relatos de pessoas presas que foram tatuadas por outros, coagidas ou mesmo obrigadas, e assim, carregavam símbolo de exclusão”. (CHAVES e SILVA, 2012, p. 45).

Nesse relato, são apresentadas de forma bastante enfática, questões de identidade e estigma. Essas questões demarcam a representatividade individual e coletiva da tatuagem a qual nos referimos acima. Dessa forma é possível entender que as tatuagens não apresentam apenas caráter estigmatizante como nos conta a história (da qual trataremos no capítulo 5), mas para alguns elas são também, escolhas e fator de identidade. Atualmente o significado da tatuagem normalmente é construído na relação com a forma em que o tatuado se apropria da tatuagem, é nesse momento que uma série de elementos se fazem importantes, como a quantidade, o tamanho, o local, e a forma de usar a tatuagem, exibi-la ou escondê-la.

Dessa forma, quando Bauman (2005), diz que a busca por identidade é uma forma de buscar segurança - e isso é reforçado pelas pontuações de Chaves e Silva (2012), quando se referem a representatividade individual e coletiva - é possível pensar que isso estabelece relações com o que Giddens (2002), denominou *segurança ontológica*, que para o autor, é uma resposta aos possíveis questionamentos vindos do próprio indivíduo. Essa resposta é que alicerça a formação cognitiva, emocional e existencial do indivíduo.

A segurança ontológica tem em sua gênese, a psicologia e, particularmente os mecanismos de controle da ansiedade básica, dessa forma significa a capacidade do indivíduo em levar a vida sem deixar que as ansiedades e questões existenciais interfiram negativamente na condução de sua vida. Em suma, significa o sentimento de confiança intrínseco, muitas vezes alicerçado pela segurança que o próprio corpo proporciona como por exemplo, muitas mulheres que confiantes de seus corpos, se

sentem seguras porque sabem que sua aparência e formato físico do corpo representam alvo de admiração, haja visto a proliferação das clínicas de estética. Contudo, a segurança ontológica não deve ser confundida com soberba ou arrogância, características intrínsecas a um sujeito voltado para si próprio e que subestima as relações sociais (SENNETT 2009). Também não deve ser confundida com o narcisista, aquele que está sempre se auto admirando, mas sim, entender que ela constitui também a identidade do indivíduo, e que ela suscita questões relativas às alegrias, frustrações, amores, expectativas e trajetória de vida dos indivíduos, isso é o EU de cada um, a sua identidade, que muitas vezes está “estampada” na pele através das tatuagens. (GIDDENS, 2002).

... então por isso que eu fiz a guitarra. O que representam para mim as tatuagens? Representam música, representam minha identidade, meu eu sabe? Mais ou menos isso. (Entrevistado 1). Grizente, 2015. p. 55).

O trecho acima, fragmento de entrevista realizada por Grizente (2015), contribui para o entendimento da tatuagem como identidade, as palavras do participante - *representa meu eu, minha identidade* - estão diretamente relacionadas com identidade, identidade esta, aqui discutida à luz de vertentes distintas, mas com sua representatividade reafirmada através da tatuagem. Dessa forma, pensar a identidade e sua relação com tatuagem implica lembrar a mulher enquanto identidade feminina, que historicamente, assume posição de subalternidade desde a antiguidade, até nos dias atuais, e isso se configura muitas vezes, de forma implícita como lembra Bourdieu (2002 p. 3):

Também, sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas de comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

A violência simbólica a qual o autor se refere, normalmente se configura na forma de falar embutida nos comentários degradantes e muitas vezes sarcásticos; nas atitudes arrogantes que ocorrem normalmente, não apenas, mas também no próprio ambiente doméstico. Dessa forma, a identidade feminina se insere no contexto de distintas vertentes e constantes transformações, permeadas por um percurso histórico constituído por transformações significativas quanto a sua posição no contexto social, cultural e político, mas que, esteve por muito tempo ligado às minorias, conforme melhor detalhado a seguir:

3.3 As minorias (identidades) estigmatizadas ao longo do tempo

3.3.1 Mulheres

Refletir sobre minorias à luz do aspecto sociológico, supõe que elas estão na maioria das vezes associadas a condições sociais mais frágeis. É nesse sentido, que Perrot (2017), já no título de sua obra trata a questão como “Os excluídos da História” e nela, coloca os operários, as mulheres e os prisioneiros, aqui priorizamos as mulheres. A autora contextualiza a história das mulheres como excluídas, enfatizando a relação delas com o poder, mas apresenta um paradoxo:

Mas então as mulheres não deteriam de fato a realidade do poder? “É um sexo que se chama frágil e, no entanto, exerce, seja sobre a família, seja sobre a sociedade, uma espécie de onipotência tanto para o bem como para o mal”, prega o Padre Mercier, cuja demonstração foi analisada magnificamente por Marcel Bernos. (PERROT, 2017, p. 178).

Esta, é uma inversão ainda bastante atual, apesar de discursos do tipo “A transformação do mundo virá pelas mulheres” Giscard d’Estaing. In. Perrot (20017 p. 179), como prega a lenda da mulher “redentora”, o fato é que, a supremacia masculina sobre a mulher ainda no século XXI, parece ser uma realidade devido a diversos fatores, e um dos mais emblemáticos é o índice de violência contra a mulher.

De acordo com Waiselfisz (2015), em dez anos, no período compreendido entre 2003 e 2013, o número de vítimas de homicídios do sexo feminino no Brasil passou de 3.937 para 4.762. Isso significa um aumento de 21,0% na década, o que representa 13 homicídios femininos diários, conforme demonstrado no gráfico a seguir:

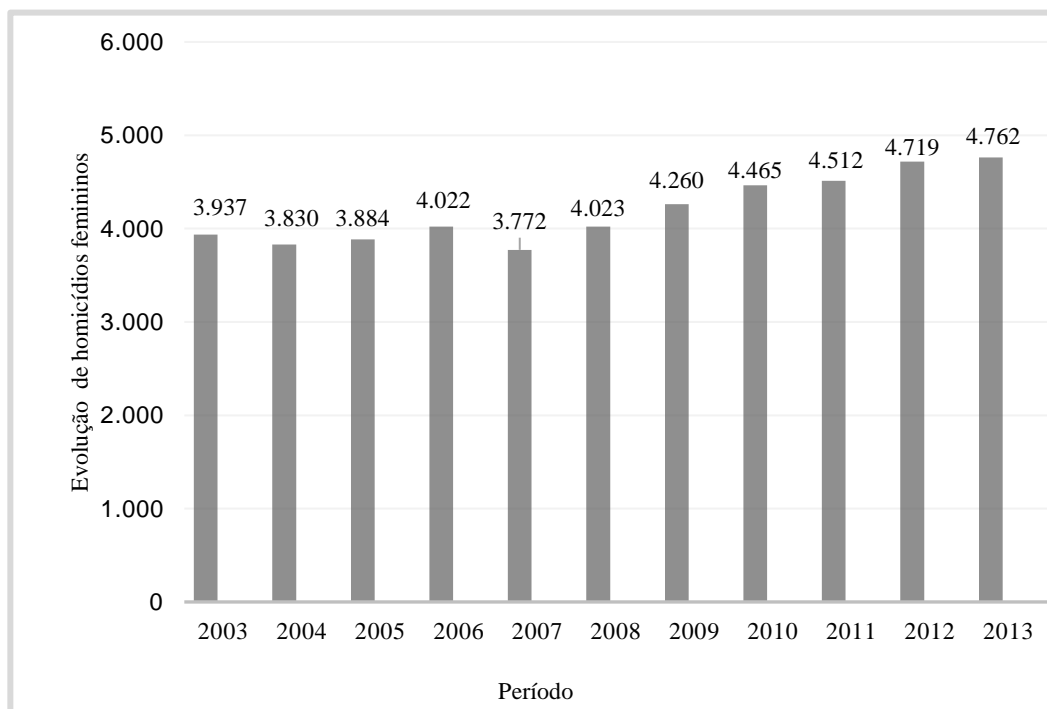


Gráfico 1- - Evolução do índice de homicídios femininos - elaborado pela autora com base em Waiselfisz (2015)

O gráfico acima permite observar que o aumento mais acentuado se dá a partir do ano de 2006, pois muito embora no ano de 2007 tenha havido queda significativa nas taxas, de 4,2 para 3,9 por 100 mil mulheres, imediatamente, no ano de 2008 os índices voltam a subir, inclusive superando os índices de 2006, observando-se também aumento significativo de 2006 para 2010. Porém, ainda que as taxas tenham continuado aumentando, é possível observar que, a partir de 2010 os índices de crescimento são menores.

Além disso, a vertente étnica também influencia nos índices de violência contra a mulher, e na relação de gênero e homicídio, há fatores comuns à discriminação de gênero e à de etnia, raça/cor conforme demonstrado no gráfico a seguir:

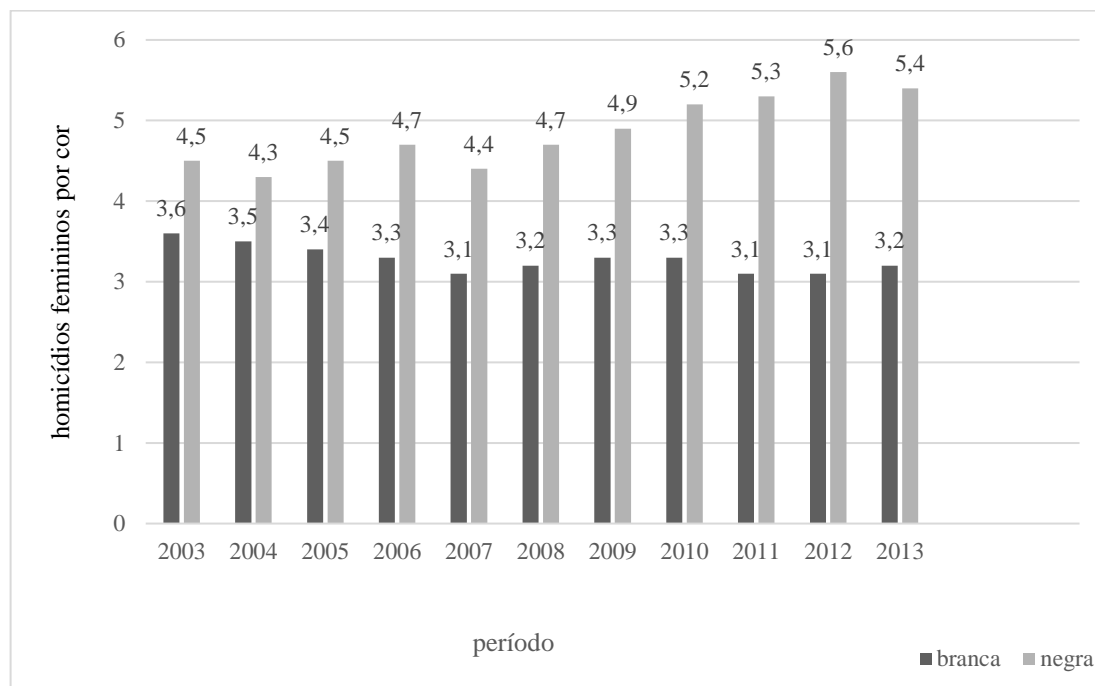


Gráfico 2- Índice de homicídios femininos por cor por cem mil habitantes - elaborado pela autora com base em Waiselfisz (2015)

O Gráfico 2 demonstra a discrepância entre os números que indicam os feminicídios quanto à cor das mulheres durante o período de dez anos, o índice de homicídios de mulheres negras foi maior em absolutamente todo o período, apresentando seu pico no ano de 2012, no qual, 3,1% se refere às mulheres brancas e 5,6% às negras. Os demonstrativos acima se referem ao cenário até o ano de 2013, porém, em março de 2015, emerge a lei Federal nº 13.104 que determina:

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

A referida lei modifica o entendimento a respeito da violência contra a mulher, especificando o que configura o crime, e nomeando-o como feminicídio conforme abaixo:

Feminicídio VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino:
A: Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve:

I - Violência doméstica e familiar;

II - Menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

Mesmo com a lei que trata o crime contra mulheres como crime hediondo, o cenário continua preocupante, pois de acordo com o Mapa da Violência contra a Mulher

(BRASIL, 2018), 15.925 mulheres foram vítimas de feminicídio. A maioria das mulheres assassinadas nessa condição se encontravam na faixa etária entre 18 e 59 anos (90,8%). Mulheres com menos de 18 anos de idade correspondem a 6,7% das vítimas, e idosas (2,5%). Companheiros e ex-companheiros correspondem a 95,2% dos autores desse crime. Além disso, ainda de acordo com o Relatório Mapa da Violência contra a Mulher, no ano de 2018 foram registrados 32.916 casos de estupro; 14.796 casos de violência doméstica; 72 casos de importunação sexual - Lei n. 13.718/18 (BRASIL, 2018). Ou seja: a violência contra a mulher vem aumentando significativamente.

No entanto, não se pode deixar de considerar o aumento da população feminina, que também de acordo com Waiselfisz (2015), passou de 89,8 para 99,8 milhões, o que representa um crescimento de 11,1%. No entanto, apesar da criação da Lei Maria da Penha, que passa a vigorar a partir do ano de 2006, justamente na tentativa de coibir a violência contra a mulher, e da Lei do feminicídio, 15.925 mulheres assassinadas em um ano indica a urgência de novas políticas públicas que visem a modificar esse quadro.

Esse é o pior cenário que se pode cogitar em relação à dominação masculina, e não é apenas isso, outro fator que demonstra essa disparidade de gênero, é quanto ao mercado de trabalho. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho-OIT (MARQUES e SANCHES, 2010), o trabalho é a condição para que os indivíduos possam superar a situação de pobreza e ter acesso a condições de vida dignas. A força de trabalho representa, portanto, o único meio pelo qual, aqueles que se encontram em situação de pobreza podem vislumbrar alguma transformação de suas realidades. Mas, além da pobreza, retorna-se a questão da desigualdade de gênero:

No Brasil, as discriminações associadas a gênero e raça estão na matriz das desigualdades, contribuindo para a permanência da pobreza e da exclusão social. Foram produzidas historicamente e são reproduzidas cotidianamente no mercado de trabalho e na sociedade. Incorporar a dimensão de gênero e raça à análise do mercado de trabalho implica assumir que a posição da mulher e dos negros é desigual em relação aos homens e aos brancos e que questões como emprego e desemprego, trabalho precário e remuneração, entre outras, manifestam-se e são vividas de forma desigual entre esses trabalhadores e trabalhadoras. (MARQUES e SANCHES, 2010, p. 54).

Para a OIT, a desigualdade é fato, mas não pura e simplesmente um fato, ela abrange outras questões que repercutem na vida social e econômica do país, e tentar solucionar tais questões implica em entender a real situação das mulheres e também dos

negros, sobretudo quando se pensa na elaboração de políticas públicas que visem a redução da desigualdade de gênero no Brasil.

A situação de desigualdade das mulheres manifesta-se de formas variadas: ocupação dos postos mais baixos da escala salarial, com maior grau de precarização; remuneração desigual em ocupações de igual categoria; discriminação na admissão, promoção e qualificação. (MORAES, 2010. P. 86).

Como se não bastasse tais discriminações, as mulheres têm que aprender a conciliar as atividades profissionais com as responsabilidades familiares, o que significa dupla, às vezes até tripla jornada de trabalho. Ou seja: se por um lado, às mulheres ao longo do tempo, vêm sendo incorporadas às atividades produtivas, e se inserindo nas relações de poder, por outro, a desigualdade entre homens e mulheres não têm diminuído, como bem demonstra Kometani (2017), quanto a desigualdade de salários:

Quadro 1- diferença salarial homens/mulheres.

CARGO	Remuneração Homens	Remuneração mulheres	Diferença	Diferença %
Analistas	R\$ 4.040,00	R\$ 3.356,00	R\$ 684,00	17%
Assistentes e Auxiliares	R\$ 1.704,00	R\$ 1.564,00	R\$ 140,00	8%
Consultor	R\$ 5.457,00	R\$ 3.359,00	R\$ 2.098,00	38%
Coordenadores e Gerentes	R\$ 12.006,00	R\$ 8.183,00	R\$ 3.823,00	32%
Cargos operacionais	R\$ 1.869,00	R\$ 1.183,00	R\$ 686,00	37%
Especialistas graduados	R\$ 6.164,00	R\$ 4.071,00	R\$ 2.093,00	34%
Especialistas Técnicos	R\$ 3.062,00	R\$ 2.078,00	R\$ 984,00	32%
Supervisores e encarregados	R\$ 5.242,00	R\$ 4.092,00	R\$ 1.150,00	22%
Trainee e estagiário	R\$ 1.236,00	R\$ 1.062,00	R\$ 174,00	14%

Elaborado pela autora com base em Kometani (2017)

O quadro acima demonstra a desigualdade em relação a remuneração de alguns cargos, porém, quando pagos às mulheres eles sofrem uma redução de até 40%, conforme é possível observar quanto ao cargo de Consultor. Bourdieu (2002, p. 2-3), em sua obra a “Dominação Masculina” defende que ela é fato socialmente construído e que, se faz presente nas diversas instituições às quais os indivíduos fazem parte, e que ela advém de diversos fatores como por exemplo a dominação tácita, mas corriqueira no ambiente doméstico.

Também sempre vi na *dominação masculina*, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas de comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, ou, em última instância, do sentimento.

O autor classifica essa dominação tácita, como *violência simbólica*, justamente porque está nas entrelinhas, se constitui sob a forma de prática constituída, mas velada, que se faz presente nos pequenos gestos corriqueiros, mas que fortalece cada vez mais a dominação masculina e a subalternidade feminina, que inclusive, é vista como algo mais grave, como se fosse feio e humilhante ser mulher. Bourdieu (2002), cita o termo *libido dominandi* quando se refere a penetração em um homem, e quando estabelece a relação entre sexualidade e poder, pois uma das formas de forte humilhação para um homem incide em assumir a posição feminina em uma relação sexual, “feminilizar” um homem significa humilhá-lo.

A supremacia masculina predomina nas relações sociais que se estabelecem no convívio, na comunicação, ou no “desconhecimento” da mulher, uma vez que não se atenta para o fato de que pequenos atos, curtas palavras as colocam muitas vezes em estado de submissão, mas, o sentimento ao qual Bourdieu se referiu parece representar um elemento substancial para a perpetuação da superioridade masculina, porque, se por um lado, na antiguidade as mulheres não tinham o direito ao prazer sexual⁹, e a reversão dessa situação foi vista como uma conquista mas, esta suposta conquista pode não representar um avanço real, pois “o gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar” (BOURDIEU, 2002, p.15).

Bauman (2005), reflete essas questões à luz dos conceitos de identidade e pertencimento, ao fazer alusão às declarações de Anthony Giddens (2002), sobre “a antiga ideia romântica de amor como uma parceria exclusiva até que a morte nos separe substituía, no decorrer da libertação individual, pelo amor confluyente.” Bauman (2005,

⁹ Nas civilizações gregas, por exemplo, a mulher era vista como uma criatura subumana, inferior ao homem, menosprezada moral e socialmente, e não tinha direito algum; já na Alexandria romanizada, a mulher era tida como alma inferior e símbolo de menor racionalidade; semelhante ao que ocorria na Idade Média onde nada era permitido à mulher – a quem competia unicamente a função de obedecer ao marido e gerar filhos (Emancipação, Ponta Grossa, 16(1): 81-93, 2016. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>. Acesso em 12 maio 2018.

p.71), aquele que permanece enquanto ambos quiserem. Ou seja: no caso dos relacionamentos, existe um acordo subliminar sobre permissão para entrar e permissão para sair a partir da vontade de um dos envolvidos no relacionamento, o que seria libertador. Porém, o autor adverte que:

[...]como o início de um relacionamento exige consentimento mútuo, ao passo que a decisão de um dos parceiros é suficiente para encerrá-lo, toda parceria está fadada a ser permanentemente derrotada pela ansiedade: e se a pessoa se aborrecer antes de mim”? (BAUMAN, 2005, p. 72)

Todas essas desigualdades que se estabelecem nas relações entre homens e mulheres, culturalmente perduram ao longo do tempo, porém, o tema mulher, sem dúvida também tem sido objeto de discussão, se fazendo presente na pauta dos diversos discursos e em diversos espaços, muitas vezes pelas suas conquistas, porém, nem sempre essas discussões são suscitadas pelos motivos mais nobres.

3.3.2 Conclusões do capítulo

A contextualização do tema pertencimento na presente pesquisa à luz das ciências sociais, explica-o como uma necessidade dos indivíduos que buscam bem-estar e segurança. Nessa perspectiva, pertencimento e identidade se complementam constituindo uma rede permeada pela identidade feminina, identidade esta que dialoga com uma condição estigmatizante de mulheres enquanto minorias, uma vez que os índices de homicídios femininos no Brasil são uma realidade crescente, assim como a disparidade salarial.

Nesse sentido, pertencimento, identidade e a representação desta através de tatuagens, estabelece relação com a identidade feminina e com a dominação masculina em consequência das desigualdades que se estabeleceram e se constituíram culturalmente e perduram ao longo do tempo, colocando as mulheres em uma condição de evidência cujas motivações representam contínuas lutas e muitas vezes tímidas conquistas, especialmente no que diz respeito à sua feminilidade.

4 MULHERES NAS PRISÕES

É pelas gestantes, os bebês nascidos no chão das cadeias e as lésbicas que não podem receber visitas de suas esposas e filhos que temos que lembrar que alguns desses presos, sim, menstruam.

(Nana Queiroz)

4.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

A situação das mulheres nas prisões vem chamando a atenção primeiro pelo elevado índice de mulheres presas e também pela especificidade de suas necessidades quando se encontram em um ambiente que não foi pensado para elas, o que se comprova com as teorias apresentadas por teóricos como Cerneka (2012); Queiroz (2017). Nesse sentido, faz-se necessário compreender ainda que de forma superficial, a história das prisões e como elas por muito tempo, não se destinaram às mulheres, observando a lacuna literária em relação a situação das prisões.

Especificamente em relação às prisões femininas, elas só emergiram após a década de 1940, e a pioneira do Brasil foi a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, administrada pela igreja católica por um período superior a 30 anos. Nesse capítulo, também se encontra a abordagem da realidade atual das mulheres que se encontram privadas de liberdade.

4.1.1 breve história das prisões no Brasil

Como ponto de partida da discussão acerca do expressivo aumento do número de mulheres presas no Brasil, e assumindo que a pena de prisão é efeito social, portanto, permeado por historicidade, é necessário contextualizar a história das prisões brasileiras, para que a posteriori, possamos melhor analisar o fenômeno do índice alarmante de mulheres encarceradas que acontece atualmente no país.

No entanto, Maia *et al* (2017, p. 21) adverte que: “Michel Foucault lamentava a falta de monografia sobre as prisões, trabalhos que fizesse aparecer os “discursos em suas conexões estratégicas”, os “formulados sobre a prisão” e os “que vêm da prisão”. Ou seja: existe uma lacuna literária quanto a história das prisões no Brasil, o que de

certa forma foi verificado por ocasião das pesquisas bibliográficas para a contextualização do presente capítulo, quando se verificou que a obra de Michel Foucault -Vigiar e punir - teve grande repercussão no Brasil, porém, isso se deu em relação aos organismos de controle nas prisões, mas a prisão em si, como objeto principal e foco de estudos, tem sido dispensada.

Dito isso, cabe enfatizar que de acordo com Ressel (2007), na antiguidade, as penas eram utilizadas como vingança de um delito cometido, ou seja: o delinquente precisava sofrer os mesmos danos que causou a sua vítima. Na Idade Média, a repressão alcança seu ápice pois este é um período marcado por penas capitais, tortura e amputações de todos os tipos, desde orelhas até órgãos genitais, marcação com ferro quente, cegamento, e dilacerações dos membros até a morte, eram práticas usuais como forma de penalidade.

As condenações eram feitas em público, e isso era estratégico, pois fazia parte de um rito que visava sobretudo impressionar as pessoas. Essas cerimônias via de regra eram extensas, e configurava um evento no qual uma tocha era carregada pelas vias públicas, onde todos caminhavam até o local da execução conduzindo cartazes no qual constava o crime cometido. Outra prática que fazia parte do ritual era a confissão pública nas portas das igrejas e a leitura da sentença de condenação era executada repetidas vezes.

Essas práticas, a princípio, causavam impacto, porém, de tanto se repetirem, aos poucos já não surtia efeito disciplinador e foi deixando de causar nas pessoas o horror esperado e o ritual já não cumpria com seu papel de causar espanto. Além disso, houve intervenção da igreja católica defendendo que em cada indivíduo, por pior que seja, há alguma humanidade que deve ser considerada, e isso, era totalmente contrário às práticas de condenação por crimes cometidos. (RESSEL, 2007).

Demorou, e somente por volta da primeira metade do século XIX essas práticas foram banidas, emergindo assim o sistema de prisões. Maia *et al* (2007), afirmam que a princípio, a pena de prisão foi vista como um progresso em relação aos costumes morais da sociedade, que não mais admitia espetáculos de tortura em público.

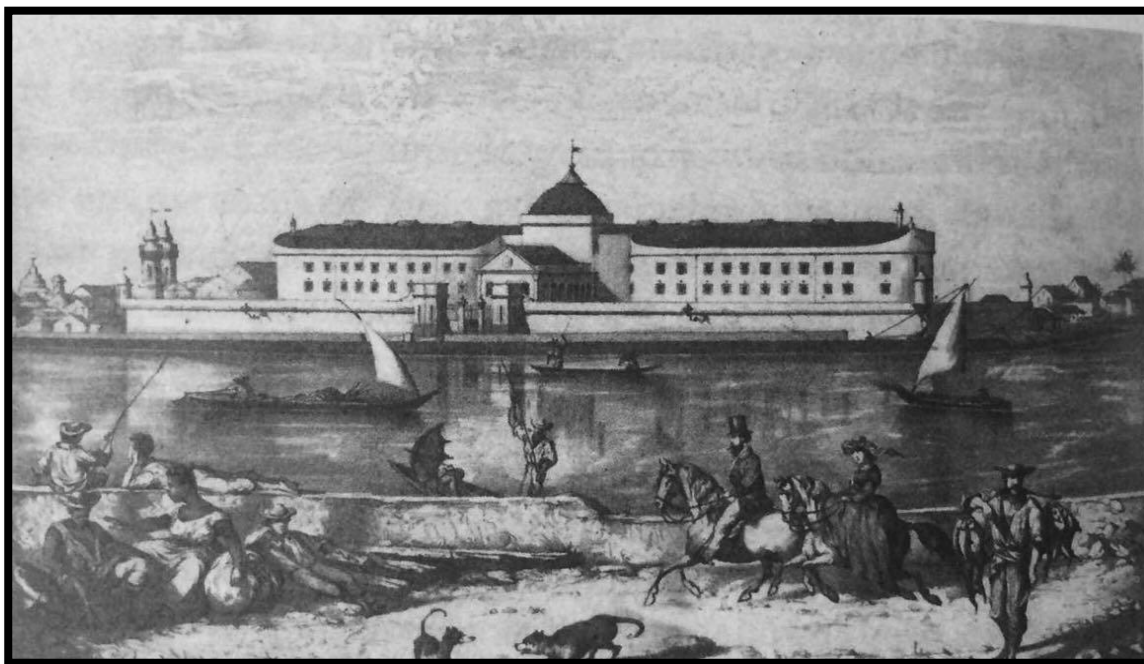
No entanto, isso resultou em grandes discussões, uma vez que muitos defendiam que se a pena fosse muito severa, mais crimes seriam cometidos para escapar do castigo, surtindo um efeito “dominó” ou “bola de neve”, o que equivale nos dias atuais, ao

exemplo de um criminoso quando flagrado, e recebe ordem de prisão, ele tende a fugir, e para isso, rouba um carro, agravando sua situação. Contudo, Ressel (2007), afirma que em razão das condições econômicas da época não permitirem construção de prisões adequadas para receber os criminosos, as prisões eram feitas inicialmente nos palácios dos reis que utilizava as dependências dos templos, porém, essas dependências foram se tornando insuficientes, e outros tipos de aprisionamentos foram sendo utilizados, como por exemplo, buracos em forma de fossas, onde o preso se decompunha em meio a imundície e vermes.

Após muitas discussões acerca do assunto pelo mundo, Jeremy Bentham¹⁰ idealizou o modelo *pan-óptico*, que recuperaria os criminosos através de completa vigilância, isso se daria através de uma torre central da prisão, na qual seria possível os carcereiros observarem e controlarem totalmente os presos, e seguindo essa tendência, ainda de acordo com Maia (2017), a Casa de Detenção do Recife foi idealizada sob os moldes *pan-óptico radiante* e começou a ser construída em 1850, não exatamente como o idealizado por Jeremy Bentham, e sim com quatro raios, sendo um destinado a administração, e os demais separavam os presos por classes, o presídio ocupava 8.400m², desses, 6 mil metros eram de pátio externo.

¹⁰ Jeremy Bentham (1748-1832) foi um filósofo inglês e jurista teórico que chefiou um grupo de filósofos radicais, conhecidos como “utilitaristas” que pregavam reformas políticas e sociais, entre elas uma nova Constituição para o país.

Figura 5 - Casa de Detenção de Recife-Pe



Fonte: Maia (2017).

Apesar de não ter sido a primeira prisão construída no Brasil, a casa de detenção de Recife se destaca aqui, pois foi a primeira a ser construída utilizando como referência o modelo *pan-ótico*, e considerando a época - o ano de 1850 - é possível conceber o efeito que uma construção dessa envergadura ocasionou na imaginação popular, por sua imponência e sua forma em cruz, alimentando provavelmente o ego das elites. Mas, dez anos após o início da construção, escreve Maia (2017, p. 120)

Devido a superlotação, os administradores não cumpriam o regulamento de separar os indivíduos por classes [...], em duas celas, com capacidade para cinco pessoas cada, havia 28 mulheres, entre processadas, sentenciadas, correccionais e enfermas, uma vez que não existia enfermaria destinada exclusivamente para mulheres.

Muito embora a cadeia tenha sido idealizada para controle total sobre os detentos, os problemas emergiram, se avolumaram e se agravaram, a exemplo do que ocorre nos dias atuais nas prisões brasileiras. O Rio de Janeiro do século XIX a exemplo do restante do país, também registra suas mazelas carcerárias, conforme Bretas (2017, p. 189), pondera: *as prisões brasileiras do século XIX eram lugares de morte*. O autor lembra que os índices da Casa de Correção do Rio de Janeiro mostravam dados impressionantes, e que entre 1850 e 1869, 1.099 pessoas foram presas, e dessas 245 morreram na prisão. De casa de Correção, passando a casa de Detenção, algumas

reformas ocorreram, porém, o sistema carcerário brasileiro começa a despertar interesse jornalístico, e por sua característica e subcultura própria produz uma realidade à parte:

A casa de Detenção é uma cidade entregue ao ilustre coronel Meira Lima. Tem comércio, tem autoridades, política, clubs chics e bagunças – tem amores e até literatura emocional. Com capacidade para 800 presos, abriga, em média, mais de mil – de ambos os sexos, de várias idades e várias classes sociais. Acorda com o sol. Os cubículos são casas de família. Há palacetes nobres – os salões ns. um e dois. É Flamengo e Botafogo. Há casas de menos vulto, com moradores igualmente importantes: a primeira e terceira galerias, em as quais vivem dois condenados em cada prisão. A primeira e terceira galerias equivalem à Tijuca e Vila Isabel. A segunda galeria, de um lado é Mangue, Catumbi e Ponta do Caju – do outro lado é Saúde, Madureira e Favela. Gente pesada. (BRETAS, 2017, p. 205).

A metáfora da casa de detenção como uma cidade dividida por bairros, representa na verdade, a separação por classes sociais, a zona nobre e as zonas pobres, o que se pode pensar em uma sociedade que é prisioneira de um sistema perverso no qual, quem detém poder predomina sobre os demais.

Mas, o fato é que as prisões representam muita coisa ao mesmo tempo, são instituições que carregam a marca de acolherem pessoas que vivem à margem da lei; são instituições que também representam a força e a domínio do Estado; representam um espaço no qual parece ser produzido conflitos, resistências e o desenvolvimento de formas subalternas de socialização e cultura, especialmente sobre as classes populares, onde muitos vivem parte de suas vidas e produzem contradições e tensões que repercutem na sociedade, e essas contradições se mostram ainda mais gritantes quando se trata de mulheres, uma vez que elas necessitam de condições que lhes são peculiares, por sua própria condição genética.

4.2 um conciso panorama histórico das prisões femininas.

De acordo com Rio (2007), no ano de 1920, as mulheres detentas, eram em sua grande maioria, pertencentes a mesma classe social e tinham o mesmo perfil.

São moradoras do morro da Favela, das ruelas próximas ao quartel general, dos becos que desaguam no largo da Lapa, das ruas da Conceição, S. Jorge e Nuncio. Quase sempre brigavam por causa de uma “tentação” que tentava e pretendia satisfazer as duas. Outras atiraram-se à cara dos apaixonados num desespero de bebedeira. (RIO, 2007, p. 195).

A obra do jornalista João do Rio, dedica parte a retratar o perfil das mulheres detentas e afirma que eram faveladas, negras, alcoólatras, e muitas delas,

vítimas de distúrbios neurológicos. À época, Rio apurou que na cadeia visitada haviam menos de sessenta mulheres. “Quantas presas? Há atualmente cinquenta e oito, divididas por três salas, uma das quais é enfermaria.” (Rio, 2007, p. 194). Fazendo um paralelo com as detentas atuais, de acordo com Varella (2017), só no Presídio Feminino da Capital, em São Paulo, existem 2400 prisioneiras.

Antes da década de 1940, não era previsto legalmente o encarceramento das mulheres, não se pensava nas mulheres como criminosas, ou pior: as mulheres não ocupavam espaço na agenda de discussão acerca de qualquer assunto que envolvesse sua cultura ou sociologia, afinal [...] *tradicionalmente, a investigação criminológica tendeu a ignorar as mulheres, já que a criminalidade é um fenômeno predominantemente masculino* (Freitas, 2013, p. 5), assim:

O confinamento de mulheres em prisões (locais ou em penitenciárias) existia, desde, pelo menos, o século XVIII. Entretanto, este encarceramento acontecia sob condições muito variadas, sem qualquer regulamentação, até pelo menos a década de 1820 na Europa. O encarceramento das mulheres era praticado de acordo com os desígnios das autoridades responsáveis pela detenção. Não havia obrigatoriedade legal de aprisionar mulheres separadas dos homens, de modo que se a autoridade responsável pela detenção não o fizesse, não responderia legalmente por isso. (ARTUR, 2011 p. 28)

O cenário descrito na citação acima perdurou por muito tempo, e de acordo com Aguirre (2017), a única inovação da segunda metade do século XIX, em termos de prisões, foi a abertura de prisões exclusivamente femininas na América latina.

A iniciativa de criar centros de detenção femininos não provinha, geralmente, das autoridades do Estado nem dos reformadores de prisões, mas de grupos filantrópicos e religiosos. As irmãs do Bom Pastor, congregação que havia sido muito ativa na administração de prisões de mulheres em países como o Canadá e a França, começaram a administrar tais casas de correção em Santiago do Chile (1857), Lima (1871) e Buenos Aires (1880). (AGUIRRE, 2017 p. 50-51).

Tal iniciativa ocorreu devido aos diversos problemas encontrados com as mulheres que até então ocupavam espaços masculinos nas prisões, o que ocasionava diversas dificuldades para a administração e para as próprias mulheres. No Brasil, a previsão Legal para prisões femininas só passou a existir por força do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 que diz: § 2º “As mulheres cumprem pena em estabelecimento especial, ou, à falta, em secção adequada de penitenciária ou prisão comum, ficando sujeitas a trabalho interno.”

Com isso, foi inaugurada a primeira penitenciária exclusiva para mulheres, que nasceu e permaneceu por mais de trinta anos sob a gestão de um grupo religioso, a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, que desenvolvia prioritariamente a prática do trabalho doméstico junto às detentas e reforçavam a divisão dos papéis sociais entre mulheres e homens, fortalecendo a *domesticação do regime de execução penal* (ARTUR, 2011).

Figura 6 - Presas executando trabalhos na penitenciária



Fonte: ARTUR, (2011).

A fotografia acima mostra mulheres devidamente uniformizadas e trabalhando em afazeres domésticos que são tradicionalmente atribuídas as mulheres, como costura e bordado.

Isto posto, avança-se no tempo e se verifica que atualmente o número de mulheres presas no Brasil alcançou índices alarmantes, de acordo com o Ministério da Justiça/MJ-INFOPEN (2015), o número de detentas cresce a cada ano, conforme demonstrado abaixo, considerando o marco temporal do ano 2000 até o ano 2014.

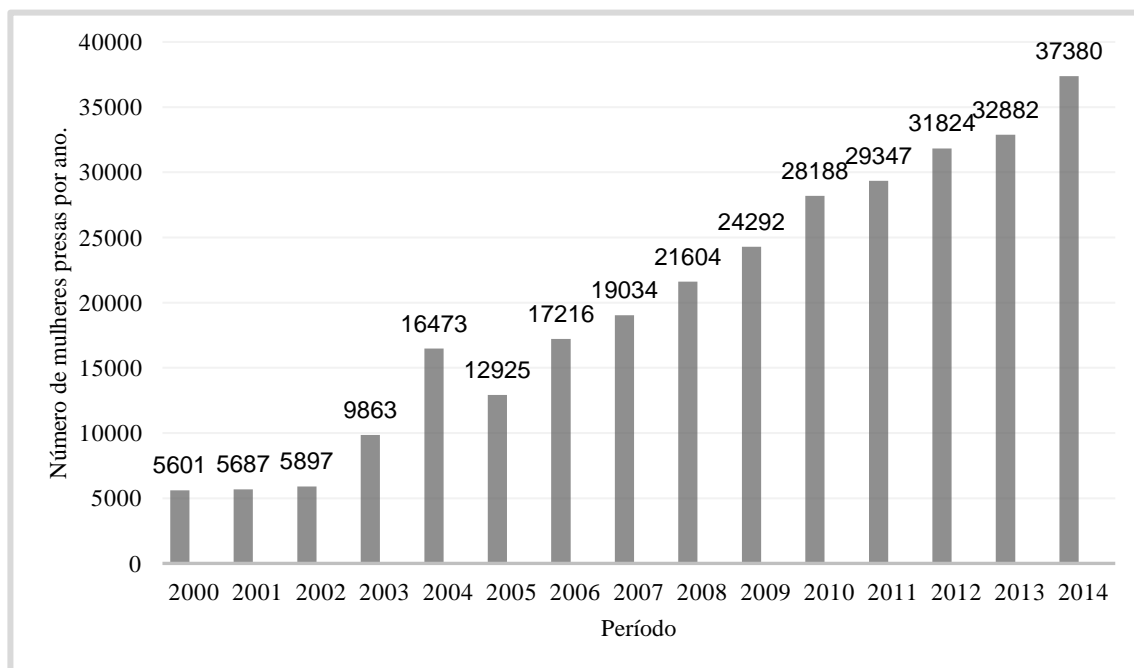


Gráfico 3- número de mulheres presas por ano - Fonte: MJ-Infopem (2015).

O gráfico mostra que, salvo exceção do ano de 2005 em relação ao ano de 2004, a curva representativa ascende a cada ano, o que sinaliza que a população carcerária feminina atualmente no Brasil, é uma realidade crescente. Vale lembrar que a Lei nº 11.343, (Lei das drogas), foi instituída em 23 de agosto de 2006, quando o ano já se findava, começando a surtir efeito no ano de 2007, e nela consta:

[...] institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências.

A referida lei em vigor, possivelmente explique o índice elevado de mulheres presas no Brasil, de 17.216 no ano de 2006 para 19.034 em 2007, e que a partir daí os índices só aumentaram, até o ano demarcado para estudo pelo Ministério da Justiça, 2014. Mas, a que se deve tal fato? Quais práticas sociais explicariam esse fenômeno? Contraditoriamente, talvez, o amor¹¹.

¹¹ Porém, não é objetivo desta tese compreender a relação entre essa lei e o aumento do número de prisões de mulheres

A humanidade historicamente, é permeada por diferentes contextos nos quais o amor sempre esteve em debate. Apesar de diferentes paradigmas na trajetória social, o que há em comum nesses contextos é que o amor emerge como um fator que estimula ações sócio culturais de distintos contextos, e inclusive na ilicitude das coisas. Assim, a afetividade surge como um fator de suma importância para o envolvimento da mulher no tráfico de drogas. Além disso, há fortes indícios que a pluralidade de significados do amor para essas mulheres são o resultado das representações sociais estabelecidas a partir de práticas cotidianas de suas vidas, que as conduzem a relacionamentos pautados pela milenar sujeição da mulher ao homem, especialmente quando as necessidades familiares estão no cerne da questão.

A mulher traficante de drogas, assim identificada pelo sistema jurídico-normativo no momento de sua prisão, é também esposa, companheira, namorada, mãe e filha, e desempenha diferentes papéis sociais no seu cotidiano. A partir dessas variadas identidades, a mulher passa a compreender-se como sujeito no meio em que vive, pautado por suas práticas de acordo com os referenciais simbólicos que a inserem em lugares específicos na sociedade. Nesse contexto as tradições culturais tendem a colocar a mulher numa posição de submissão e assujeitamento à figura masculina –seja ao pai, irmão ou companheiro. (COSTA, 2008, P. 22)

Por outro lado, a Lei de Execução Penal – LEP - no Brasil, Lei 7.210, de 11 de julho de 1984, em relação às mulheres, prevê que: § 2º *Os estabelecimentos penais destinados a mulheres serão dotados de berçário, onde as condenadas possam cuidar de seus filhos, inclusive amamentá-los, no mínimo, até 6 (seis) meses de idade.*

Art. 89. Além dos requisitos referidos no art. 88, a penitenciária de mulheres será dotada de seção para gestante e parturiente e de creche para abrigar crianças maiores de 6 (seis) meses e menores de 7 (sete) anos, com a finalidade de assistir a criança desamparada cuja responsável estiver presa.

Como é possível observar, a LEP já prevê condições para atender às mulheres detentas, observando as necessidades a elas inerentes, respeitando a condição de gênero, e prevendo o atendimento das necessidades peculiares das mulheres.

Ainda, visando respeitar o direito das mulheres em assembleia, a Organização da Nações Unidas – ONU - em dezembro de 2010, aprovou as regras mínimas para o tratamento da mulher presa e medidas não privativas de liberdade para as mulheres em situação de cárcere, chamadas Regras de Bangkok, em reconhecimento ao papel que o governo da Tailândia teve na constituição e aprovação das regras. De acordo com Cerneka (2012), a criação das regras foi necessária porque:

Porque mulheres ainda dão a luz algemadas; porque crianças ainda ficam desamparadas quando a mãe está presa; porque muitas mulheres ainda cumprem pena longe de suas famílias, sem visita e sem direito de telefonar para seus filhos; porque as mulheres ainda estão recolhidas em unidades de segurança máxima quando seu delito poderia ser respondido em liberdade ou sua pena poderia ser uma pena alternativa à prisão; e porque, muitas vezes, as mulheres ainda são tratadas como homens nos presídios, mas que por acaso precisam de absorventes.

As regras foram instituídas visando maior respeito a mulher detenta, ou em conflito com a lei, e o documento é constituído por um conjunto de setenta itens, dos quais destaca-se:

Item 1

[...]deve-se ter em consideração as distintas necessidades das mulheres presas na aplicação das Regras. [...]

Regra 2.

[...] recém ingressas deverão ser providas de condições para contatar parentes; acesso a assistência jurídica; [...] e em um idioma que elas compreendam; e, em caso de estrangeiras, acesso aos seus representantes consulares. (BRASIL, 2016)

Já nas duas primeiras regras é perceptível a preocupação com as mulheres e sua condição de gênero, assim como leva em consideração às condições de mães, visando o bem-estar da criança em primeiro lugar.

Toda informação relativa à identidade das crianças deverá ser confidencial e o uso de tais informações deverá sempre obedecer à exigência de garantir o melhor interesse das crianças. (Regra 3).

Em relação à regra de número 22, nela consta que não se aplicarão medidas repressivas de isolamento como medida disciplinar a mulheres grávidas, *nem a mulheres com filhos/as ou em período de amamentação*, onde se observa também, o foco na condição de gênero. As regras de Bangkok tratam ainda dos *Serviços de cuidados à saúde; segurança e vigilância; condições de ingresso; atendimento médico específico para mulheres*, entre outros. Porém, necessário acrescentar que o Brasil enquanto membro da ONU tem o dever de atender as regras, no entanto, não pode sofrer eventuais penalidades por não as cumprir pois são apenas diretrizes que visam melhorar as condições das mulheres encarceradas no Brasil, mas tais medidas ainda não foram ratificadas pelo Congresso Nacional brasileiro, portanto não se configura lei.

Também é necessário considerar que essas recomendações valem para o mundo todo, e devido à variedade de condições jurídicas, sociais, econômicas e geográficas, é razoável que nem todas as regras sejam igualmente aplicadas e nem seguidas em todos os lugares nem ao mesmo tempo, porém, elas devem ser um parâmetro e estímulo de esforço constante para minorar as dificuldades de sua aplicação, e que em sua totalidade, representem as aspirações globais, e com a finalidade comum de melhorar as condições precárias das mulheres nas prisões, o que certamente atinge seus filhos/as.

Frente a essa exposição, indaga-se: essas condições previstas tanto na LEP quanto nas diretrizes de Bangkok, realmente são respeitadas? A realidade carcerária no Brasil não parece estabelecer vínculo com o acordo de Bangkok, nem tampouco com o que consta na LEP. Muito ao contrário, a realidade das mulheres encarceradas no Brasil é bastante adversa, e seus direitos tanto de presas quanto de mulheres e inclusive de ser humano, são desrespeitados. Episódio recente e amplamente divulgado através da mídia mostrou que uma mulher foi detida na cidade de São Paulo, e em seguida iniciou o trabalho de parto, ao dar à luz no hospital e receber alta, foi encaminhada de volta para a cela, (8º DP Brás), carceragem essa, sem as mínimas condições para receber um recém-nascido, pois de acordo com declarações do advogado membro da Comissão dos Direitos da Criança e do Adolescente do Condepe (Conselho Estadual de Direitos Humanos). “É uma carceragem para presos do sexo masculino, ex-policiais, agentes penitenciários, seguranças.”

Ou seja: por ocasião da alta hospitalar, o Estado não se preocupou em oferecer à presa, condições mínimas de sobrevivência para o recém-nascido, deixando de respeitar a Lei de execução penal, e também de atender a regra de Bangkok de número 22, que *não se aplicarão medidas repressivas de isolamento como medida disciplinar a mulheres grávidas, nem a mulheres com filhos/as ou em período de amamentação*. Porém, o que se observa nesse episódio, é o total desrespeito à lei e também às regras de Bangkok, conforme demonstra a figura a baixo:

Figura 7 - Mulher presa com filho recém-nascido



Fonte: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/>

Na foto acima, observa-se a presa com o recém-nascido na cela da delegacia, porém, após exposição do caso na mídia, a presa foi transferida para a Penitenciária Feminina de Santana, (lôcus da presente pesquisa), local este equipado com berçário e melhores condições para os recém-nascidos. Também, anteriormente afirmamos que na primeira penitenciária exclusivamente feminina inaugurada na década de 1940 na cidade de São Paulo, as mulheres desenvolviam trabalhos domésticos o que fortalecia a divisão dos papéis sociais entre mulheres e homens. Nesse sentido, Varella (2017), constata que nos dias atuais, a situação é idêntica, conforme demonstrado através da figura (figura 8) abaixo:

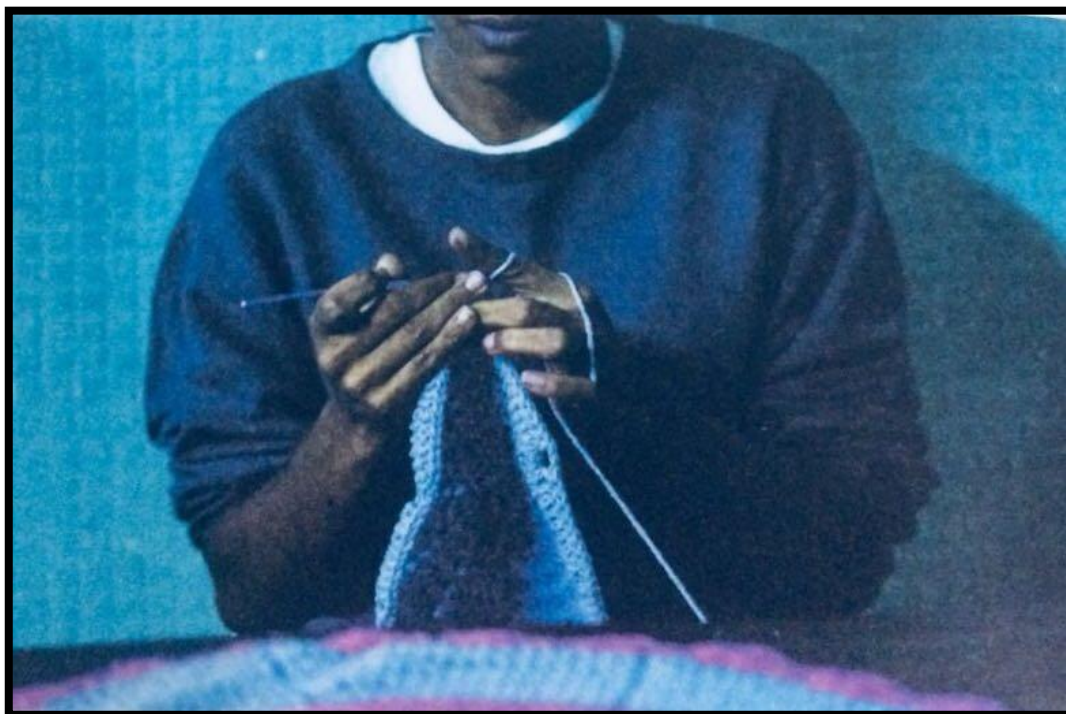
Figura 8 - Roupas dependuradas no presídio



Fonte: Varella (2017).

Como é possível observar no que mostra a fotografia, a prática de lavagem de roupas como trabalho tipicamente feminino ainda é uma realidade nos dias de hoje, porém, na Penitenciária feminina de Santana, observando a fonte, o ano de 2017, tal prática é comum em troca de maços de cigarro.

Figura 9 - Detenta trabalhando



Fonte: Varella (2017).

A figura acima mostra uma detenta da Penitenciária Feminina de Santana, executando trabalhos de crochê, atividade tipicamente feminina, ratificando o afirmado anteriormente, acerca da divisão social de papéis entre homens e mulheres. No entanto, essa prática é apenas para aquelas que não conseguem trabalho nas oficinas que funcionam no interior do presídio.

4.2.1 A realidade das mulheres no Cárcere no Brasil¹².

Vocês são engraçadas. Dizem que são corajosas, bandidas, do crime, que mandam na cadeia, mas na hora do salve¹³ têm que obedecer aos homens.

(Dráuzio Varella).

¹² Este assunto está registrado no trabalho apresentado pela autora “As Mulheres nas Prisões Brasileiras: algumas considerações. Apresentado no XI Congresso Scientiarum Historia XI – HCTE/UFRJ, 2018

¹³ Conjunto de decisões tomadas pelo Comando Central que deve pautar o comportamento do dia a dia em cada uma das cadeias sob seu comando. Varella (2017), referindo-se à facção criminosa – Primeiro Comando da Capital – PCC.

A cadeia produz no indivíduo um conjunto de ações, emoções e significados. Também o sistema carcerário representa uma subcultura a qual, lhe é atribuído um mundo à parte. De acordo com Diniz (2015), um dos significados mais marcantes é a expressão e linguagem característica da cadeia e que para melhor contextualizar a realidade das mulheres detentas, destaca-se alguns termos conforme quadro:

Quadro 2 - Termos usados pelas presas e seus respectivos significados

TERMO	SIGNIFICADO
Atravessar	Termo usado para denominar a presa que trabalha, uma alusão à rotina de quem atravessa o portão principal e vai para o trabalho externo
Benefício	Na cadeia esse termo é utilizado tanto para expressar benefício concedido pelo juiz (saídas em datas festivas de natal por exemplo) quanto para expressar o que a presa entende como um direito seu, desde que este dependa de outra pessoa
Bombom	Remédio “tarja preta” muito utilizado pelas presas
Bonde	Condução entre presídios (em algumas penitenciárias as presas saem para visitar companheiros em outros presídios), a isso, denomina-se “bonde do amor”.
Bucha	Combinação de medicamentos psiquiátricos com cocaína, outra prática comum no interior dos presídios.
Cabrita	Informante, normalmente negocia vantagens com a segurança, e via de regra, é uma presa antiga.
Classificada	Presa com bom comportamento e que teve o benefício do trabalho e este lhe trará a remição de pena, pois de acordo com a LEP, a cada três dias de trabalho, reduz um dia na pena
Cobal	Tudo que as presas recebem de fora, como itens de higiene e alimentação, sem a <i>cobal</i> , a vida da presa é de bastante miséria.
Colete Preto	Todo o corpo de agentes de segurança do presídio, não importa se são seguranças do presídio (agentes carcerários) ou policiais civis, pois essa distinção não é observada pelas detentas, o que importa é apenas o “colete preto.
Confere	É a verificação se as presas se encontram nas celas. No final de semana certifica-se se as presas retornaram do <i>saidão</i> , e essa é tarefa do “colete preto
Correria	Todo dinheiro que a presa consegue ganhar dentro da cadeia, como por exemplo executando trabalhos de manicure, ou lavagem de roupas
Cubículo	Espaço no camburão para as presas se locomoverem, normalmente quando vão ao

TERMO	SIGNIFICADO
	fórum, ao cartório, e também é nele que as presas gestantes se deslocam para o parto.
Escriba	É a presa alfabetizada, e de boa letra, algumas escrevem por vocação, outras por sobrevivência pois um bilhete para o Núcleo de Saúde no presídio Feminino do Distrito Federal por exemplo, custa R\$ 3,00
Estoque	Se refere a qualquer utensílio que pode servir como arma, pedaços de pau, escova de dentes, etc.
Isolamento –	Espaço mais temido pelas presas, localizado no poço do presídio, local escondido úmido e descrito como mal-assombrado.
Jaleco Branco	Todo o corpo de trabalhadores da saúde no presídio, trabalham na companhia dos coletes pretos
Nervosinho	Remédios psicotrópicos administrados pelos psiquiatras
Parlatório	Cela destinada às visitas íntimas.
Procedimento	Gesto de baixar a cabeça virar-se para a parede e voltar as mãos para as costas, essas normas são muito cobradas e devem ser adotadas quando cruzarem com visitantes.
Ressalva	Todo e qualquer benefício concedido a uma presa, como por exemplo, visita em dia diferente das outras.
Saidão	Benefício concedido a presa no final de semana, ela sai no sábado pela manhã e retorna na segunda feira, o <i>confere</i> assegura se o endereço informado é o mesmo que a presa se encontra
Sossega-leão	Combinação de remédios tarja preta, usados em crises depressivas e ou tentativas de suicídio
Teresa	Corda utilizada na tentativa do suicídio ou em fuga
Xerifa	Líder da ala; presa antiga, porém, não se confunde com a <i>cabrita</i> .
Zica de cadeia	Considerada insubordinada – encrenqueira e barulhenta

Elaborado pela autora com base em Diniz (2015)

Para Diniz (2015), as conversas no interior das prisões femininas são pautadas por tais expressões, às quais, logo ao ingressarem no sistema penitenciário, as mulheres aprendem a usar, até porque:

[...]ao entrar na prisão o indivíduo é obrigado a reconfigurar suas relações anteriores enquanto pai, filho, profissional, amante, marido, vizinho etc. E passa a viver em uma sociedade na qual ele se relaciona com um número limitado de pessoas do mesmo sexo, quase da mesma faixa etária e, o mais grave, de maneira impositiva. (BRAGA, 2008 p. 37).

O que o autor quer dizer na realidade, é que o comportamento do indivíduo em qualquer sociedade, é produzido pelo modelo cultural pré-concebido pela sociedade e pelo meio no qual o indivíduo está inserido. No caso específico de presidiários, o comportamento está de acordo com a influência da cultura prisional, como é o caso das expressões de linguagem específicas, e também de diversos ações e expressões corporais, como por exemplo, o jeito de andar, de posicionar a cabeça, o campo de visão etc. como demonstrado na figura abaixo (figura 10).

Figura 10 - Detentas enfileiradas se dirigindo ao recinto de realização de exames de mamas



Fonte: SEAP/SP- <http://www.sap.sp.gov.br>

A fotografia acima, mostra presidiárias se dirigindo a um *container* para realizarem exames de mamografias, resultado da campanha “mulheres de peito” por iniciativa da Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo – SAP/SP. Na imagem é possível observar que as detentas caminham algemadas, em fila, olhando para frente ou para baixo (nunca para os lados), o que certamente configura a cultura prisional. Mas a cultura prisional também apresenta distinções básicas no que se refere ao gênero. Para Varella (2017), existem duas diferenças básicas entre as cadeias masculinas e as femininas: a primeira: o tamanho das filas nos dias de visitas, pois nos presídios masculinos é possível observar as grandes filas que se formam, muitas vezes

até desde o dia anterior. Já nos presídios femininos, as filas não existem, pois, as visitas são escassas, e quase nenhuma delas recebem visitas.

[...] A sociedade é capaz de encarar com alguma complacência a prisão de um parente homem, mas a da mulher envergonha a família inteira. Enquanto estiver preso, o homem contará com a visita de uma mulher, seja a mãe, esposa namorada, prima ou vizinha, esteja ele num presídio de São Paulo ou a centenas de quilômetros. A mulher é esquecida. (VARELLA, 2017 p. 38).

Isso se deve ao fato de que, via de regra, a mulher ao ser presa, normalmente causa um impacto maior nas famílias, e muitas vezes os familiares a abandonam por vergonha, falta de recursos financeiros para chegarem até o presídio, e o principal motivo: os seus companheiros (as) normalmente são impedidos de irem a um presídio por terem antecedentes criminais, serem procurados, ou também se encontrarem presos. Mas o fato é que “A gratidão eterna que os criminosos juram para suas amadas expira no exato instante em que elas cruzam os portões da cadeia, ainda que aliciadas por eles.” (Varella, 2017 p. 214). A segunda diferença básica ente as cadeias, é o barulho ensurdecedor. Na feminina, as presas não se contentam em ficar em silêncio.

[...]uma negra corpulenta, debruçada no parapeito do terceiro andar, fala com a baixinha de cabelo oxigenado no térreo, do lado oposto, que responde como se a interlocutora fosse surda. [...]uma berra daqui a companheira do outro lado responde no mesmo tom, outra grita palavras de ordem ininteligíveis, uma terceira não para de chamar uma tal de Vanessa, que ninguém sabe onde se meteu, alguém pergunta por Natália, que se esgoela para saber quem procura por ela. [...]Todas falam ao mesmo tempo, receosas que Jesus não as escute no meio do pandemônio, uma roda de mulheres com véu branco na cabeça entoando cânticos evangélicos a plenos pulmões. (VARELLA, 2017, p. 26 – 27).

O estigma do falar muito, não se esvai, só porque as mulheres estão presas, talvez, ao contrário, no ambiente carcerário, esta seja uma prática que ajude a passar o tempo, e nas conversas entre si, elas possam diminuir a sensação de abandono. O abandono, entretanto, é apenas mais uma das amarguras que afligem as mulheres presas, de acordo com Queiroz (2017), em um presídio do Rio Grande do Sul 40% das mulheres eram vítimas de violência doméstica antes de serem presas, e muitas, inclusive, eram escravizadas pelos maridos e obrigadas a traficarem drogas.

Também, no referido presídio não eram realizados exames médicos, o kit higiene era totalmente insuficiente, o que ratifica que “para o estado e a sociedade, parece que existem somente 440 mil homens e nenhuma mulher nas prisões do país. Só que, uma vez por mês, aproximadamente 28 mil desses presos menstruam”.

(QUEIROZ, 2017 p. 5). Essa, é uma diferença que faz a diferença especialmente quando é uma cadeia que está em questão. Mas não é só isso, pois as mulheres são capazes de protagonizarem diálogos, que só mesmo alguém com tamanha grandeza na alma seria de capaz de fazê-lo.

O juiz de execução Sidnei Brzuska fazia uma visita de praxe ao Presídio de Guaíba, no Rio Grande do Sul. Sua passagem pelos corredores compridos, porém, era acompanhada de gritos pouco comuns, que escapavam de dentro das celas fechadas.

- Dr. Brzuska, por favor!

- Escuta a gente, seu juiz!

- Doutor, doutor, doutor!

A insistência das presas foi tanta que, a certo ponto, o homem resolveu retrucar.

- Mas o que é, afinal?

- Por favor, doutor, libera ao menos a chapinha! (Queiroz, 2017, p. 64).

De acordo com a autora, entre as muitas queixas e reivindicações das presas por ocasião da visita do Juiz¹⁴, elas em seus momentos “ser mulher essencialmente” reivindicam o direito de usarem a “chapinha¹⁵” para embelezarem os cabelos. No entanto, a realidade volta à tona, e nesse presídio, a estrutura do prédio também não foi pensada para receber mulheres, os banheiros (os bois) são buracos no chão, o que para uma grávida se tornaria muito difícil agachar-se.

Além disso, as mulheres presas só conquistaram o direito às visitas íntimas no ano de 2002, quase vinte anos após a implantação dessa prática nos presídios masculinos, e após árdua luta dos grupos defensores dos direitos femininos. (VARELLA, 2017). É em razão disso, que toda essa história merece ser registrada, discutida, analisada, porque ela é constituída por árduas lutas, importantes eventos, mas que, muitos deles não representam alegrias, mas ainda assim, são registrados, muitas vezes no próprio corpo através de tatuagens.

¹⁴ Inspeccionar presídios é prerrogativa dos juízes de execução penal prevista em Lei.

¹⁵ Ferramenta utilizada para alterar a estrutura do cabelo com a apoio do calor extremo.

4.2.2 Conclusões do capítulo

As prisões emergiram como forma de punição e castigo e durante muito tempo, não havia prisões especificamente femininas, uma vez que as mulheres não ocupavam lugar de destaque no mundo do crime. Só a partir da segunda metade do século XIX na América Latina surgiram prisões femininas. No Brasil, o Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 forçou a criação do primeiro presídio exclusivo para mulheres no Estado de São Paulo, que foi durante muito tempo administrado pela igreja católica.

Ao longo do tempo emergiram avanços no que se refere às condições de mulheres em presídios, como por exemplo, as regras de Bangkok e mudanças na Lei de Execução Penal, porém, tais avanços ainda não se impõem como satisfatórios e nos dias atuais mesmo com políticas públicas instituídas que visam reduzir os problemas encontrados pelas mulheres quando se encontram em um estabelecimento prisional, a realidade delas ainda está muito aquém da ideal.

5 TATUAGEM

“Meu corpo é meu diário e minhas tatuagens são minhas histórias.”
(Johnny Depp).

5.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

A tatuagem se impõe como um fator histórico sócio cultural que permeia a história da humanidade desde a pré-história até os dias atuais, modificando suas motivações a assumindo significações distintas. Na antiguidade a tatuagem era utilizada como rito de passagem e entre outros também representou uma espécie de marca registrada para os marinheiros. A tatuagem se tornou popular na Europa, nos Estados Unidos e também no Brasil, assumindo significações diversas de acordo com o tempo e a cultura do lugar, ela abandona seu caráter exclusivamente marginal para virar moda e se tornar fenômeno de sucesso.

5.2 Resumos da História da tatuagem no mundo

Etimologicamente o termo “tatuagem” deriva da palavra taitiana “*tatau*”, cuja definição vinha do som produzido por um instrumento utilizado para “bater no tronco oco”. (MUCCIARELLI 1998-1999). Basicamente, a tatuagem consiste de um pigmento que é introduzido de forma agressiva na pele, agressiva porque perfura e provoca dor. De acordo com Marques (2009), existe a evidência concreta da existência da tatuagem na pré-história, pois foi encontrado na Itália em 1991, um corpo congelado, o “homem de gelo” datado de 5.300 anos a.C., que segundo Marques, tinha tatuagens na região lombar, no tornozelo direito e joelho esquerdo.

Marques (2009), observa também que no Egito antigo os vestígios da tatuagem são observados na Mongólia de 400 a.C., mas foi nas Ilhas da Polinésia no sul do Oceano Pacífico, que a prática da tatuagem foi bastante aceita através de tribos que usavam ossos pontiagudos para tatuar o corpo inteiro, inclusive o rosto. Era o rito de passagem de menino para guerreiro, ou da menina para esposa. No século XVIII, essa era uma região explorada por marinheiros que se encantaram pela prática e foram aos poucos, levando a tatuagem para os portos europeus. A exemplo da Europa, a entrada

da tatuagem nos Estados Unidos também se deu por mar por volta da metade do século XIX, virando fenômeno de massa durante a Guerra Civil americana – 1861 a 1865, e em 1891 em Nova York, emerge a máquina de tatuar elétrica patenteada por Samuel O'Reilly.

O'Reilly batizou sua invenção de *tattaugrapf*, *qualquer coisa como tatuógrafo*. Nesse mesmo ano, outra máquina, semelhante a primeira, mas com maior número de agulhas, foi patenteada em Londres por um parente de O'Reilly, [...] (MARQUES, 1997, p. 58).

Apesar da máquina ter sido patenteada por O'Reilly, quem a aperfeiçoou e deu a forma tal como a conhecemos atualmente, foi Paul Rogeres, um tatuador americano, e a partir de então, a tatuagem ganhou visibilidade e foi tomando contornos de produto de mercado, uma vez que nas grandes capitais e especialmente nas cidades portuárias foram surgindo as *tattoo parlours*, lojas de tatuagem, tendo como pioneira, a cidade de Nova York, que produziu diversos tatuadores que se tornaram referência. O fenômeno se tornou tão popular que:

A bordo dos navios da Marinha americana ao longo do século XIX, havia sempre um tatuador. Já na primeira década do século XX, o costume de se tatuar estava tão disseminado entre os marinheiros, que uma circular de 1909 tentou pôr ordem na casa. O documento estabelecia que tatuagens indecentes ou obscenas seriam motivo de rejeição do candidato à Marinha do Tio Sam (MARQUES, 1997, p. 61).

Fato, é que a tatuagem é uma prática muito antiga, seja qual for a sua motivação, a trajetória da tatuagem é muito interessante porque imprime na pele do indivíduo, histórias e estórias. Demonstra coragem, maturidade, crença, o que lhe confere admiração, mas também perseguição, pois ela apresenta extremos opostos desde marcas de dignidade a símbolos de condenação e desprezo.

5.2.1 No Brasil

A história da tatuagem no Brasil segundo Marques (2009), tem início com os índios, que se tatuavam usando urucum e jenipapo para registrarem sua origem ou ritos de passagem. Depois veio com os escravos e com o gado, pois era utilizada para marcar a propriedade. Em 1959, chegou ao Brasil o dinamarquês Knud Harld Likke Gregersen, vulgo Lucky (figura 11) - pioneiro no Brasil, Lucky tatuou pessoas conhecidas como por exemplo, o surfista José Artur Machado, o “Petit”, que teve sua tatuagem

homenageada pela alusão na música “menino do Rio”¹⁶, que referencia o dragão tatuado em seu braço. A música, não por acaso, foi tema de abertura da telenovela *Água Viva*, exibida pela Rede Globo no ano de 1980, (MARQUES, 1997). Para Leitão (2004), a novela disseminou bastante o uso de tatuagem e contribuiu muito para que ela se tornasse sucesso entre os jovens da Zona Sul do Rio de Janeiro, especialmente os frequentadores da praia.

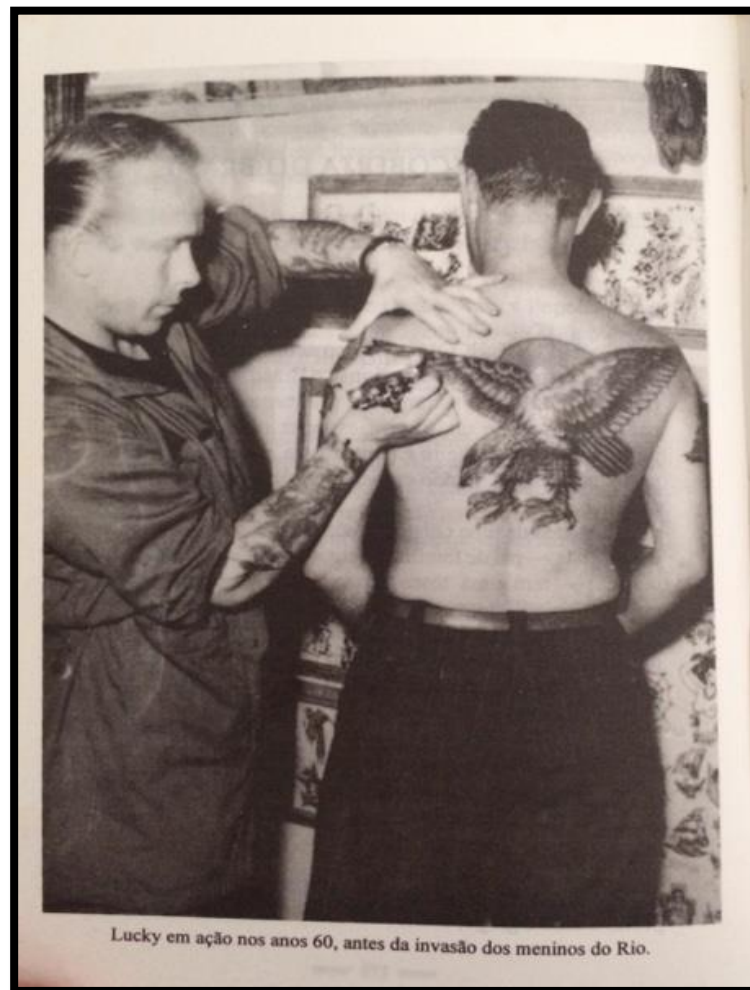
O terreno estava preparado: na onda da contracultura e embalada pelos meios de comunicação, a tatuagem enfim virou moda entre nós. De uma hora para outra, os filhos da ditadura militar quiseram se tornar meninos e meninas do Rio. O mercado nasceu e se expandiu com uma velocidade impressionante. Lojas de tatuagem começaram a ser abertas no Rio, em São Paulo, em Salvador e em outras capitais. Seus donos? Aquela mesma juventude que se encantou com as tatuagens que via ao vivo ou na mídia nas décadas de 1960 e 70. Agora estavam com a máquina e a tinta nas mãos. O resultado está aí, estampado na pele. (MARQUES, 1997, p. 3)

Ou seja, a tatuagem começou a ser utilizada no Brasil em 1970 principalmente nos grandes centros urbanos e, a partir da década de 1980, com a novela exibida pela emissora Globo, ganhou grande amplitude. Desde então, na década de 90, abriram vários estúdios de tatuagem e o público se diversificou.

Assim, apesar da década de 70 ter representado um marco para o mundo da tatuagem pois viveu um período de experimentação - migrou das "agulhas caseiras" à fabricação de máquinas elétricas - foi só a partir dos anos 90 que começaram a ser estabelecidos estúdios de tatuagem com infraestrutura moderna em todos os sentidos, desde os instrumentos (materiais descartáveis, por exemplo) até técnicas dos profissionais e etc. Isso imprimiu, no cenário da tatuagem uma nova imagem de profissionalismo, deixando para trás o amadorismo que até então lhe era peculiar.

¹⁶ Canção de autoria do compositor brasileiro Caetano Veloso

Figura 11 - Tatuador Luck



Fonte: Marques (2007).

Como é possível observar, o tatuador não utilizava nenhum tipo de proteção, e não se preocupava por exemplo, com a questão de contágios, e provavelmente a higiene também não era muito considerada, o que foi se modificando com o tempo e com a profissionalização da profissão. (Figura 12).

Figura 12 - Tatuador em ação – evento de tatuagem, Rio das Ostras-RJ, 2017¹⁷



Fonte: acervo da autora

Na foto acima, é possível observar a base para o braço envolta em plástico, além do papel guardanapo e o tatuador usando luvas, para que não haja contato direto entre o braço da cliente e suas mãos. Dessa forma, é possível perceber que a tatuagem atualmente realmente ocupa grande espaço, tanto em relação ao aspecto social, como também quanto ao econômico, uma vez que os eventos de tatuagem no Brasil (figura 12), são um grande acontecimento com programação anual e ampla divulgação em redes sociais.

¹⁷ Evento de tatuagem - Rio das Ostras-RJ, 2017

Figura 13 - Fachada do local do evento de tatuagem em São José dos Campos/SP



Fonte: acervo da autora

O evento realizado em São José dos Campos-SP, em maio de 2017 aconteceu no clube “Espaço Cassiano Ricardo” localizado em bairro nobre da cidade, e de acordo com os organizadores, circulam em média 5.000 pessoas ao dia, salientando que o evento teve duração de três dias (de 05 a 07 de maio). Isso representa uma receita de aproximadamente R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais), contabilizando o custo com o valor do aluguel do espaço no valor de 23.000,00 (vinte e três mil reais).

Ainda de acordo com informações da equipe organizadora, o valor aproximado de cada tatuagem gira em torno de 1.200,00 (hum mil e duzentos reais), dependendo do tamanho e da variedade de cores utilizadas no desenho, em um evento que acolheu aproximadamente 100 (cem) *stands* de tatuagem. (Figura 13). O festival representa também, uma oportunidade de negócios de outros segmentos, pois mesmo na área externa ao local de realização, muitos vendedores ambulantes aproveitam a ocasião para oferecerem seus produtos, tais como pipoca, refrigerantes, lanches etc.

Figura 14 - Stands de evento de tatuagem – SJC-SP



Fonte: acervo da autora

O festival reúne vários grupos, sobretudo aqueles que simpatizam com a tatuagem, porém, não apenas estes, pois o evento reúne apresentação de bandas musicais, vendas de produtos ligados à tatuagem, alimentos do tipo *fast food* e bebidas além de representar a oportunidade de encontro de pessoas que se identificam. O evento ocorre em todos os Estados do Brasil, e os principais são Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Paraíba, conforme informações no sítio eletrônico <https://www.portaltattoo.com/eventos/>, só no segundo semestre de 2019, ocorrerão doze eventos em diferentes Estados do Brasil, como Belém, São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, sendo que, no Estado de São Paulo, ocorrerão oito eventos em cidades diferentes do Estado. Nessa perspectiva, tatuagem é um fenômeno permeado por uma diversidade de conceitos cultural, social e econômico, que está presente nos diversos espaços e classes da sociedade, inclusive no ambiente carcerário.

5.3 Tatuagem e Cárcere

O ambiente carcerário sempre foi terreno fértil para a prática de tatuagem, os prisioneiros eram e são um público cativo, e mais da metade de sua população tem tatuagens, (LE BRETON apud FONSECA, 2003). Porém, no século XIX, ela é disseminada surgindo também nos portos, local frequentado por marinheiros que difundiram a prática entre prostitutas e delinquentes, representando objeto de preferência dos setores marginais, e assim a tatuagem se posicionava socialmente às margens da sociedade. Esse era seu contexto e referência sociocultural. (MARQUES, 1997).

Essa situação gerou uma construção negativa e estigmatizante, que levou ao imaginário social um sentido de referência e equivalência, estabelecendo estreita relação entre tatuagem e marginalidade (OSÓRIO, 2006). Porém, reafirmamos que a tatuagem estabelece ligação com diversas vertentes e distintos signos, e nesse sentido, Rio (2007, p. 47), escreve:

A tatuagem é a inviolabilidade do corpo e a história das paixões. Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aparições, as suas horas de ócio e a fantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos – são a exteriorização da alma de quem os traz.

Sob essa perspectiva, a tatuagem externaliza sentimentos e especialmente, ela indica que o indivíduo acredita que o símbolo da tatuagem em seu corpo significa em última análise, a perpetuação do sentimento que lhe motivou a fazer a tatuagem. De acordo com a Silva (2011), atualmente 60% da população carcerária masculina no Brasil tem tatuagem, e desses, 20% foi feita dentro da cadeia. Confeccionada dentro ou fora da cadeia, e se esta é feminina ou masculina, não importa, é certo que este é um hábito que não é apenas inerente a atualidade, como escreve Rio (2007, p. 196) quando se refere aos presídios femininos no ano de 1905:

[...]todas estão tatuadas, tatuadas nos seios, ombros, tatuadas nos braços, nas pernas, no ventre, tatuadas nas mãos algumas até tatuadas na testa. Esses riscos azuis e essas manchas negras dão-lhes um aspecto bárbaro, um ar selvagem. Nenhuma decerto tem mais família ou amizades duradouras. A tatuagem para os seus pobres corações apodrecidos é como a exteriorização da saudade. Muitas têm, entre espadas, cristos, sereias, peixes, coroas imperiais, o nome dos que lhes deram o ser, o nome dos irmãos, o dos filhos perdidos e dos amantes que se foram: muitas, nas horas de solidão, têm na própria pele a recordação da eterna dor.

Dessa forma, é possível observar que a tatuagem na cadeia assume um significado altamente relevante, pois transcende a uma mera homenagem, significando

uma espécie de amuleto capaz de diminuir a saúde e conduzir a pessoa tatuada ao convívio de familiares, filhos, maridos etc.

Entretanto, não é só isso, Silva (2001), assinala que abordagens policiais sustentam a incidência de alguns tipos de tatuagens em alguns indivíduos, e após averiguações foi constatado - mesmo eventualmente – estreita relação entre tatuagem, tipo de delito cometido e a facção criminosa a qual o indivíduo pertencia. Tal constatação permite conjecturar que aquilo que poderia representar uma simples aparência artística, no ambiente carcerário adquire outros significados, e de forma tácita significa um complexo sistema de representações criminosas. Porém, em se tratando de abordagens policiais e relação de tatuagem no indivíduo abordado, devem ser realizadas com bastante cautela, uma vez que nem todos que têm tatuagem são criminosos, além disso, as tatuagens não necessariamente, possuem o mesmo significado para todas as pessoas.

Nosso objetivo não é discriminar pessoas que possuem tatuagens, pois seria discriminar o próprio ser humano que ao longo de sua história utilizou a tatuagem como forma de expressão. Mas apenas demonstrar que certas tatuagens encontradas em alguns indivíduos podem indicar fortes indícios de envolvimento com a prática de crimes. Para o policial, a relevância desse conhecimento justifica-se, por exemplo, quando o mesmo depara-se em ocorrências, com indivíduos tatuados e não se atenta para o fato de que as figuras ali impressas podem trazer consigo, a história de diversos delitos, ou acaba por discriminar o cidadão desnecessariamente, por não conseguir fazer um cruzamento adequado das informações contidas nas tatuagens, dentro de um determinado contexto. (SILVA, 2011, p. 8).

A partir disso, é possível afirmar que as tatuagens estabelecem sim, relação com a criminalidade, no entanto, não é condição obrigatória, o que supõe que conclusões precipitadas podem ocorrer, caso não haja bom senso e conhecimento técnico quanto ao assunto em questão.

5.3.1 Significado da tatuagem na cadeia¹⁸

*A tatuagem carcerária é feita para marcar e não para embelezar.
(Museu do Cárcere)*

¹⁸ Este assunto está registrado no Trabalho da autora “Tatuagem e signos”, um breve histórico no ambiente carcerário. Apresentado no IX Scientiarum, organizado pelo HCTE/UFRJ, apresentado em 09/01/ 2016.

Ribeiro e Pinto (2013), afirmam que em virtude de outrora a função principal da tatuagem ter sido a identificação de presos, o estigma permaneceu. Muito embora ao longo do tempo esse cenário tenha sofrido modificações e a tatuagem tenha adquirido outros significados, a cadeia ainda representa um ambiente no qual a tatuagem se faz presente de forma bastante significativa. No entanto, vale esclarecer que as tatuagens no ambiente carcerário, seja ele masculino ou feminino muitas vezes, adquire um significado particular, e, um desenho que fora do ambiente carcerário tem um significado, no interior da cadeia esse mesmo desenho pode ter um significado totalmente diferente. Vale esclarecer também, que fazer tatuagens no interior dos presídios é proibido.

Na cadeia, o desenho de uma estrela de cinco pontas indica que o tatuado é um homicida; já três sepulturas significam que a pessoa tem o corpo fechado e guarda segredos sem jamais divulgá-los. Traidores e delatores recebem o desenho de uma serpente; a imagem de uma santa possui dois significados importantes: indica o crime de latrocínio (roubo seguido de morte) praticado pelo tatuado, ou ainda, que a pessoa se arrependeu do crime praticado; o latrocínio possui um segundo símbolo que é uma pistola na perna; o desenho da cruz nas costas é o símbolo do assassino de alguém que se vingará.

Mas quando se trata de assassinos de policiais, a pele é marcada com o desenho de uma caveira com um punhal sobreposto, normalmente disfarçada entre outros signos. Já a borboleta sugere um indivíduo que não aceita a prisão, sempre tentará a busca pela liberdade, e pode indicar sua orientação sexual, a homossexualidade.

O ponto normalmente na mão direita indica que o indivíduo é um “batedor de carteira”; dois pontos na mão - em qualquer uma, indicam estupradores; três pontos em forma de triângulo significam estar envolvido com o tráfico de drogas; quatro pontos formando um quadrado significam que o tatuado pratica o crime de furto; cinco pontos indicam roubo com violência; um ponto em cada extremidade de uma estrela significa que o detentor pratica crime de homicídio; vários pontos formando um “x” indicam que o indivíduo é chefe de quadrilha ou facção criminosa. (RIBEIRO E PINTO, 2013).

Os autores da pesquisa relatam que no ambiente carcerário, notaram de forma contundente a existência de desenhos com imagens religiosas, onde o rosto de Jesus

Cristo desenhado no peito indica presos que praticaram latrocínio; uma cruz com o crânio humano no meio das costas significa comportamento de lealdade a seus colegas de cela – ou seja, é uma pessoa que sabe guardar segredos e o grupo pode confiar nele.

Alta periculosidade é indicada pela cruz com duas velas acesas na base, e geralmente de tamanho grande nas costas, mas quando esse desenho é feito em tamanho pequeno adicionado de uma cruz iluminada, sugere pedido constante de proteção.

O tatuado com imagem do diabo evidencia ser um matador que tem prazer em conviver com a morte; a imagem de Nossa Senhora Aparecida no peito ou nas costas, sendo em tamanho maior e no meio das costas, indica que o preso foi violentado enquanto esteve preso; uma pinta no rosto significa um homossexual passivo, geralmente tatuado na lateral do rosto.

Diante disso, é possível observar que a tatuagem, nesse cenário, assume uma linguagem codificada, inclusive desenhos que mesmo iguais, sugerem significados e símbolos diferentes quando acrescidos de pequenos detalhes como tamanho e/ou local do corpo onde o indivíduo é tatuado.

Silva (2011), após analisar exaustivamente os desenhos das tatuagens de presidiários, categorizou em uma cartilha na Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia (SSPBA), os crimes e a relação com determinadas tatuagens, dos quais se destacam as principais, conforme quadro a seguir:

Quadro 3- Categoria criminal X tatuagem

CATEGORIA CRIMINAL	DESENHO DA TATUAGEM
Homicídio/latrocínio/roubo	Chuck, índia, a morte
Uso e Tráfico de Drogas	Carpa, folha de maconha, saci pererê
Tatuagem que indicam pertencimento a facções criminosas	Carpa, escorpião, 1533, yin yang, morte com fuzil, paz e justiça, CV, CVRL
Tatuagens que identificam crimes de intolerância	Suástica nazista, cruz de ferro, Soqueira Inglesa, Adolf Hitler
Presos que utilizavam motocicleta para entregar drogas.	Personagens de desenhos Papa-Léguas Ligeirinho
Tesoureiro de facção	Estrela
Assassino de policial	Palhaço e caveira com punhal
Número de pessoas assassinadas pelo tatuado	Sepultura / Túmulo com número
Roubo	Fuzil na barriga

CATEGORIA CRIMINAL	DESENHO DA TATUAGEM
Latrocínio	Fuzil na perna
Indica categoria e hierarquia no crime	Pontos na mão / rosto

Elaborado pela autora com base em Silva (2011).

O autor assinala que existem variações quanto ao desenho e que, muito embora, haja grande incidência na relação tatuagem e criminosos, elas podem variar, e por exemplo, o desenho do personagem do boneco *Chuck* (figura 16), incidiu quanto aos presos que cometeram homicídio e latrocínio, mas o desenho da arma de fogo do tipo Fuzil, também incidiu sobre um número considerável de presos que cometeram latrocínio. Silva (2011), afirma ainda que em relação ao Coringa/Arlequina (figura 15) trata-se de uma das tatuagens que mais impõe respeito no submundo do crime. Segundo o autor, “a maioria dos portadores desta tatuagem possuem ligação com a prática de roubo e a possibilidade de envolvimento em morte de policiais”. (p. 19)

De acordo com a pesquisa do policial, são pessoas extremamente perigosas, pois demonstram frieza e desprezo pela própria vida — quanto mais, pela vida alheia! “O Coringa emula a personalidade do personagem — insano, sarcástico, vida louca.” (Silva, 2011, p. 20) Já a Arlequina (figura 15) é, nos quadrinhos, a namorada do Coringa. Mas ao contrário da estória, na qual a personagem era uma conceituada médica psiquiatra, que ao tratar do Coringa, acabou corrompida mental e afetivamente por ele, no mundo real, as Arlequinas são garotas de baixa instrução, que ostentam sua condição de “mulher de bandido”, sem qualquer constrangimento, como forma de intimidar outras garotas em seu círculo social - escolas, bairro, etc.

Figura 15 - Tatuagem de Coringa e Arlequina



Fonte: Silva (2011)

Duende - Mais uma figura aparentemente inocente; e por isso mesmo, escolhido pelos criminosos para sinalizar que o portador é um traficante ou usuário de drogas. No cotidiano, isso facilita o trabalho dos traficantes, serve para identificar facilmente, que aquela pessoa que o aborda é um usuário — ou o oposto: para que o usuário identifique quem é o traficante, no meio de um grupo de pessoas, no denominado “fluxo/fervo” - aglomeração de pessoas em um espaço público.

O Bruxo ou Mago por sua vez, representa aqueles que possuem uma certa ascendência - grau de “chefia” no tráfico de rua. A pesquisa de Silva (2011), cita alguns tipos de tatuagens que identificam que o portador é integrante do Primeiro Comando da Capital – PCC - facção criminosa que surgiu nos presídios de São Paulo, tendo se espalhado pelos estados do Sul, Centro-Oeste e Sudeste, bem como, para a região de fronteira (Paraguai, Bolívia) são eles:

- a) Carpa (peixe)
- b) Escorpião (animal, não o signo)
- c) Yin Yang

Figura 16 - Preso com desenho do boneco chucky



Fonte: Imagens google

Já em relação ao desenho de uma índia, o autor escreve: “Muito utilizada por traficantes no Rio de Janeiro (soldados do tráfico) que como regalia (no passado) poderiam utilizar fuzis. O possuidor da índia também apresenta perfil frio e violento.” (Silva, 2011, p. 22). Em relação ao desenho da morte, incide nos criminosos envolvidos em grupos de extermínio, ou que fizeram justiça com as próprias mãos.

A estrela incidu entre os indivíduos que foram presos sob a acusação de desempenharem a função de tesoureiro no crime, aquele que é responsável pelos pagamentos e recebimentos dentro da organização criminosa. Atualmente, o Brasil vive uma epidemia de morte de policiais, e no ambiente carcerário, dois desenhos específicos indicam envolvimento de criminosos com a prática de assassinato de policiais: o desenho do palhaço (figura 18) e da caveira com punhal. (Figura 17).

Figura 17 - Tatuagem de caveira com punhal.



Fonte: Silva 2011

Figura 18 - Presidiário com tatuagem



Fonte: imagens google

As figuras indicam, de acordo com os estudos de Silva (2011), que as pessoas portadoras das tatuagens, seriam assassinos de policiais, e o que também se pode observar na figura 17 é que muito provavelmente, o desenho da caveira com punhal não foi feito em estúdio profissional, pois indica péssima qualidade tanto do desenho quanto da tinta. Já Paredes (2003), em estudo realizado (junto aos egressos do Sistema Penitenciário que cumpriram pena na Penitenciária Central do Estado do Paraná) acerca do significado das tatuagens na cadeia apurou que:

[...]prova flagrante do fato de que a tatuagem contém verdadeiros hieróglifos sob sua escrita, dizendo mais do que cada memorial histórico dos crimes cometidos, da periculosidade e de sua personalidade. Demonstram que certas tatuagens são empregadas por associações criminosas e que são um sinal de reunião. (PAREDES, 2003, p. 13).

Dessa forma, é possível afirmar que as tatuagens estabelecem relação com o crime, e que, no ambiente carcerário, elas podem ir além de mero significado do crime praticado, mas também pode significar uma forma de comunicação. Ainda citando Paredes (2003), e em relação ao significado das tatuagens, o autor afirma que a tatuagem de teia de aranha (figura 19) sugere que seus cúmplices foram mortos. O resultado do trabalho do autor constata também [...] “a existência de desenhos com imagens religiosas, como por exemplo, o rosto de Jesus Cristo, quando desenhado no peito, identificam presos que praticaram o crime de latrocínio. “

Figura 19 - Presos com tatuagens de teia de aranha



Fonte: imagens google

Na figura acima, de acordo com Paredes (2003) e Silva (2011), o preso teria envolvimento com o uso e tráfico de drogas, (folha de maconha) e também o preso já teve algum comparsa traído e morto. (Teia de aranha)

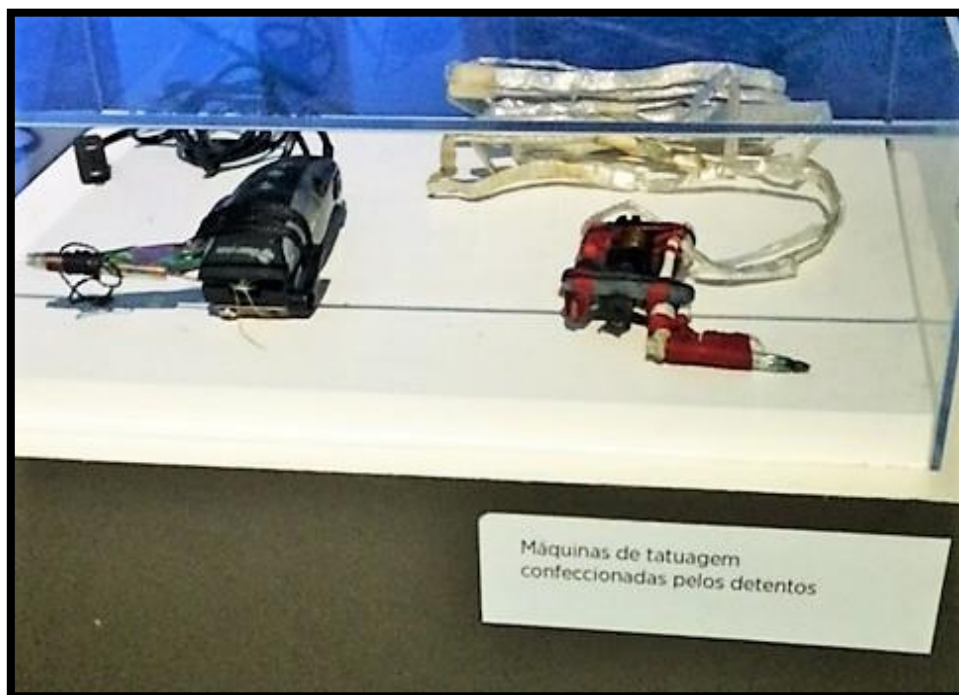
5.3.2 Técnicas de realização das tatuagens na cadeia

Como é sabido, na cadeia, os apenados via de regra, não têm acesso a quase nada, configurando escassez de recursos até das coisas mais elementares e necessárias para a rotina quotidiana das pessoas presas. Isso se deve entre outras, às regras de segurança estabelecidas no sistema prisional. No entanto, devido à necessidade, ou ócio, a criatividade das pessoas presas transcende a qualquer escassez de recursos, inclusive grandes obras literárias foram escritas dentro de presídios (Don quixote, *Henríade*, “Fanny Hill – Memórias de Uma Mulher de Prazer”; O Marquês de Sade; “Nossa Senhora das Flores”; *Memórias do Cárcere*” e angustia). Jaires (2011), assinala que a prática de tatuar dentro da cadeia é totalmente desprovida de assepsia, esterilização, materiais descartáveis, tintas e materiais de boa qualidade assim como a realização da tatuagem não procede de um trabalho artístico.

É outro erro metodológico confundir as tatuagens artísticas (realizadas por um bom profissional) com as deploráveis marcas corporais realizadas dentro de um presídio (onde não há esterilização, não há tintas de boa qualidade, os instrumentos de trabalho não são adequados, não há preocupação com assepsia, com higiene ou com a qualidade do trabalho a ser executado). (JAIREs, 2011, p. 204).

Nos presídios as tatuagens não são realizadas de forma adequada, elas são confeccionadas com materiais improvisados e resultado da criatividade dos presos como por exemplo a máquina (figura 20), fabricada com o material que os presos dispunham como aparelho de barbear, tintas e bicos de canetas, como ilustra a figura abaixo, exposta no museu Penitenciário Paulista-SP.

Figura 20 - Máquina de tatuar confeccionada pelos detentos do Carandiru¹⁹



Fonte: acervo da autora

No entanto, Martins (2017) afirma que Levantamento do sítio eletrônico G1, através de dados de apreensões da Polícia Civil, de agentes penitenciários e do Ministério Público estadual mostram que atualmente, os próprios presídios fornecem esse material para os presos em suas cantinas, uma vez que as cantinas dos 36 presídios do Estado do Rio de Janeiro comercializam agulhas para tatuagem e cigarros contrabandeados. O autor afirma que por motivo do quadro de pessoal ser insuficiente, a revista nesses espaços é praticamente inexistente

5.3.3 Conclusões do capítulo

A Tatuagem emerge como forma de marcar um episódio importante, passa a simbolizar um rito de passagem, é relacionada com a criminalidade para após se tornar popular inclusive com reflexos na economia do país, pois sua prática envolve um grande número de pessoas e somas monetárias consideráveis. Porém, a tatuagem também está

¹⁹ Material exposto no Museu Penitenciário Paulista/SP

relacionada com o mundo do crime, e nesse espaço específico, assume um significado peculiar, representando um elemento de suma importância, inclusive para os órgãos responsáveis pela repressão ao crime. Vale assinalar também, que na cadeia ela é realizada utilizando materiais e técnicas inadequados.

6 METODOLOGIA

Ao assumirmos que a complexidade humana não pode ser reduzida a elementos quantificáveis, é preciso aceitar que a compreensão da subjetividade humana não está livre de dificuldades metodológicas insuperáveis. De forma mais específica, já me perguntaram: “Por que pessoas de origem muito humilde ou em situação social muito negativamente estigmatizada – um lavrador ou um detento, por exemplo – se dispõem a falar para alguém de uma origem social muito diferente da deles, como eu, mestrando/doutorando de uma faculdade da elite intelectual do país?”

(José Roberto Franco Xavier)

6.1 desenhando a pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida à luz do método - pesquisa de campo - que de acordo com Gil (2002, p. 54), prioritariamente visa:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e
- e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Já Fonseca (2002), a caracteriza como “investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.).”

Nas palavras de Gonsalves (2001, p.67), a pesquisa de campo,

[...] pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]

Tal modalidade, vem ao encontro dos objetivos da presente pesquisa, uma vez que o estudo foi realizado em campo, e terá como participantes/respondentes às detentas do Presídio Feminino de Santana/SP.

6.2 estabelecendo o enfoque

Esta, é uma pesquisa de natureza qualitativa estabelecida por um universo de sentidos e significados, motivos, anseios, crenças valores e costumes, o que está relacionado com a maior intensidade das relações dos processos e dos fatos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001). Inicialmente, não se pretendia quantificar dados, mas, no desenvolvimento da pesquisa eles emergiram, mas, prioritariamente a pesquisa teve o foco qualitativo.

6.3 quanto ao tipo de investigação

A pesquisa se enquadra no tipo descritiva, e aqui melhor se aplica porque: “Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc.” (GIL, 2002, p. 42).

Além disso, Triviños, (1987) in Gerhart e Silveira (2009, p 35) pontua que “pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.” É exatamente o principal objetivo da pesquisa: descrever os fatos apurados por ocasião da pesquisa de campo.

Quanto ao *corpus* foi elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atendendo à Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF. Inicialmente foi solicitado presidiárias tatuadas em custódia na Penitenciária feminina de Santana – São Paulo- SP, cujo número e perfil foi indicado pela direção da penitenciária, devido à especificidade de suas condições de presas. Dessa forma, treze detentas participaram da pesquisa.

Foi estabelecido pela autora como critério de inclusão, que as respondentes deveriam além de tatuadas, saberem ler e escrever, para que pudessem entender e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (anexo a) conformidade com as exigências estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e no momento da realização das entrevistas, ocorreu o que assinalaram Bauer e Gaskell, 2002 p. 69):

[...] as primeiras são cheias de surpresas. [...], contudo, temas comuns começam a aparecer, e progressivamente sente-se uma confiança crescente

na compreensão emergente do fenômeno. A certa altura, o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções. Neste ponto de saturação do sentido, o pesquisador pode deixar seu tópico guia para conferir sua compreensão, e se a avaliação do fenômeno é corroborada, é um sinal de que é tempo de parar.

Baseado nisso, adotou-se o critério da saturação levando em consideração as datas e horários pré-estabelecidos para realização da coleta de dados, e a saturação ocorreu por ocasião da 13ª entrevista.

6.4 Justificando a escolha dos participantes

Considerando que a pesquisa tem como principal objeto de estudo, o sentido de pertencimento de mulheres ao parceiro amoroso, e assumindo que o empoderamento feminino - enquanto discurso - se impõe atualmente na agenda dos diversos espaços sociais, e acima de tudo, o índice de mulheres presas em consequência de seus envolvimento amorosos, foram eleitas participantes da pesquisa, mulheres presidiárias, que se justifica pelo conjunto de fatores como gênero, condição de presa - o que a categoriza como minoria - e sobretudo por representarem um público estigmatizado e sem voz. Vale esclarecer que as participantes foram selecionadas pela administração do presídio obedecendo a critérios tais como: estar devidamente matriculada na Escola que funciona dentro do presídio - o que implica em bom comportamento; ser tatuada.

6.5 Descrição dos procedimentos, técnicas e instrumentos utilizados na pesquisa de campo.

A coleta de dados se deu através de entrevistas de narrativa que segundo Bauer e Gaskell (2002 p. 93)

A entrevista narrativa (daqui em diante, EN) tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na EN é chamado um "informante") a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. A técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história. Em um manuscrito não publicado, Schutze (1977) sugeriu um sistema de utilização dessa técnica. Sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível.

Particularmente aqui, a técnica se justifica sobretudo porque as entrevistas se referem à experiência pessoal, e porque elas tendem a ser detalhadas com enfoque nos acontecimentos e ações, o que vem ao encontro dos objetivos da pesquisa, que se insere no campo da experiência pessoal e história de vida das respondentes. As entrevistas duraram em média quarenta minutos e foi utilizado gravador de voz.

Vale destacar que as entrevistas tiveram tempos diferenciados de gravação, pois em alguns momentos o gravador foi interrompido e muito embora a entrevista tenha durado tempo maior, o tempo de efetiva gravação foi menor. As interrupções nas gravações se deram basicamente por dois motivos: orientação das coordenadoras, que sinalizavam que eu deveria desligá-lo, e momentos de comoção por parte das entrevistadas, muito embora em nenhum momento elas tenham solicitado pausa na gravação, optei por não gravar para que elas não se constrangessem e pudessem se recompor.

6.6 Adaptação dos métodos aos objetivos da tese

O método de entrevista aqui, tem o objetivo de investigar o sentido de pertencimento da presidiária ao parceiro amoroso, para tanto a autora conduziu a entrevista obedecendo a um roteiro previamente estabelecido,²⁰ abordando aspectos que buscaram: identificar em que momento e parte do corpo foi feita a tatuagem, e isso tem a finalidade de apontar a importância do uso do corpo como expressão de linguagem; conhecer a identidade das mulheres presas através das tatuagens, bem como verificar se há pertencimento ao parceiro (a) amoroso (a); averiguar se a detenta tem tatuagem em homenagem ao seu parceiro (a), (caso sim), em qual parte do corpo e por que, nessa parte específica do seu corpo, e com o resultado: identificar se há pertencimento da mulher presidiária e qual o significado da tatuagem para a mulher presa.

Pela especificidade do campo estudado, foram elaboradas notas de campo através de observação participante (BELEI *et al*, 2008), necessidade esta, detectada pela autora desde a reunião que antecedeu às visitas de realização da pesquisa. Zanelli

²⁰ Apêndice 1

(2002), descreve que o pesquisador deve proceder a um constante e minucioso exame dos elementos que estão no contexto analisado. Uma análise inicial das notas de campo pode gerar protocolos de observação apropriados ao contexto e assim, seguir com uma observação mais dirigida. Vale registrar que as primeiras notas foram elaboradas na sala onde aconteceu a reunião, as demais, por ocasião da realização da pesquisa, foram gravadas, uma vez que no momento das entrevistas não foi permitido portar lápis e/ou caneta e papel, e a autora dispunha como instrumento de coleta dos dados, apenas o gravador de voz.

6.7 Método e técnica de análise

Para Gerhart e Silveira (2009 p. 58), “a análise das informações tem uma segunda função, a de interpretar os fatos não cogitados, rever ou afinar as hipóteses para que, ao final, o pesquisador seja capaz de propor modificações e pistas de reflexão e de pesquisa para o futuro”. As entrevistas foram transcritas e analisadas utilizando a técnica da análise de narrativa, que conforme Muylaert et al (2014) tem como objetivo explorar além do que é relatado, como é relatado.

As chamadas características para-linguísticas: tom de voz, mudança na entonação, pausas, expressões, etc. tais nuances são de suma importância para entender o que não foi dito em palavras e também complementar a análise do pesquisador. Dessa forma, foram estipuladas categorias de análise que foram baseadas no referencial teórico, e também categorias que surgiram por ocasião das entrevistas e que foram denominadas *categorias emergentes*.

Nesse momento vale destacar que as transcrições das entrevistas representaram uma oportunidade de análise, pois à medida em que se transcreve, as falas das participantes vão formando esquemas mentais se organizando nas respectivas categorias de análise. Assim, as análises foram realizadas utilizando essas categorias e serão demonstradas utilizando gráficos e tabelas.

6.8 Detalhamento das fases da pesquisa

6.8.1 Antes de chegar a campo

Após submissão do projeto à Plataforma Brasil, e aprovação pelos comitês de ética, da UFRJ e da SEAP/SP (Parecer consubstanciado - anexo c), foram iniciados os procedimentos administrativos quanto a autorização por parte dos organismos responsáveis e participantes da pesquisa (SEAP, direção do presídio, e secretário de administração penitenciária), bem como análise documental e investigação criminal por parte da SEAP/SP em relação à autora.

Cumpridas essas etapas, a autora foi convidada via *email* para uma reunião com as Coordenadoras responsáveis pelo setor de Educação e Trabalho na referida penitenciária. A reunião que precedeu às visitas de coleta de dados, teve como pauta, esclarecer os procedimentos que deveriam ser adotados durante às visitas, o futuro contato com as presas, bem como reforçar a complexidade que envolve o lugar, e sobre as próprias presas. A grande preocupação das coordenadoras era reforçar que o campo e as participantes escolhidos para a pesquisa, envolvem aspectos que supõem cautela, sensatez e responsabilidade, uma vez que a penitenciária prima por se resguardar, preservar as presas e também a autora, bem como alertar para possíveis imprevistos quanto a eventuais impossibilidades de cumprimento de datas preestabelecidas para as entrevistas, eventos estes alheios a vontade da Instituição, ou motivo de força maior considerando a especificidade de uma penitenciária.

6.8.2 Visitando a Penitenciária – narrativa da autora com base nas notas de campo

A reunião se deu na data de 04 de junho de 2018, o local no qual a penitenciária está localizada, em Santana ao lado do bairro do Carandiru, é uma rua movimentada, com vários estabelecimentos comerciais ao redor, ruas amplas e trânsito intenso.

A segunda feira estava chuvosa, a garoa típica de “Sampa”. Chegando ao local na hora marcada, me identifiquei no primeiro e imenso portão de ferro cor cinza que dá acesso à rua, onde havia apenas movimento de caminhões adentrando à penitenciária.

Após autorização e informações do porteiro (um senhor aparentando uns 65 anos e de feição rude) entrei no presídio, caminhei por uma rua de paralelepípedo e muito arborizada por uns cem metros, a energia do lugar é diferente de antes do portão cinza.

Chegando ao local indicado para identificação, e após muitos gritos de: “Doutora! Advogados aqui”, repeti sorrindo algumas vezes: Não sou advogada, sou pesquisadora. Fiquei exatos 40 minutos na fila de identificação, onde deixei meus pertences guardados em um armário, cuja chave ficou em meu poder. Fui autorizada a me dirigir para o *Scanner*, (segundo portão de ferro, porém, menor que o primeiro) de posse apenas dos meus óculos, do documento de identidade e da chave do armário (agradecendo por não existir mais a revista íntima).

Passei pelo *scanner*, depois pelo sistema de RX (idêntico ao de aeroporto), nesse momento a energia do lugar se torna mais “pesada”, e agora, acompanhada pelas Coordenadoras que me receberam, caminhamos por um corredor úmido, mal iluminado e chegamos ao terceiro portão, imenso! O portão era de cor cinza, com uma recepção na qual deixei o documento de identidade com o responsável por aquela portaria, este, com perfil de policial e que diz “boa tarde” de forma “mecânica”, sem olhar no meu rosto. Vale assinalar que por todos os portões pelos quais passei, em companhia das coordenadoras, o procedimento de revista se aplica também a elas. Ou seja: quando saem de suas salas para áreas comuns da penitenciária, também passam por revista.

Caminhamos por outra rua, esta, asfaltada e também muito arborizada, por aproximados 200 metros, observei a imponência do lugar, adentramos finalmente no *hall*, onde se encontra a maquete do prédio. Fui informada pelas minhas acompanhantes (coordenadoras) em qual ala nos encontrávamos, a localização da escola, as celas, e a administração. Nesse local, identifiquei a placa com as informações arquitetônicas do prédio, obra de Ramos de Azevedo²¹ em 1920.

Daquele ponto é possível visualizar uma ala de celas, percebi a presença de algumas presas trabalhando na faxina (identifiquei pelo uniforme e lembrei da recomendação prévia via *email* de que eu não deveria ir à reunião vestindo camiseta

²¹ Francisco de Paula Ramos de Azevedo (Campinas, 8 de dezembro de 1851 — São Paulo, 1 de junho de 1928) foi um arquiteto brasileiro.

branca nem calça cáqui). As presas mesmo aquelas que se encontram naquele momento fora da cela por estarem trabalhando, são fáceis de identificar, não só pelo uniforme, mas pela postura, expressão corporal, caminham sempre de cabeça baixa e respondem sem olhar a quem estão cumprimentando.

Iniciada a reunião, fui advertida sobre alguns termos utilizados no projeto submetido à SEAP/SP, especificamente relacionados às técnicas de tatuagem dentro da cadeia. Após esclarecimentos de que o objetivo da pesquisa não era identificar se as tatuagens tinham sido realizadas dentro ou fora da cadeia, mas sim sua representação, o texto inicial foi alterado e imediatamente aprovado. A reunião teve o objetivo também de alertar para o fato de possível cancelamento da agenda de visita sem aviso prévio, por motivos que não poderiam ser esclarecidos, mas é um fato que precisava ser registrado.

Ao final da reunião, o café foi-me oferecido e imediatamente uma presa uniformizada entrou na sala com a bandeja na mão, olhando sempre em direção ao chão, disse: “boa tarde” deixou o café sobre a mesa, se retirou com as duas mãos para trás e de cabeça baixa, observei que talvez se tratasse de uma presa antiga, pois aparentava quase cinquenta anos, pele branca, jeito calmo e sem nenhuma tatuagem aparente.

6.8.3 chegando em campo

Os dias e horários para realização da coleta de dados foram previamente estabelecidos com os devidos esclarecimentos de que, se porventura aquela agenda de visitas por qualquer motivo não pudesse ser cumprida, eu não poderia questionar. As coordenadoras responsáveis esclareceram que o presídio é um lugar com características peculiares, e citou o exemplo de eventuais “revistas” dos órgãos superiores, e estas, obviamente não são previamente avisadas. Assim, caso houvesse a coincidência de em um dos dias agendados, a visita dos organismos de controle dos presídios, minha visita seria cancelada.

Além disso, fui informada que às segundas e sextas feiras não são dias apropriados para a realização da pesquisa, e isso se justifica porque às sextas feiras normalmente, as presas estão sob a expectativa do final de semana e das visitas, e também, não seria conveniente por ser um dia de indisponibilidade das coordenadoras

para acompanhar as entrevistas. Já a segunda feira se justifica por estados depressivos, apáticos e de tristeza das presas pela frustração da falta de visitas no domingo.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 16, 17 e 18 de outubro de 2018, porém as visitas ao presídio ocorreram de 15 a 19, ou seja, o contato com as presas ocorreu em três dias, porém, a segunda e a sexta feira foram destinadas a conhecer todo o interior do presídio, sua operacionalização. As entrevistas foram realizadas das 8 às 17h, com pausa para o almoço entre 12 e 13h, almoço este que durante os três dias, ocorreu no interior do próprio presídio.

O refeitório é administrado por uma empresa particular, mas apenas dois funcionários que se encontravam trabalhando, são empregados da referida empresa, e pelo que pude observar, apenas supervisionam o trabalho, o restante da mão de obra, é executado por presas. O refeitório é destinado a todo o corpo técnico administrativo da penitenciária, mas as presas não fazem suas refeições lá e sim dentro das celas. Em todos os dias no almoço, fui acompanhada da agente carcereira de nome Kátia, que relatava detalhes do funcionamento tanto do refeitório quanto da cadeia em geral. Foram dias de grandes aprendizados.

A intuição feminina não falhou, ao eleger as mulheres presidiárias como participantes, constatei que sem elas não teria a experiência e a chance de entender (um mínimo que seja) a natureza humana, e também aspectos da alma daquelas mulheres com quem a vida, e talvez o amor, não tenham sido muito generosos: as detentas do presídio de Santana/SP.

6.8.4 O *locus* da Pesquisa

De acordo com informações do sitio eletrônico <http://www.saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo>, ratificadas com as notas de campo realizadas pela autora, a penitenciária de São Paulo - casa de regeneração, cuja obra teve início no ano de 1911 e como responsável pela obra, o escritório técnico Ramos de Azevedo, a obra teve um custo de 14.000 (quatorze mil) contos de réis.

A partir do ano de 2005, a casa de regeneração passa se chamar penitenciária feminina de Santana - Coordenadoria da capital e grande São Paulo localizada à Av.

Gal. Ataliba Leonel 656 Carandiru CEP: 02088-900 - São Paulo – SP, e-mail: dg@pfsantana.sap.sp.gov.br telefone (11) 2979-2911 / 2221-3116 Fax: (11) 2973-4792. A População prisional (data: maio/18) tem a capacidade de 2696 e a efetiva população carcerária de 2379 presas em uma área construída com 108000 (cento e oito mil) m² e a penitenciária foi inaugurada em 08/12/2005 com regime fechado. Vale destacar que a data de inauguração mencionada acima - ano de 2005 - é referente a data de quando o presídio deixou de ser masculino para se transformar na Penitenciária Feminina de Santana, ou seja, o presídio foi construído para abrigar presos masculinos, se transformando em penitenciária feminina, a partir do ano de 2005.

Ressalto nesse momento que as visitas ao presídio permitiram observar prós e contras quanto a estrutura do presídio. Referente aos aspectos positivos saliento a unidade escolar que funciona no interior do presídio, inclusive tendo como participantes da presente pesquisa, presidiárias que no momento se encontravam matriculadas na escola. Também, vale registrar o complexo industrial instalado no presídio com estrutura física e profissional e que emprega – ainda que em condições distantes da ideal em termos de salários e condições -, um número significativo de presidiárias. Ressalto também, o tratamento dado às presas por parte das coordenadoras que me acompanharam por ocasião das visitas, bem como das agentes que lidam diretamente com as presas, que quando se referiam às mesmas, usavam o termo *as meninas*, e nunca mencionavam termos como presas, detentas ou criminosas.

Como aspectos negativos, registro que não foi possível observá-los em profundidade, uma vez que só me foi permitido acesso aos locais que não denunciaram condições precárias, o que de acordo com relatório da Secretaria de Direitos Humanos, por ocasião de Visita ao presídio no ano de 2015 apresenta um cenário diverso daquele que me foi permitido observar. Para melhor contextualizar, segue uma breve apresentação fotográfica contendo ilustrações comparativas da área externa (figuras 21, 22 e 23) galeria, área interna, e também o espaço destinado a educação dos prisioneiros, desde sua inauguração até os dias atuais

Figura 21 - Presos trabalhando – ao fundo Av. General Ataliba Leonel em 1920



Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>

Figura 22 - Vista atual da Rua General Ataliba Leonel, em frente ao número 1350 – Penitenciária Feminina de Santana/SP



Fonte: Google maps

Figura 23 - Fachada principal da penitenciária – originalmente presídio masculino



Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>

A fachada principal do presídio não sofreu grandes alterações, apenas do lado direito, atualmente, se encontra o setor de triagem de visitas, e a primeira conferência de materiais e produtos que serão entregues às presas.

Figura 24 - Fachada principal da Penitenciária – Atual penitenciária feminina de Santana



Fonte: imagens google

A fotografia permite visualizar visitantes aguardando para serem atendidos na primeira triagem, antes de adentrarem no primeiro portão de acesso ao presídio. Ou seja: esta, é a única diferença da parte frontal em relação ao original demonstrado na figura 23.

Figura 25 - Fachada do prédio da administração da penitenciária - originalmente em 1920



Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>

A fachada do prédio da administração preserva as mesmas características de sua fundação, e inclusive, permanece no alto da fachada a frase: “ Aqui o trabalho, a disciplina e bondade resgatam a falta cometida e reconduzem o homem à comunhão social. ”

Figura 26 - Fachada do prédio da administração da Penitenciária atualmente



Fonte: Varella (2017)

A porta principal leva ao prédio da administração, a grade azul abaixo da escadaria leva às galerias. Por ocasião da pesquisa de campo, foi constatado que o presídio ainda mantém praticamente a mesma estrutura física de quando da sua inauguração, no entanto, o estado de conservação principalmente da área interna encontra-se bastante desgastado com infiltrações aparentes e instalações elétricas precárias.

Figura 27 - Interior de um pavilhão – década de 20



Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>

Figura 28 - Sala de aula Penitenciária década de 20



Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>

Figura 29 - Sala de aula penitenciária atual



Fonte: <https://www.causaoperaria.org.br/acervo/blog/2017/09/22/>

Conforme já mencionado, a penitenciária feminina de Santana atualmente mantém uma Escola estadual, na qual por ocasião da realização da pesquisa, estavam matriculadas, 109 (cento e nove) detentas. Um número pequeno, quando comparado ao total de presas que é de 2.379 (duas mil, trezentos e setenta e nove). Vale citar que as

presas que estudam são selecionadas obedecendo a critérios pré-estabelecidos pela direção, mas que cada dia de estudo, equivale a um dia de remissão de pena²².

Na penitenciária também funcionam oficinas de trabalho, e diversas empresas instalaram bases nas dependências do presídio e empregam 70% das presas, conforme já elucidado na seção que se destina ao *locus* da pesquisa. As empresas que utilizam mão de obra das detentas operam em diversos segmentos de negócios como por exemplo, brindes e materiais para festas, retrovisor para automóveis, chinelos, torneiras e conexões plásticas, e como principal atividade, a montagem de equipos de soro para hospitais.

²² Lei nº 12.433, de 29 de junho de 2011

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção apresenta o resultado dos dados provenientes da pesquisa bem como sua análise. Os resultados são apresentados utilizando definições constitutiva e operacional das categorias. A etapa de análise dos dados permitiu a apuração e compreensão das informações colhidas bem como sua compilação reduzida, para que pudesse ser divulgado de forma objetiva o que se julgou mais conveniente para assim, chegar as conclusões.

Com base em Miles & Huberman (1984), a análise foi desmembrada em quatro etapas: a realização das entrevistas e respectivas transcrições²³, a organização e síntese dos dados coletados, a apresentação dos dados coletados através de textos, tabelas e esquemas e a verificação dos dados e conclusões. Vale ressaltar que para a análise dos dados, a autora optou por realizar cada uma das etapas apresentadas por Milles e Huberman (1984) de forma manual, dispensando o auxílio de softwares especializados para análises qualitativas, e isso se deve ao fato de que esses programas facilitam a organização e análise dos dados de um grande número de entrevistados, o que não se aplica na presente pesquisa. Além disso, sua utilização não é garantia de que os dados serão melhor apurados (VAN DEN HOONAARD, 2008).

Assim, inicialmente serão apresentados o perfil dos sujeitos entrevistados, que foram elaborados com base em Notas de Campo e impressões da autora. Em relação as Notas de Campo, elas devem ser organizadas em duas etapas: uma parte descritiva e uma parte reflexiva.

[...]parte descritiva compreende um registro detalhado do que ocorre "no campo", ou seja: 1. Descrição dos sujeitos. Sua aparência física, seus maneirismos, seu modo de vestir, e falar e de agir. [...]. As palavras, os gestos, os depoimentos, as observações feitas entre os sujeitos ou entre estes e o pesquisador devem ser registrados. Na medida do possível devem-se utilizar as suas próprias palavras. A parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase de coleta: suas especulações, sentimentos, problemas, ideias, impressões, preconceções, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções. (LUDKE e MENGA, 1986 Pág. 30)

²³ Foram realizadas de forma fidedigna, ou seja: exatamente como as participantes se expressaram

Para melhor explicitar o conteúdo das Notas de Campo, foi elaborado um quadro, cuja composição se deu à luz de dados constantes no Termo de Consentimento assinado pelas detentas - nome e idade. O quadro também contempla o crime cometido e as observações pessoais, estes dados constam em Notas de Campo, cuja divulgação foi autorizada através do formulário de anuência do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/SEAP/SP, devidamente assinado pelo Sr. Secretário de Administração Penitenciária de São Paulo. (anexo B)

Quadro 4- Perfil e descrição das detentas

NOME	IDADE	CRIME	Etapa Descritiva	Etapa Reflexiva (observações Pessoais)
Viviane	28	Art.33	Quinta entrevista. Reincidente na cadeia. Parda, comedida – corpo com muitas cicatrizes (acidente); já cumpriu 3 anos da pena.	Entrevista curta e cansativa, demonstrou angústia. Cicatrizes físicas, mas feridas emocionais
Caroline	26	Art. 33	Primeira entrevistada – Reincidente na cadeia. Negra, falante, incansável, mãe de oito filhos (sete adotivos). Esperançosa. Aparentava ânimo, disposição,	O ambiente da cadeia não parece afetar o emocional, porém, a família e o atual marido são a razão para vislumbrar o futuro. 90% da entrevista foi sobre eles.
Fabiana	32	Ar. 35	Décima entrevistada - Reticente, cuidadosa com as palavras, monossilábica.	A família foi citada diversas vezes, o crime cometido é associação para o tráfico, pois toda a família é envolvida com o tráfico.
Manoela	27	Art. 33	Nona entrevistada - Branca, bonita, educada, bem articulada. Não tem tatuagem em homenagem ao parceiro	Ambiciosa, se expressa bem. A família é o que dá forças para cumprir a pena.
Hevelyn	29	Art. 33	Décima primeira entrevistada - Branca, Reincidente na cadeia, primeira passagem ainda quando menor de idade. Tatuagem de um diamante no rosto.	Ambiciosa, deslumbrada com o marido de apelido diamante. Aparenta usar drogas. Linguajar típico da cadeia.
Gení	60	Art. 33	Quarta Entrevista. Negra, falante, carente, apaixonada. Está presa porque o filho mais novo é gerente de uma “biqueira”	Semianalfabeta, ansiosa, demonstrou misto de sentimentos em relação à família, por um lado certa decepção com os filhos, e por outro, amor incondicional ao filho mais

NOME	IDADE	CRIME	Etapa Descritiva	Etapa Reflexiva (observações Pessoais)
				novo, que teria causado sua prisão.
Zilda	39	Art. 33	Terceira entrevista. Parda, calma, Reincidente na cadeia	Luta para se livrar do vício em drogas, vislumbra o futuro fora da cadeia, se propõe a receber o marido (que a inseriu no crime) quando ele sair da cadeia, e cuidar dele, que tem câncer.
Larissa	24	Art. 33	Segunda entrevista. Parda, usava um crucifixo sugerindo ser católica. Não tem tatuagem em homenagem ao parceiro amoroso.	Calma, se expressa sem o linguajar típico da cadeia. OBS. Foi solta no dia seguinte da entrevista.
Ana Lucia	36	Art. 157	Sétima entrevista. Branca, baixa estatura, faz tatuagem para sentir dor e se punir. Filha também se encontra presa.	Agitada, extremamente grata ao pai, e carrega culpa porque na morte dele ela estava presa. Verbalizou diversas vezes sentimento de revolta em relação a si própria. Demonstrou autopunição, porém não demonstrou culpa pela filha também ser presidiária. Se expressa com linguajar típico da cadeia
Beatrys	24	Art. 157	Décima segunda entrevistada - Parda, olhos azuis, se declarou lésbica;	Se comunica de forma calma, mas desarticulada, dificuldade para se expressar, pouca escolaridade. Visivelmente preocupada com estética, cabelos impecavelmente bem cortados. Aparenta usar drogas.
Thamires	26	Art. 157	Sexta Entrevista. Branca, loira bonita, se declarou perigosa. Viúva duas vezes, um foi assassinado, o outro de enfarte no momento do ato sexual em sua companhia. Já foi baleada.	Se expressa com linguajar típico de cadeia. Aparenta usar drogas, cheiro típico de maconha. Aparenta certa periculosidade
Juliana	30	Art. 33	Oitava entrevista. Reincidente na cadeia. A única que revelou não ter sido abandonada pelo marido, porém, ele também se encontra preso. Alegou	Parda, magra, visivelmente preocupada com estética, chegou tensa, um pouco trêmula, o que conseguiu

NOME	IDADE	CRIME	Etapa Descritiva	Etapa Reflexiva (observações Pessoais)
			ter feito tatuagem em homenagem a ele, mas que ele também fez o nome dela.	reverter ao longo da entrevista.
Emanoela	36	Art. 33	Décima terceira entrevista- Branca, alta, pele e cabelos bem cuidados. Reincidente na cadeia Tatuagem da arlequina porque o marido tem o coringa	Tem verdadeira adoração pela irmã Sonia, mais que pela mãe. Uma das poucas que percebi uma certa periculosidade e revolta principalmente quando citou que a polícia ameaçou arrancar a tatuagem da arlequina com faca, e lhe bateu no local da tatuagem, nesse momento a expressão e linguagem corporal ficou diferente. A fala era como se fosse natural apanhar da polícia, mas a expressão do rosto e a linguagem corporal se alteraram. Aparenta usar drogas.

O quadro acima, demonstra o que foi verbalizado pelas entrevistadas e também as impressões da autora. Vale destacar, que a característica comum à praticamente todas, é que inicialmente, estavam todas tensas, algumas apresentando sintomas físicos como mão frias e trêmulas. Outra característica é que absolutamente todas, se prepararam para a entrevista e se encontravam produzidas, maquiadas. Nesse momento vale ressaltar que apenas **duas** de um total de 13 entrevistadas oficialmente, **não** possuem tatuagem em homenagem ao (a) parceiro (a) amoroso (a). As detentas também alegaram que jamais participaram de pesquisas acadêmicas, o que foi ratificado pelas coordenadoras, que também esclareceram que as presas participaram de coleta de dados para publicação de livros²⁴ e as mesmas alegaram que o presídio já foi objeto de diversas pesquisas, porém, nunca com as presas como sujeito delas, e que a maioria das pesquisas são da área do direito e/ou história.

²⁴ “prisioneiras” de Dráuzio Varella - porém, o autor se baseia em relatos obtidos por ocasião de consultas médicas, uma vez que o mesmo é médico voluntário na Instituição.

Traçados o perfil e descrição das detentas, apresentamos a análise à luz das categorias anteriormente estabelecidas: Identidade; Pertencimento; Submissão; Corpo como linguagem. Além disso, conforme já anunciado, a análise dos resultados será baseada na técnica da análise da narrativa, e conforme assinalam Moraes e Galiuzzi (2007 p. 159):

A análise pode assumir [...] a perspectiva de teorias a priori e de teorias emergentes. A primeira perspectiva pode [...] referir-se a estudos dedutivos-verificatórios [...] neste caso a teoria serve para dedução das hipóteses nos estudos verificatórios, ou para interpretação dos resultados, nas pesquisas compreensivas. [...] as pesquisas com análise de conteúdo que trabalham com teorias emergentes são radicalmente qualitativas. Visam a melhoria da compreensão dos fenômenos investigados a partir da explicitação de teorias construídas com base nas próprias informações reunidas em relação aos fenômenos.

Com base nas explicações acima, e pela natureza dos dados coletados, emergiram dados importantes e recorrentes nas entrevistas, o que implicou em novas categorias de análise, caracterizando-as como categorias emergentes. Portanto, as categorias se dividem em a *priori* e emergentes. Porém apenas as categorias *a priori* serão aqui explicadas a partir de definições utilizadas na pesquisa que são definições Constitutivas (com base nos autores) e definição operacional (descrição, compreensão precisa de fragmentos das entrevistas).

As definições constitutivas e definições operacionais formam um importante elemento elucidativo para a avaliação do rigor na pesquisa qualitativa. Enquanto a definição constitutiva se refere aos conceitos dos termos e variáveis e deve emergir da fundamentação teórica, a definição operacional representa a operacionalização da definição constitutiva e se refere ao modo como a variável pode ser identificada, é extraída dos dados. (DUCCI, 2009).

A técnica de análise de narrativa requer habilidade interpretativa do pesquisador, mas também permite análise das características para-linguísticas (tom de voz, mudança na entonação, pausas, expressões, etc.).

Dessa forma, foi levado em consideração como as entrevistadas constroem a percepção da sua realidade de presidiárias e tatuadas em relação aos seus parceiros (as) amorosos (as), o que forneceu subsídios para a interpretação dos dados, conforme apresentadas nos quadros a seguir.

Quadro 5- Definições Constitutiva e Operacional para a categoria Identidade

IDENTIDADE	
DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA	<p>Esta categoria foi sustentada teoricamente por Bauman (2005) e Hall (2004) que explica Identidade sob três prismas: a) Iluminismo - concepção de ser humano; b) Identidade sociológica - interação entre o sujeito e a sociedade; c) pós-moderno - moderno viés cultural, indivíduo adquire identidades distintas em momentos distintos.</p> <p>Já para Bauman (2005), as identidades sociais, culturais profissionais, religiosas e sexuais passam por um processo de transformação contínuo configurando um “estar em movimento” e isso não é uma escolha do indivíduo, mas, uma condição que a vida moderna impõe.</p>
DEFINIÇÃO OPERACIONAL	<p>Será extraída de comentários e de alusões a atitudes que representem o EU da entrevistada, e também sempre que houver menção de construção ou reconstrução da identidade relacionada a eventos na vida das participantes.</p>

Quadro 6- Definições Constitutiva e Operacional para a categoria Pertencimento

PERTENCIMENTO	
DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA	Motivação que seres humanos têm para estabelecerem importantes laços sociais, desde que sejam positivos e traga algum tipo de recompensa, mesmo que seja apenas sensação de bem-estar na convivência. Dessa forma, ela também representa a necessidade de estar inserido em um grupo, mas essa inserção deve satisfazer o indivíduo principalmente se existe um sentimento de aceitação. (GASTAL e PILATI, 2016)
DEFINIÇÃO OPERACIONAL	Será extraída dos relatos das informantes sempre que elas se referirem às tatuagens de forma que dê margem à interpretação de pertencimento ao parceiro (a) amoroso (a)

Quadro 7- Definições Constitutiva e Operacional – Submissão

SUBMISSÃO	
DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA	<p>A “Dominação Masculina” é fato socialmente construído e que, se faz presente nas diversas instituições, às quais os indivíduos fazem parte, e que ela advém de diversos fatores como por exemplo a dominação implícita, mas corriqueira no ambiente doméstico.</p> <p>A dominação também ocorre com a <i>violência simbólica</i>, está nas entrelinhas, se constitui sob a forma de prática constituída, mas velada, que se faz presente nos pequenos gestos corriqueiros, mas que fortalece cada vez mais a dominação masculina e a subalternidade feminina, (BOURDIEU, 2002)</p>
DEFINIÇÃO OPERACIONAL	Será extraída dos relatos das presas, sempre que estes se referirem à maus tratos, sejam eles físicos ou psicológicos, ou também abandono.

Quadro 8- Definições Constitutiva e Operacional- Corpo como linguagem

CORPO COMO LINGUAGEM	
DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA	<p>Ao longo da história da humanidade em todos os lugares do mundo, o corpo é utilizado como linguagem[...]</p> <p>As imagens na pele do preso podem revelar qual punição foi aplicada no preso[...] (ARAUJO, 2005)</p>
DEFINIÇÃO OPERACIONAL	<p>Será identificado quando houver relato de uso do corpo como representatividade de demonstração de seu sentimento através da tatuagem</p>

Os quadros acima, explicam as principais definições utilizadas para análise das categorias estabelecidas, ou seja: a base das análises foram definições oriundas do referencial teórico e dados fornecidos pelas entrevistadas. A partir deles, apresenta-se a análise conforme segue.

7.1 Identidade

Para Hall (2004) a Identidade se constitui sob três vertentes: Iluminismo - ao nascer o indivíduo assume uma Identidade humana que carrega consigo ao longo da vida; sociológica - se configura na relação com outros sujeitos, nas quais são compartilhados conceitos, valores, sentidos e símbolos. Identidade sociológica se configura assim, pela interação entre o sujeito e a sociedade; pós-moderna - viés cultural, indivíduo adquire identidades distintas em momentos distintos.

Então tipo assim... tipo... esqueci como que fala... [...]ela pode se representar com uma tatuagem..... [...] é, ela pode se identificar com uma tatuagem

(Viviane)

A fala da entrevistada representa a relação estabelecida por ela com a sociedade, uma vez que entende a tatuagem como um meio pelo qual ela pode se

identificar perante o outro. Bauman (2005) afirma que o indivíduo adquire identidades distintas em momentos distintos, e a conceitua como “identidade “líquida.

[...]antes eu não me importava, antes eu era mal, agora eu sou bem, porque agora eu me importo

(Caroline)

O trecho acima, configura a Identidade da participante, inclusive sua transformação, alegando que modificou seu comportamento, assumindo outra identidade. A Identidade “líquida”, também é ilustrada por Fabiana quando ela afirma se arrepender de uma tatuagem, ou seja: aquela tatuagem já não a representa mais.

Ah porque quando eu fiz eu era muito imatura e hoje me arrependo, e os lugares também que eu fiz. Me arrependo dessas

(Fabiana)

Da mesma forma, Ana Lúcia também alega arrependimento e transformação na identidade frente a um episódio da vida, o que ratifica que as identidades vão se modificando conforme eventos que a vida impõe.

Sim, eu fiz pro meu ex-marido, não é mais marido, agora é ex, me arrependi tentei apagar, mas não consegui (Ana Lúcia)

Assim, a identidade pode ser representada pela tatuagem, o que para as detentas, é negativo, como por exemplo para a entrevistada Emanoela que tem uma tatuagem que na cadeia é algo significativo.

Porque se a polícia para você, e vê a tatuagem (dizem que tem vários significados, pra mim tem um pra eles é outro né?) (Emanoela).

O trecho acima constitui a Identidade da entrevistada enquanto criminosa, ou seja: a tatuagem a identifica como tal, na sua fala, ela afirma que no momento de sua prisão, o policial a identificou através da tatuagem a “arlequina” que na prisão tem um significado peculiar de a “mulher do bandido”, e em alguns casos pessoas envolvidas com morte de policiais.

Silva (2011), em relação ao significado da tatuagem na cadeia, afirma que carpa (peixe), Escorpião (animal, não o signo) e Yin yang, indicam envolvimento com a facção criminosa Primeiro Comando da Capital -PCC.

[...]A primeira que eu fiz foi uma carpa

(Juliana)

Dessa forma, a participante poderia ser identificada como uma integrante da Facção Criminosa, pois alega que a primeira tatuagem que fez foi exatamente de uma carpa. A exemplo da Juliana, Larissa também alega ter tatuado um símbolo que sugere sua identificação como integrante de facção:

Fiz com consciência, doeu um pouquinho, mas era aquela dor prazerosa assim... de fazer... aí eu acabei fazendo, eu fiz tipo um yin yang né?

(Larissa)

Os relatos acima sugerem a Identidade das detentas através de suas tatuagens, a grande maioria configura a Identidade líquida a qual Bauman se refere e através das tatuagens, as entrevistadas indicam mudanças na vida e nas tatuagens de acordo com os eventos da vida.

7.2 Pertencimento

Existe atualmente, a necessidade de que, em algum lugar, naquele momento, alguém possa desejar ou esteja precisando de si, daí o sucesso das redes sociais e instrumentos de comunicação *online*. (BAUMANN, 2005).

As considerações do autor remetem para o pertencimento como uma necessidade inerente ao ser humano, a analogia com as redes sociais, especialmente quando ele afirma: “naquele momento, alguém possa desejar, ou esteja precisando de si”, explica a intensidade com que as redes sociais interferem na vida dos indivíduos atualmente, e isso para o autor, se deve à necessidade de pertencimento, o que é corroborado pela entrevistada.

[...] e tinha uma turminha de meninas lá que a gente se identificava bem, aí foi na época daquele - mais amor menos recalque do Mc de Leste - aí as meninas fez no dedo acabei fazendo também

(Hevelyn)

A entrevistada afirma que foi a necessidade de pertencimento que a fez tatuar alguns símbolos nos dedos, ou seja: foi para sentir-se parte de um grupo, o que vai ao encontro das afirmações de Gastal e Pilati (2016), quando alegam que a “motivação que seres humanos têm para estabelecerem importantes laços sociais, desde que sejam

positivos e traga algum tipo de recompensa, mesmo que seja apenas sensação de bem-estar na convivência. ”

[...]fiz, a gente ficou casado 8 anos, aí ele tava preso, e eu fiz no dia do aniversário dele, porque ele falou que queria um presente, que era pra eu tatuar o nome dele

(Emanoela)

A fala da participante, coaduna com o que os autores defendem quando afirmam que o pertencimento envolve o estabelecimento de laços sociais, vínculos, e que estes precisam provocar sensação de bem-estar.

[...]é um casazinho de boneco com nossas iniciais eu tenho aqui assim de fora a fora o nome dele inteiro e no meu pé - amor - com o nome dele.

(Fabiana)

Mas o pertencimento, nem sempre é voluntário, e em muitos casos ele ocorre por coerção, como lembra Bauman (2005) [...]como o início de um relacionamento exige consentimento mútuo, ao passo que a decisão de um dos parceiros é suficiente para encerrá-lo, toda parceria está fadada a ser permanentemente derrotada pela ansiedade: e se a pessoa se aborrecer antes de mim”? (p. 72). No caso de mulheres presidiárias e que tiveram relacionamentos com homens envolvidos com o crime, a decisão de um dos parceiros em encerrá-lo, não é válida.

[...]porque eu ia visitar ele e ele me ameaçava na visita, na visita ele falava: óh! se eu descobrir que você ta me traindo, que você ta indo pra baladinha, que você ta olhando pra um e pra outro, porque na visita sempre tem um radinho e tocava funk alguma música, e ele falava: ah você ta bem... conhece muito as músicas né? E eu ficava com medo dele, tipo: já me batia muito então eu tinha medo.

(Tamires)

Conforme relato da entrevistada, as visitas ao parceiro, ocorriam principalmente motivadas pelo medo, nesse caso, o pertencimento não é voluntário, não há a necessidade de pertencer a alguém, ao contrário, é imposto.

Foi difícil a decisão de largar dele por causa da criança, quando pensei... 1 2, 3 filhos e ele preso, ele foi preso jovem com 20 anos, meus filhos foi tudo feito dentro de uma penitenciária, e alí eu visitando ele 8 anos

(Zilda)

A entrevistada relata a dificuldade em abandona-lo, o que configura pertencimento, visitando-o por um longo período de tempo. Ou seja: as mulheres não

abandonam os maridos quando eles estão presos, mas os homens imediatamente as abandonam, e “a *gratidão eterna que os criminosos juram para suas amadas expira no exato instante em que elas cruzam os portões da cadeia, ainda que aliciadas por eles.* (VARELLA, 2017 p. 214), é o que relata Ana Lúcia:

[...]que ele me abandonou aqui dentro, colocou outra mulher dentro da minha casa, [...] porque o que eu fiz por ele... eu tô aqui dentro, eu tô aqui dentro por ele

(Ana Lúcia)

O sentido de pertencimento, ou posse dos homens em relação às mulheres, também ocorre como uma espécie de ostentação, e mesmo na condição de preso, se sente “dono” da mulher.

E ele quis mostrar pra todo mundo...ela fez meu nome... ela fez meu nome... Passei quase o dia todo da visita mostrando a tatuagem.

(Emanoela)

O namorado de Emanoela pediu que ela tatuasse o nome dele, e por ocasião da visita a ele na cadeia, ela relata que ele fez questão de mostrar para os demais presos que ela havia tatuado o nome dele, pediu que ela exibisse o braço para todos.

7.3 Submissão

Para Bourdieu (2002), a dominação masculina e a submissão feminina muitas vezes não são explícitas, e não é percebida nem mesmo pelas próprias vítimas, e que tal dominação é resultado de um conjunto de fatores como por exemplo, desconhecimento e/ou sentimento.

Também sempre vi na *dominação masculina*, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas de comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002 p. 2-3).

Outro exemplo de submissão velada na qual, o sentimento é o elemento motivador é o de Zilda, ao relatar a dificuldade em abandonar o marido e pai dos seus filhos.

*Foi difícil a decisão de largar dele por causa da criança, quando pensei... 1
2 3 filhos e ele preso, ele foi preso jovem com 20 anos, meus filhos foi tudo
feito dentro de uma penitenciária, e ali eu visitando ele 8 anos.*

(Zilda)

A entrevistada relata a dificuldade em largar do pai dos filhos, que o visitou na cadeia durante um longo período. Ao relatar que os filhos foram gerados dentro da cadeia, ela expressa certa indignação, indicando que não era essa a melhor circunstância para gerar seus filhos, mas foi submissa e se expôs a situação durante oito anos.

A dominação masculina se impõe para Fabiana, que em nome de um sentimento que ela classifica como doença, alega fazer “loucuras” em nome do sentimento que nutre pelo namorado.

Acho que é, acho que não é mais nem amor, é doença, sou louca por causa dele.

(Fabiana)

No trecho acima, a participante se refere ao homem com o qual se envolveu, e em consequência desse envolvimento se encontra presa. Classifica o relacionamento como doença, mas se submete a ele. A submissão novamente é explicitada na fala de Zilda, e mais uma vez em nome do sentimento.

É, mas o primeiro casamento fui traída, o segundo me bateu 11 meses, que eu pensei que era aquele amor...

(Zilda)

A entrevistada relata que no primeiro casamento foi traída, e ainda assim, continuou casada por muito tempo. Além disso, com o segundo casamento vieram as agressões por um período de 11 meses, o que configura submissão, uma vez que não o abandonou quando da primeira agressão.

Para Gení, a dominação masculina, e logo, sua submissão, é justificada pelo instinto de defender aos filhos, a entrevistada não menciona a vontade de abandonar o marido agressor, apenas justifica que era agredida para defender os filhos.

Porque meu marido era alcóolatra, e quando ele ia pra cima, pra judiar de todos, eu pulava na frente, todos entravam debaixo da cama... a leoa era eu, eu que apanhava, eu não deixava atacar eles... eu pulava na frente, eu que apanhava...quer bater, bate em mim, judia de mim, perdi tufo de cabelo, perdi meus dentes, perdi minha saúde, perdi tudo... porque eu era a sacrificada, mas meus filhos não.

(Gení)

Ainda que para defender os filhos, a entrevistada se submetia ao marido, relata que apanhava e que os episódios eram rotineiros e normalmente motivados por bebida alcoólica.

Já em relação ao atual companheiro, ela relata submissão, mas em relação às traições, uma vez que mesmo preso, o companheiro já demonstrou sua dominação.

Mas eu achei que ele tinha que mudar, porque ele tá preso em Balbinos II, eu tô presa aqui, e aqui, eu não posso brigar, dá um show fazer um auê, eu não posso fazer nada, eu tenho que ficar na minha postura, me comportar quietinha, caladinha, porque aqui existe um castigo pra gente ficar, e eu não quero isso pra mim, então achei que foi aí que ele não mudou entendeu?
(Gení)

A entrevistada, relata que o relacionamento com um preso ocorre com visitas íntimas esporádicas e através de correspondência (cartas e bilhetes), e que seu namorado se correspondeu com outra presa, acha que ele não modificou o comportamento, mas continua se submetendo a ele e ao relacionamento.

A dominação masculina é bastante demonstrada em relação às mulheres quando em liberdade e o homem preso, elas serem usadas para transportar materiais lícitos e principalmente ilícitos para eles na cadeia.

Quando ele foi preso cheguei a levar droga pra ele dentro da cadeia, cáí la dentro na revista, só que eu era menor antecipada, cáí com meu filho, quase perdi a guarda do meu filho.
(Thamires)

Thamires relata que quando o namorado foi preso, ela foi totalmente submissa, agindo conforme as orientações dele, cometia atos ilícitos traficava e tentava entrar com drogas na cadeia, motivo pelo qual foi presa.

Já Ana Lúcia, alega que quando o marido foi preso, continuou com as ações criminosas que realizavam juntos, porém, ele foi solto e a abandonou.

[...]porque o que eu fiz por ele... eu tô aqui dentro, eu tô aqui dentro por ele.
(Ana Lúcia)

A submissão é relatada pela entrevistada, quando diz “o que eu fiz por ele”, afirma também que se encontra presa em consequência do que fez por ele, mas que ele jamais reconheceu e a abandonou.

7.4 Corpo como linguagem

[...]Sim, do que...porque tipo: vai ser a expressão da pessoa no seu corpo (Caroline)

Quando a entrevistada diz: “é a expressão da pessoa no seu corpo” ela está na verdade dizendo: é o corpo transmitindo uma mensagem, se expressando, se comunicando com o outro.

O corpo também assume linguagem de expressão quando utilizado para identificar alguém, especialmente através da tatuagem

Nosso objetivo não é discriminar pessoas que possuem tatuagens, pois seria discriminar o próprio ser humano que ao longo de sua história utilizou a tatuagem como forma de expressão. Mas apenas demonstrar que certas tatuagens encontradas em alguns indivíduos podem indicar fortes indícios de envolvimento com a prática de crimes. (SILVA, 2011 p.19)

Porque se a polícia pára você, e vê a tatuagem[...]então ele ah vou arrancar na faca... bate na sua perna por causa dela... [...], mas me arrependi por algumas coisa que acontece por causa dela

(Emanoela).

A fala da participante indica que o corpo tatuado transmitiu a mensagem para o policial que se tratava de uma pessoa envolvida com o crime, ratificando o corpo como transmissor de mensagens.

Nessa perspectiva, o corpo é matéria transformado em tela sobre a qual se inscrevem mensagens, que transcende a um mero cenário construído para imprimir mensagens ou facilitar a comunicação com o receptor. “O corpo passa a ser a própria mensagem. É a imagem física de uma identidade que se busca hoje com sofreguidão para que possamos perceber quem somos. ” (PINA 2005, pg. 1795).

Se bem que quando a minha filha ano passado foi embora daqui, porque ela perdeu a tranca, aí ela foi pro castigo e deram bonde nela pra Tremembé, então foi uma dor muito grande, aí fiz duas.

(Ana Lúcia)

Nesse caso, o corpo é o instrumento transmissor de mensagem para a própria participante, a forma que ela encontrou de “se punir”, transmitir para si própria a mensagem da dor física como um atenuante da dor emocional.

7.5 Categorias emergentes

As análises a seguir, são o resultado de recorrências na fala das entrevistadas, além das análises acima, temas como amor, família e ressentimento foram verbalizados enfaticamente pelas entrevistadas.

7.5.1 Tatuagem e amor à família

João do Rio em sua obra “a alma encantadora das ruas” observou a tatuagem de mulheres presas e escreveu:

[...]todas estão tatuadas, tatuadas nos seios, ombros, tatuadas nos braços, nas pernas, no ventre, tatuadas nas mãos algumas até tatuadas na testa. Esses riscos azuis e essas manchas negras dão-lhes um aspecto bárbaro, um ar selvagem. Nenhuma decerto tem mais família ou amizades duradouras. A tatuagem para os seus pobres corações apodrecidos é como a exteriorização da saudade. Muitas têm, entre espadas, cristos, sereias, peixes, coroas imperiais, o nome dos que lhes deram o ser, o nome dos irmãos, o dos filhos perdidos e dos amantes que se foram: muitas, nas horas de solidão, têm na própria pele a recordação da eterna dor. (RIO, 2007, p. 196).

As presas participantes da pesquisa ratificaram o que João do Rio afirmou em sua obra cuja primeira publicação foi na primeira metade do século XX, o autor afirma que [...] “a tatuagem é a exteriorização da saudade”, o que é comprovado com a fala de uma presa.

E que eu tô aqui, e a única coisa que me dá forças é saber que o dia de amanhã eu vou tá com ela, entendeu? Aí eu escrevi o nome dela, aí depois eu vim presa, e eu fiquei só com o nome dela escrito, faz 3 anos que eu não vejo ela porque eu não tenho visita, mas pelo menos eu tenho o nome dela aqui e no meu coração e é muito importante para mim é a tatuagem que eu mais gosto é o nome da minha filha.

(Viviane)

A tatuagem das mulheres presas significa a marca permanente de um episódio ou de uma pessoa a quem a presa estabelece ou estabeleceu fortes ligações.

[...]aí eu tenho o nome da minha irmã no braço ... porque quando eu sair de liberdade...

(Emanoela)

A família para as mulheres que se encontram presas, representa o elo com o futuro e a vida fora da cadeia, como por exemplo no trecho abaixo:

Eu amo minha família! Minha família é tudo pra mim... minha mãe é uma guerreira uma batalhadora, porque a única filha dela, problemática que nem eu fui desde os 15 anos até hoje, porque infelizmente... (choro), pausa na gravação.

(Zilda)

A entrevistada cita a família como algo muito forte em sua vida, e durante a entrevista, ela se expressou de forma inalterada, mesmo quando citou o momento das duas vezes em que foi presa. Porém, quando a família, mais especificamente os filhos e a mãe vêm à tona, o tom de voz se modifica, a expressão corporal se torna agitada, e a emoção aflora.

Mesmo quando se referem a ex-maridos, as presas demonstram que o sentido de família prevalece, como no relato abaixo, no qual a presa afirma não nutrir qualquer sentimento homem/mulher, em relação ao ex-marido.

Meu marido não! E é uma pessoa que infelizmente tá precisando né? Ta doente, ta precisando de nós, não vou fazer o que ele fez com a gente e ele também ta muito tempo preso né? 21 anos preso, então vamos dá uma chance pelo menos se aproximar dos filhos que cresceram longe dele.

(Zilda)

O marido em referência, é o pai dos filhos, e motivador da primeira prisão. Além disso, a traiu, e ainda assim, ela está disposta a ajudá-lo, não como marido, mas como um membro da família, o que indica que o sentido de família é muito forte.

A família também é citada quando a presa se refere à vida que levava antes de ser presa, e que, havia o cuidado para que os filhos (família) ficassem imunes a determinadas circunstâncias. *Porque eu também não queria que meu filho crescesse e visse eu correndo de polícia, tomando tiro, correndo pulando muro, não queria isso, e nem quero* (Thamires).

No trecho acima, a entrevistada relata que não queria que o filho presenciasse situações constrangedoras, ou seja: a preocupação é com os filhos, o que fortalece o sentido de família.

Quando Deus permitir, pra mim sair bem pra não querer ir atrás de droga, atrás de tráfico, sair na hora certa pra curtir meus filhos ter uma casa pra mim e meus filhos, porque eu sei que se continuar assim, meu fim vai ser trágico, igual minha família é religiosa né? Igual quando eu fui presa na delegacia minha mãe foi lá e falou assim: ta vendo Deus tirou dois do seu caminho.... (Choro)

(Thamires).

A entrevistada Thamires vislumbra o futuro longe da cadeia em um lar com os filhos, cita a mãe, e lembra exatamente o que ela lhe disse ainda na delegacia no momento da prisão, demais lembranças daquele momento não foi verbalizado na entrevista, apenas a frase da mãe, o que indica que a família é o que mais importa.

Já para outra entrevistada, o ex-marido representa o sentido de família, e isso é tão forte, que ela pretende continuar com a tatuagem que fez em sua homenagem.

Não, hoje nós não tá mais junto, mas eu nunca pensei em tampar...

(Fabiana)

As presas estabelecem uma relação de amor com a tatuagem, especialmente com aquelas feitas para suas famílias.

Foi uma coisa que marcou muito a minha vida, e sempre vai marcar, com tatuagem ou sem tatuagem é uma coisa que marcou muito, foi uma pessoa que tipo me ajudou, me tirou da vida que eu levava, tipo: na época eu traficava, na época vivia tipo na casa de um e outro jogada.

(Tamires).

A tatuagem representa uma espécie de fotografia, porém, muito mais significativa, uma vez que está impressa em seus corpos, e de alguma forma, ajuda a confortar os momentos dentro da cadeia.

7.5.2 Ressentimento

Mas o fato é que “*A gratidão eterna que os criminosos juram para suas amadas expira no exato instante em que elas cruzam os portões da cadeia, ainda que aliciadas por eles.*” (VARELLA, 2017 p. 2014).

[...]e quando eu fui presa o que ele fez? Tirou meu nome do Rol dele e colocou de uma outra mulher, então me senti traída na lealdade, me senti traída

(Zilda).

A entrevistada relata que ficou visitando o marido preso por um longo período, porém, por ocasião de sua prisão, imediatamente ele providenciou a substituição do seu nome no “rol” de visitas dele, pelo nome de outra mulher, provocando grande

ressentimento. Já outra participante relata com profundo pesar e ressentimento, que foi abandonada na cadeia.

Eu não tenho uma visita, eu não tenho nadaaaa, [...]

(Gení)

Essa entrevistada alega não receber visita de nenhum familiar, apenas o marido preso visita quando autorizado pela justiça e se corresponde com ela através de cartas, e que o único filho que envia cartas tem restrições e problemas com a justiça.

O ressentimento é verbalizado de forma recorrente nas entrevistas, especialmente em relação aos antigos relacionamentos.

[...]Jeu fiz quando eu conheci meu primeiro namorado, que eu escrevi o nome dele, mas aí ele me traiu e eu fiz o beija-flor em cima.

(Viviane)

Nesse caso, a entrevistada tatuou o nome do namorado, mas a partir de uma traição, ela decidiu apagar e refazer a tatuagem porque se sentiu ressentida. Mesmo aquelas que reconhecem o ressentimento como um sentimento negativo, afirmam que o nutrem em relação aos ex-maridos e/ou namorados.

Antes de eu vim presa eu falava com ele, porque eu guardo muita mágoa, coisas que eu não quero guardar porque eu queria perdoar, porque é ruim né, guardar, mas tipo, eu guardo.

(Thamires)

No trecho acima, a participante se refere ao seu marido com quem ainda menor de idade praticava crimes, porém, maus-tratos agressões e após a prisão o abandono na cadeia a fizeram alimentar o sentimento de ressentimento, como na fala abaixo:

[...]que ele me abandonou aqui dentro, colocou outra mulher dentro da minha casa.

(Ana Lúcia).

Ao relatar que o ex-marido a abandonou na cadeia, e casou-se novamente constituindo outra família, inclusive na casa onde moravam, a entrevistada demonstra muito ressentimento. Dessa forma, foi apresentado a análise dos dados utilizando as categorias de análise, e para um melhor entendimento, demonstraremos o número de vezes que cada categoria foi citada na entrevista por cada uma das participantes, conforme quadros a seguir:

Quadro 9 - -- incidência das variáveis – entrevistada 1

CAROLINE	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	12
Identidade	8
Submissão	1
Corpo como linguagem	24
Tatuagem e amor a família	18
Ressentimento	1

Quadro 10 - -- incidência das variáveis – entrevistada 2

LARISSA	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	0
Identidade	2
Submissão	0
Corpo como linguagem	7
Tatuagem e amor a família	8
Ressentimento	0

Quadro 11 - incidência das variáveis – entrevistada 3

ZILDA	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	1
Identidade	7
Submissão	3
Corpo como linguagem	10
Tatuagem e amor a família	5
Ressentimento	1

Quadro 12 - incidência das variáveis – entrevistada 4

GENI	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	4
Identidade	4
Submissão	4
Corpo como linguagem	5
Tatuagem e amor a família	13
Ressentimento	4

Quadro 13 - -- incidência das variáveis – entrevistada 5

VIVIANE	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	1
Identidade	2
Submissão	0
Corpo como linguagem	12
Tatuagem e amor a família	8
Ressentimento	1

Quadro 14 - incidência das variáveis – entrevistada 6

THAMIRES	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	4
Identidade	4
Submissão	2
Corpo como linguagem	4
Tatuagem e amor a família	8
Ressentimento	2

Quadro 15 - - incidência das variáveis – entrevistada 7

ANA LÚCIA	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	1
Identidade	3
Submissão	1
Corpo como linguagem	5
Tatuagem e amor a família	6
Ressentimento	3

Quadro 16 - incidência das variáveis – entrevistada 8

JULIANA	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	3
Identidade	6
Submissão	0
Corpo como linguagem	6
Tatuagem e amor a família	13
Ressentimento	0

Quadro 17 - incidência das variáveis – entrevistada 9

EMANOELA	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	0
Identidade	1
Submissão	0
Corpo como linguagem	6
Tatuagem e amor a família	10
Ressentimento	0

Quadro 18 - - incidência das variáveis – entrevistada 10

FABIANA	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	4
Identidade	1
Submissão	2
Corpo como linguagem	4
Tatuagem e amor a família	6
Ressentimento	1

Quadro 19 - - incidência das variáveis - entrevistada 11

HEVELYN	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	2
Identidade	5
Submissão	0
Corpo como linguagem	10
Tatuagem e amor a família	4
Ressentimento	1

Quadro 20 - - incidência das variáveis - entrevistada 12

BEATRYS	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	1
Identidade	4
Submissão	0
Corpo como linguagem	10
Tatuagem e amor a família	5
Ressentimento	0

Quadro 21 - - incidência das variáveis - entrevistada 13

MONOELA	INCIDÊNCIA DAS VARIÁVEIS
Pertencimento	1
Identidade	6
Submissão	0
Corpo como linguagem	5
Tatuagem e amor a família	11
Ressentimento	2

Todos os dados dos quadros acima, foram compilados e estão também demonstrados em forma de números absolutos no gráfico a seguir:

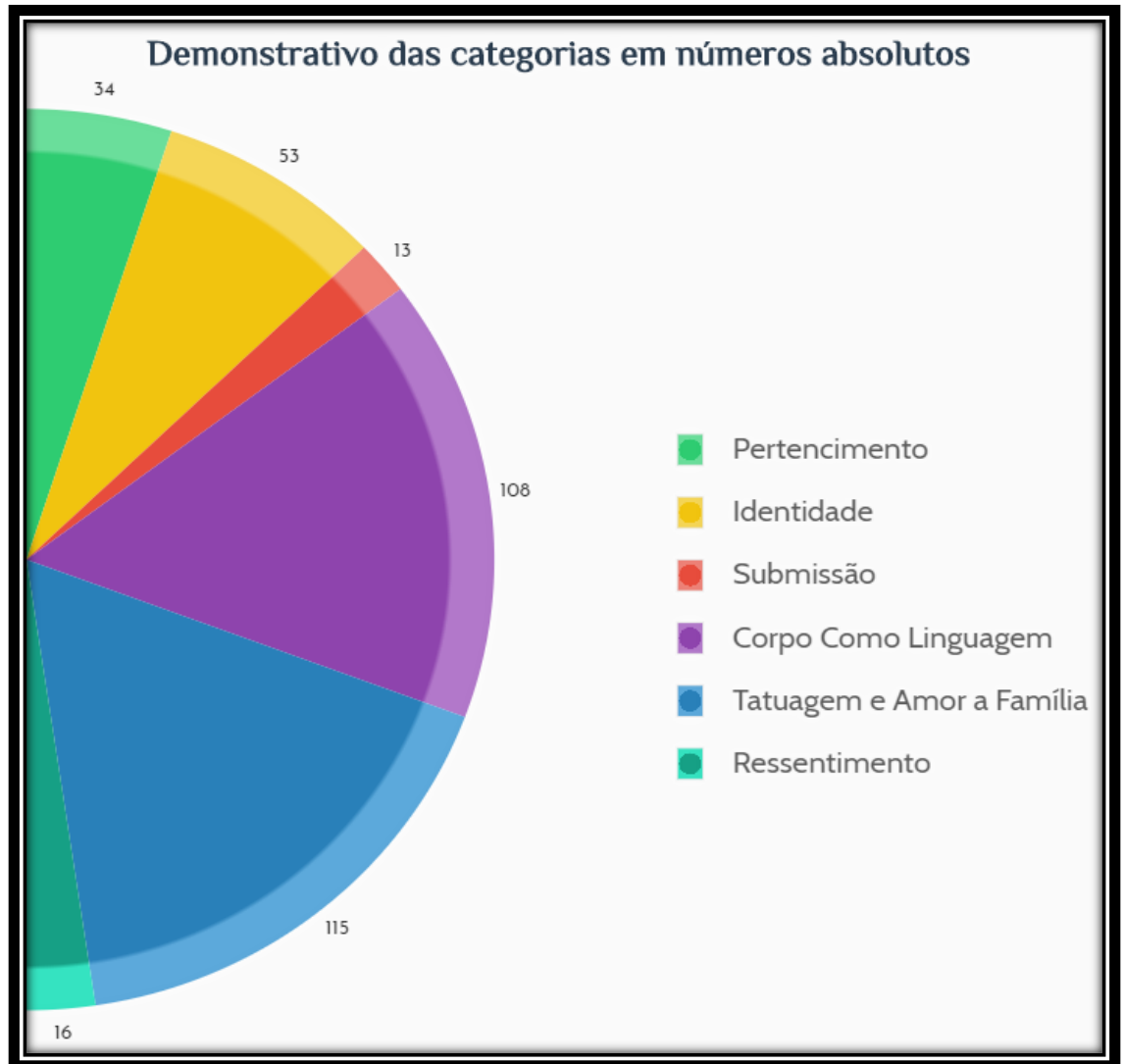


Gráfico 4- Demonstrativo das categorias em números absolutos

Conforme demonstra o gráfico, a categoria que foi citada o maior número de vezes foi tatuagem e amor a família (115 citações), seguida de corpo como linguagem com um total de 108, identidade com 53, **pertencimento com 34**, ressentimento com 16 e por última submissão com 13 citações.

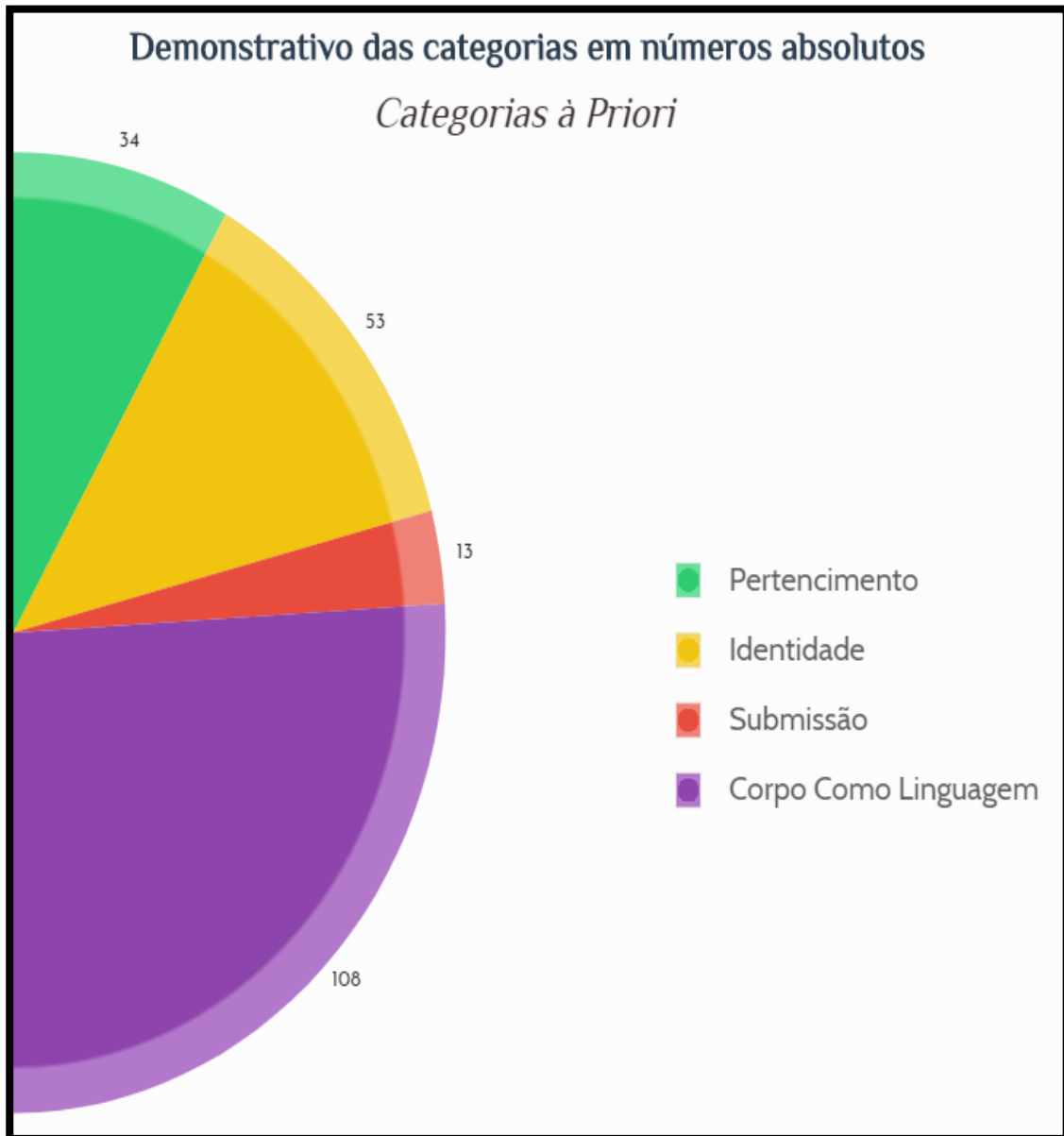


Gráfico 5- Demonstrativo em números absolutos por categorias

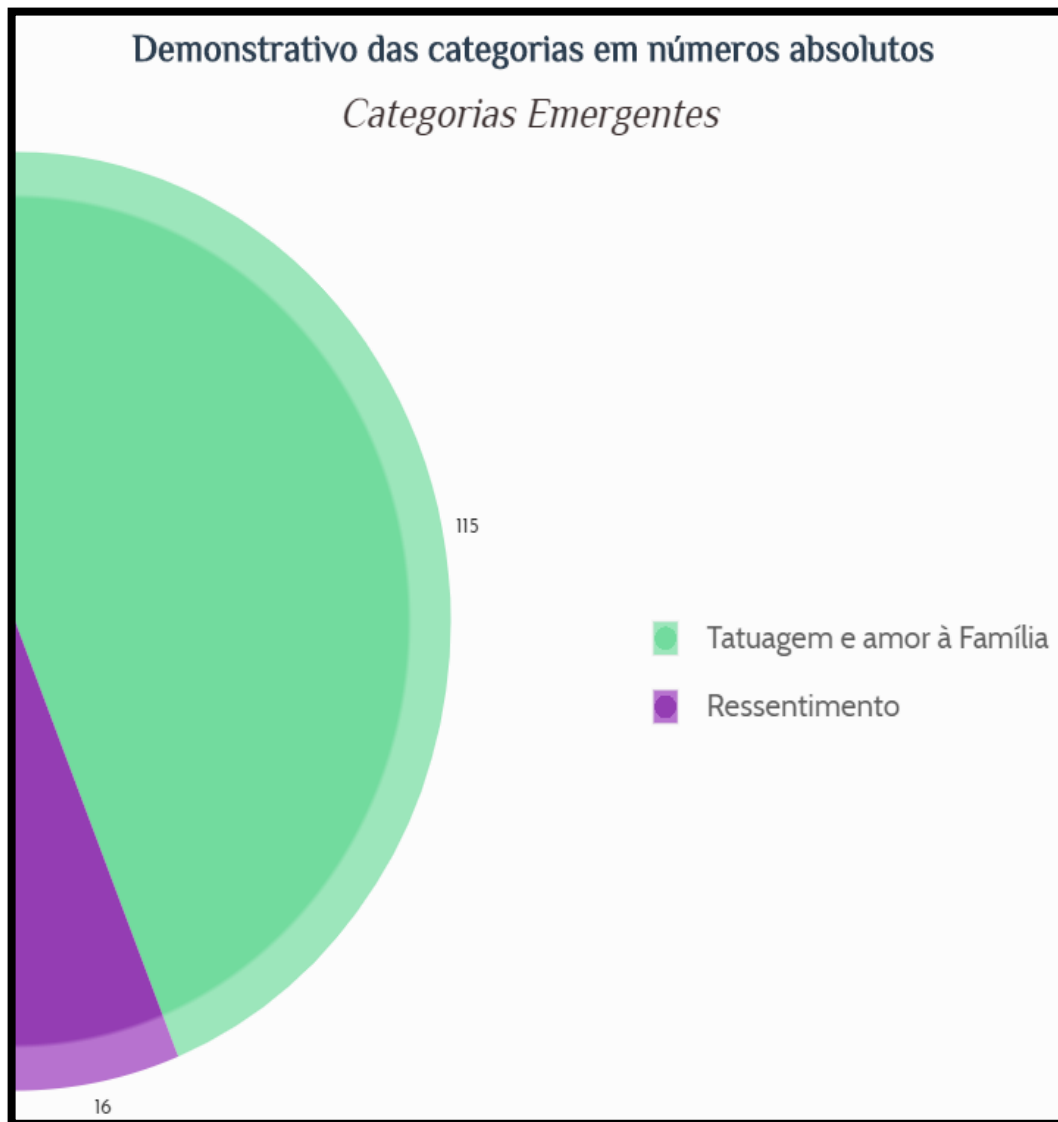


Gráfico 6- Demonstrativo em números absolutos por categorias

Para favorecer a apresentação da análise dos resultados, também foi utilizado a técnica da nuvem de palavras, através do *wordcloud* (programa de uso gratuito que cria nuvens de palavras, ou seja, gráfico digital que mostra o grau de frequência das palavras em um texto) para averiguar quais palavras mais se repetiram nas entrevistas, conforme demonstrado a seguir:



Esquema 1 – Nuvem de palavras mais citadas nas entrevistas

As palavras que mais se destacaram foram: **amor, mãe, pai, dele e deus**. Na nuvem anterior, as palavras mais citadas, estão representadas pelo tamanho da fonte, e na qual se destaca a palavra amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo identificar a relação entre as tatuagens de mulheres presas e o pertencimento ao seu parceiro (a) amoroso (a) e, para tal, foi imprescindível realizar entrevistas e observações em um ambiente carcerário feminino.

Na penitenciária escolhida, dentre as 13 participantes, 11 estão presas por tráfico de drogas – Artigo 33 do código Penal, e duas Artigo 157 – assalto a mão armada, sendo que uma delas – Thamires, declarou que traficava e assaltava, porém, a prisão foi efetuada por ocasião de assalto. Todas as condenadas por tráfico, declararam que se envolveram com o crime por meio de seus relacionamentos amorosos, e as 3 condenadas por assalto, declararam também o envolvimento com o crime via relacionamento amoroso. Dessa forma, a afetividade surge como um fator de suma importância para o envolvimento da mulher no tráfico de drogas.

Nas análises das entrevistas narradas pelas mulheres detentas, destacando as categorias criadas para tal, salientamos: a importância do *uso do corpo como expressão de linguagem*, pois obteve 108 (cento e oito) citações, o que significa 31,9% do total participantes. Em relação à categoria de *identificação da identidade* por meio das tatuagens, obteve 53 citações, representando 15,6%, o que permite dizer que as tatuagens das presas representam suas Identidades e essas, são líquidas. Ou seja: tatuagens as identificam como pessoas que infringiram a Lei; como mulheres; mas, e sobretudo como mães, filhas tias e avós. Ou melhor, como membro de uma família, é essa Identidade que ora predomina.

Em relação ao significado da tatuagem para as detentas, a pesquisa apurou que a tatuagem tem significados distintos, como por exemplo: a marcação de um episódio da vida. Para uma das entrevistadas, a Tatuagem representa dor física, e sempre que ocorre um revés em sua vida, ela faz tatuagem para sentir a dor, é uma forma de extravasar. No entanto, para a maioria das entrevistadas, o significado da tatuagem é amor, elas tatuam para demonstrar o amor que sentem, que em determinado momento esse amor foi representado por pertencimento a um parceiro, em outro, para marcar um acontecimento significativo, mas predominantemente no momento da realização da pesquisa, *tatuagem significa amor à família*, categoria que obteve 115 citações e 34% do total.

Dessa forma, é possível observar que a tatuagem na cadeia assume um significado altamente relevante, pois transcende a uma mera homenagem, significando uma espécie de amuleto capaz de diminuir a saudade e conduzir a pessoa tatuada ao convívio de familiares, filhos, maridos etc.

Entretanto, no quesito *pertencimento*, essa categoria foi citada 35 vezes, o que significa 10% e não se configura como um resultado significativo. Porém, a análise permitiu apurar que houve pertencimento **antes** da prisão, mas a partir do momento em que se encontram privadas de liberdade e abandonadas pelos parceiros, o pertencimento não mais prevalece e a tatuagem é ressignificada.

Já a categoria *submissão* obteve 13 citações e representa 4% do total. Mas a tatuagem também emergiu na pesquisa como marca de um amor que não prevalece mais, ao contrário, as participantes alegaram mágoa em relação ao ex-companheiro, configurando a categoria *ressentimento*, que obteve 16 citações, ou seja, 5% do total.

Esse cenário sugere a interpretação de que, não é só vontade da mulher se sentir pertencente, mas esse pertencimento também é imposto pelo marido/namorado a partir do momento em que se inicia o relacionamento. Identificou-se na pesquisa, que essa imposição é reforçada principalmente quando o homem se encontra preso. Prevalece de um lado, a dominação masculina e do outro, a submissão, o sofrimento e o abandono da mulher presa.

Trata-se de um assunto que não se esgota, por se tratar de análises com seres humanos, questão de gênero, portanto sinto-me mais instigada em aprofundar o tema das mulheres encarceradas e tatuagens em futura pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, C. **Carcere e Sociedade na America Latina**. *in*: História das prisões no Brasil Volume 1, 1ª ed. – Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017.

ARAÚJO, L. **Tatuagem piercing e outras mensagens do corpo**: São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ARTUR, A. T. **As origens do presidido de mulheres do estado de São Paulo**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. São Paulo, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Mederiro. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

BELEI, R.A. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, 2008

BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985. 194p

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomas. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAGA, A.G.M. – **A identidade do preso e as leis do cárcere**. Dissertação – Faculdade de Direito - Universidade de São Paulo, 2008.

BRASIL **Lei nº 7.210**. Presidência da República Casa Civil-Subchefia para assuntos jurídicos. 1984.

_____. **Regras de Bangkok**. Conselho Nacional de Justiça -Regras das nações unidas para o tratamento de mulheres presas e medidas não privativas de liberdade para mulheres infratoras. Brasília, 2016.

_____. **Mapa da violência contra a Mulher 2018**. Câmara dos Deputados, Brasília, 2018.

_____. **Lei 13.104** de 09 de março de 2015. Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, Brasília, 2015.

_____. **Lei nº 12.433, de 29 de junho de 2011**. Dispõe sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho. Brasília, 2011

_____. Conselho Nacional Assistência Social/CONANDA. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**, 2009.

_____. Conselho Nacional de Justiça. **População carcerária feminina aumentou 567% em 15 anos no Brasil. 2015.** Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/80853-populacao-carceraria-feminina-aumentou-567-em-15-anos-no-brasil>. Acesso em 20 janeiro 2017.

_____. **lei 13.718** de 24 setembro de 2018. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Brasília, 2018

BRETAS, M.L. **O que os olhos não veem: História das prisões no Rio de Janeiro.** In: História das prisões no Brasil Volume 1 – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

CASTELA, A.P.R.N. **O corpo escrito – as tatuagens nos pós modernidade.** Universidad de Salamanca – Facultad de Ciencias Sociales. Tese de Doutorado, Salamanca, 2008

CERNEKA, H. A. **Regras de Bangkok: está na hora de fazê-las valer.** *Boletim IBCCRIM*, 2012.

CHAVES, K. B.; SILVA, R. C. M. **A tatuagem na prisão: Considerações acerca da identidade e do estigma.** Pleidade, Foz do Iguaçu, v.11, n.111, p. 7-32, jan/jun. 2012

CONTEÚDOAGRIDOCE. **Significado das Tatuagens no Holocausto**[S.I.].2011. Disponível em: <http://conteudoagridoce.blogspot.com/2011/08/tatuagens-no-holocausto-significado.html>. Acesso em 20 janeiro 2018.

COSTA, E. C. P. **Amor bandido – As teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas.** 2 ed. rev. e ampl. Maceió: EDUFAL, 2008.

DINIZ, Débora, Cadeia: **Relatos sobre mulheres.** 1 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DIÓGENES, J. J. **Tráfico ilícito de drogas praticado por mulheres no momento do ingresso em estabelecimentos prisionais.** Universidade de Fortaleza – UNIFOR, 2007

DUCCI, L.Z. **MARKETING DE RELACIONAMENTO EM COOPERATIVAS: o caso de uma cooperativa agroindustrial do norte do paraná.** Dissertação de Mestrado. UFPR - Curitiba, 2009. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/18751/DISSERTACAO%200505.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 02 de março de 2019

FONSECA, R.M.G.S. Equidade de gênero e saúde das mulheres. **Rev. esc enferm USP.** 2005; 39(supl 4):450-459

FONSECA, A. L. P. Cuerpos tatuados, “almas” tatuadas: nuevas formas de subjetividad en la contemporaneidade. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 45, n. 1p. 69-94, 2009.

FREITAS, C. R. O cárcere feminino: do surgimento às recentes modificações introduzidas pela lei de execução penal. **Revista da Faculdade de Direito Padre Arnaldo Janssen**, 2013.

GASTAL, C. A. PILATI, R. Escala de necessidade de pertencimento: adaptação e evidências de validade. *Psico-USF*, 2016, 21.2: 285-292.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. / [orgs]. **Métodos de pesquisa**. SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar Projetos de Pesquisas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIOSTRI, Alex – (org). **Mulheres Poéticas – A poesia no Cárcere**. 1ª ed. São Paulo, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. Apresentação. In: _____. (Org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 7-17.

GRIZENTE, I.N.P. **O trabalhador tatuado - Considerações sobre trabalho, tatuagem e estigma numa cultura de consumo**. UNIGRANRIO, RJ, 2015.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 10ª edição, 2001.

HESKETH, J.L.; COSTA, M.T.P.M. Construção de um instrumento para medida de satisfação no trabalho. **Rev. Adm. Emp.**, Rio de Janeiro, 20(3): 59-68, jul. / set. 1980

JAIRES, L.T.P.S. **Sociologia da tatuagem: Uma Análise Antropológica e Sociológica da Técnica de Tatuagem e da Prática de ser tatuado**. Dissertação de Mestrado – UFAL, Maceió, 2011.

KOMETANI, Pâmela. **Mulheres ganham menos do que os homens em todos os cargos**. Portal G1. Rio de Janeiro, 07/03/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-do-que-os-homens-em-todos-os-cargos-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 20 setembro de 2018.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007

LEITÃO, D. K. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. **Cadernos IHU Ideias**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 16, 2004. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1163186745.46pdf.pdf>

LÜDKE, M. ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo (SP): EPU, 1986;

- MAIA, C.N. [et al]. **História das prisões no Brasil** Volume 1 – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017.
- MARQUES, J.R. **3ª Necessidade Básica do Ser Humano – Amor e Pertencimento**. Dez 2015. Disponível em: <https://www.jrmcoaching.com.br/blog/3a-necessidade-basica-do-ser-humano-amor-e-pertencimento/>. Acesso em 05 fev 2019.
- MARQUES, L.A.; SANCHES, S. **Desigualdades de Gênero e Raça no Mercado de Trabalho: tendências** *In* Igualdade de Gênero e Raça no Trabalho: avanços e desafios - Organização Internacional do Trabalho. - Brasília: OIT, 2010
- MARQUES, Tony, **O Brasil tatuado e outros mundos**. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. **Questões da pele: Pinturas indígenas, cicatrizes de escravos, moda de marinheiros. A tatuagem fez história no Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/questao-de-pele>. Acesso em 20 dezembro de 2017.
- MARTINS, M.A. **Cantinas de presídios vendem a presos cigarros, drogas e agulhas de tatuagem**. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/cantinas-de-presidios-vendem-produtos-contrabandeados-a-presos-no-rj.ghtml>. Acesso em 07 jun 2019.
- MASLOW.A.H. **Motivation and personality** (3rd ed.). New York, 1987.
- MATOS, S.M. Artefatos de gênero na arte do barro: masculinidades e femininidades. **Revista Estudos Feministas**, 2001, 56-80.
- McCRACKEN, Grant. **The long interview**. Ontario: Sage, 1988
- MILES, M. B., & HUBERMAN, A. M. **Qualitative data analysis: A source book of new methods**. Beverly Hills, CA: Sage, 1984.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001
- MORAES, Roque; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- MORAES, E.L. **A Política de Promoção da Igualdade de Gênero e a Relação com o Trabalho**. Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios / Organização Internacional do Trabalho. - Brasília: OIT, 2010.
- MUCCIARELLI, Giuseppe. **Il tatuaggio: una ricerca psicometrica della personalita e della motivazione**. Curso de Psicologia Faculdade de Psicologia Università degli studi di Bologna. 1998-1999.Tese. Disponível em: <http://www.tesionline.it/default/tesi.asp?id=10218>>. Acesso em: 10 fev. 2018
- MUYLAERT C. J. *et al*. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa **Rev Esc Enferm USP** 2014; 48(Esp2):193-199. Disponível em: www.ee.usp.br/reeusp/. Acesso em 23 setembro de 2018

OSENTIDODAVIDA. **Pertencimento**[S.I.]. 2007. Disponível em: <http://www.osentidodavida.com.br/pertencimento.html>. Acesso em 20 janeiro 2019.

OSÓRIO, A. **O gênero da tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PAREDES, C. V. **A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias**. Curitiba/PR, UFPR, (Pós-Graduação em Tratamento Penal e Gestão Prisional), Faculdade de Direito, Universidade Federal do Paraná, 2003.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História, Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017

PINA. H.F. **O Corpo como Tela**. LIVRO DE ACTAS – 4º SOPCOM, 2005. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/sopcom/index>. Acesso em 20 nov 2018.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**. – 7ª Ed. Rio de Janeiro: Rec nov ord., 2017.

RESSEL, Sandra. **Execução penal: Uma visão humanista. Discussão sobre as penas aplicadas e sua execução. Propostas para uma execução penal humanista**. 2007. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2305. Acesso em: 20 maio de 2019.

RIBEIRO T. L.; PINTO, V. M. R. **A tatuagem no submundo do crime: uma linguagem codificada**. Seminário de Iniciação Científica Só Letras – CLC-UENP/CJ, 2013.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. [Paulo Barreto]. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

SAOPAULOANTIGA. **A história da Penitenciária de São Paulo**. 2014. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/penitenciaria-de-sao-paulo/>. Acesso em Jan 2019.

SE eu não tivesse amor. **Documentário**. Direção: Geysa Chaves. [S.I.], 2010. (Duração: 47 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TF8S5oGkL-c>. Acesso em 12 dezembro de 2017.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais**. Tradução Marcos Santarita. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, A. J. L. da. **Tatuagem: desvendando segredos**. Cartilha de Orientação Policial da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia. Salvador: Magic Gráfica, 2011.

VAN DEN, H. **Walking the Tightrope: Ethical Issues for Qualitative Researchers**. Toronto: University of Toronto Press. 2008.

VARELLA, Dráuzio. **Prisioneiras**- 1ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2017.

WASELFISZ, J.J. Mapa da violência 2012. Os novos padrões da violência homicida no Brasil. Caderno complementar 1: Homicídio de mulheres no Brasil. São Paulo. Instituto Sangari, 2012.

WATSON, J. Why did you put that there? Gender, materialism and tatoo consumption. Advances in consumer research, v. 25, p. 453-460, 1998

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. Estudos de Psicologia, v. 7, p. 79 - 88, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a Sra. para participar da Pesquisa “**PERTENCIMENTO À FLOR DA PELE – TATUAGEM E AS MARCAS DO AMOR QUE APRISIONA.**”, sob a responsabilidade da pesquisadora **IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE**, a qual pretende demonstrar o sentido de pertencimento de mulheres detentas ao seu (a) parceiro (a) amoroso através de tatuagem. O estudo tem utilidade ao se propor a contribuir com o conjunto de conhecimento científico, fortalecer a discussão, despertando a conscientização feminina acerca do sentido de pertencimento através da tatuagem, que, nesse caso, assume o papel de expressão como marcas culturais impressas no corpo.

Você pode decidir se quer participar ou não. Se quiser participar, você responderá uma entrevista feita especialmente para as detentas tatuadas, em custódia na Penitenciária feminina de Santana – São Paulo, SP. A entrevista terá a duração de no mínimo uma hora e no máximo uma hora e meia, utilizando gravador de voz portátil. Depois as respostas serão transcritas e analisadas por meio de um programa especial para isso (o programa ATLAS TI), permitindo uma análise melhor do que foi respondido, de acordo com o que foi proposto no objetivo da pesquisa. Os riscos decorrentes de sua participação poderão ser um pequeno desconforto pelo tempo exigido para responder as perguntas, ou uma simples inibição ou constrangimento pela presença da pesquisadora, ou pelo teor dos questionamentos ou devido a carga afetiva que envolve o tema, pode ocorrer desconforto no momento da entrevista. Pode também acontecer de você não se sentir à vontade em expor os motivos que a levaram a tatuar um possível símbolo de pertencimento ao parceiro (a) amoroso (a), e a eventual identificação involuntária do parceiro. Os possíveis riscos à sua saúde física e mental são os desconfortos e incômodos descritos acima, que serão amenizados pela disponibilidade da pesquisadora sempre que necessário. A Sra. deverá contar com a seguinte assistência: no caso de algum desconforto físico ou psíquico, constrangimento, mal-estar, ou insegurança, você pode contar com a pesquisadora do estudo. Ela também vai tirar todas as dúvidas que você tiver durante o procedimento.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para apontar a importância do uso do corpo como expressão de linguagem; identificar e interpretar o significado de pertencimento da mulher detenta através da tatuagem, bem como contribuir para futuras pesquisas relacionadas ao tema.

Se, depois de concordar em participar, a Sra. desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de se retirar em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa.

A Sra. não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação, A Sra. poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (21)98711-0102, ou poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética da Secretaria da Administração Penitenciária do estado de**

São Paulo - CEP/SAP situado à Rua Líbero Badaró, 600 - 5º andar, Centro, São Paulo/SP, Telefone (11)3775-8108, FAX (11)3775-8108, E-mail: comitedeetica@sap.sp.gov.br

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informada sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ___/___/___

Assinatura do participante

Impressão do dedo polegar (Caso não saiba assinar)

ANEXO B

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Secretaria Executiva



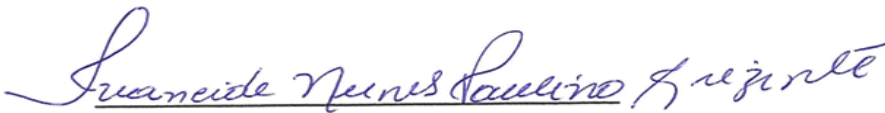
FORMULÁRIO DE OBTENÇÃO DE ANUÊNCIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA NAS UNIDADES PRISIONAIS DE SÃO PAULO

01	NOME DO(s) PESQUISADOR (es) RESPONSÁVEL(is)	Ivaneide Nunes Paulino Grizente neideufrj@hotmail.com
02	TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA	Pertencimento à flor da pele – Tatuagem e as marcas do amor que aprisiona.
03	OBJETIVO GERAL	Demonstrar o sentido de pertencimento de mulheres detentas ao (a) parceiro(a) através de suas tatuagens.
04	OBJETIVO ACADÊMICO (TCC, Mestrado, Doutorado, Iniciação Científica)	Doutorado
05	POPULAÇÃO ALVO	Detentas tatuadas
06	NÚMERO DE PARTICIPANTES (sujeitos de pesquisa)	12 (doze)
07	TEMPO DE DURAÇÃO DA PESQUISA	Seis visitas
08	UNIDADE(S) PRISIONAL(IS) ONDE SE FARÁ(ÃO) A PESQUISA	Penitenciária feminina de Santana – São Paulo -SP
09	DESCRIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS A SEREM UTILIZADOS	QUAL(IS)? máquina fotográfica, papel, caneta, gravador de voz portátil.
10	NECESSITARÁ DE ALGUM TIPO DE RECURSO MATERIAL OU HUMANO DA UNIDADE PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	(X) SIM, QUAL(IS)? Apoio para segurança, sala para entrevistas, profissional para selecionar detentas com o perfil desejado. () NÃO
11	A PESQUISA INCLUI O USO DE EQUIPAMENTOS DE GRAVAÇÃO DE ENTREVISTAS (especifique) NOTA: Somente será permitida a gravação de voz com aparelhos especialmente destinados a este fim. Não é permitido o	(X) SIM Gravador de voz portátil _____ _____

<p>uso de celulares para fins de gravação.</p> <p>Em relação às filmagens, somente serão permitidas as que em circunstâncias previamente analisadas pelo CEP/SAP e o Titular da Pasta.</p>	<p>() NÃO</p>
--	----------------

Eu, Ivaneide Nunes Paulino Grizente, RG nº 064439774-DETRAN/RJ, responsável pela pesquisa intitulada Pertencimento à flor da pele – Tatuagem e as marcas do amor que aprisiona, assumo total responsabilidade pelas informações constantes deste formulário e afirmo estar ciente de que as afirmações e solicitações nele expressas **NÃO** poderão ser alteradas em nenhum momento da execução do projeto, caso aprovado. Tenho ainda conhecimento de que as unidades prisionais não estão obrigadas a dispor de recursos materiais ou humanos para a realização do presente projeto de pesquisa, portanto se a unidade eleita não puder disponibilizar o que for necessário deverei obtê-los por meus próprios meios; eleger outra unidade prisional ou ainda desistir de sua execução.

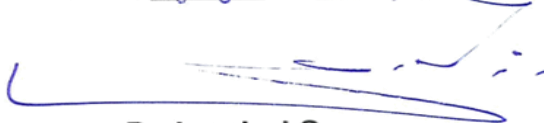
Rio de Janeiro, 18 de abril de 2017.



Assinatura do Pesquisador Responsável

Para atendimento às exigências da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, concedo anuência à realização da proposta a qual somente poderá ser desenvolvida após apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta Pasta e a autorização deste Secretário.

Gabinete do Secretário, 26 de ABRIL de 2017.



Dr. Lourival Gomes

Secretário de Estado

Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo



UFRJ - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO CLEMENTINO FRAGA
FILHO DA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERTENCIMENTO À FLOR DA PELE ¿ TATUAGEM E AS MARCAS DO AMOR QUE APRISIONA.

Pesquisador: IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 81078117.0.0000.5257

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.465.191

Apresentação do Projeto:

Protocolo 335-17, do grupo III, recebido em 11.12.2017.

Trata-se de uma pesquisa clínica com finalidade de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE). A Instituição Proponente é o Instituto TERCIO PACITTI – UFRJ. Trata-se de um estudo não financiado pela indústria farmacêutica e que não precisa de apreciação ética da CONEP.

As informações colocadas nos campos denominados "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e " Avaliação dos Riscos e Benefícios " foram retiradas do documento intitulado "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1034383" (submetido na Plataforma Brasil em 11/12/2017).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este é um estudo de natureza qualitativa, realizado por meio de entrevistas a doze detentas tatuadas, em custódia na Penitenciária feminina de Santana – São Paulo, SP.

Não haverá armazenamento de material biológico.

Previsão de término do estudo: maio de 2018.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide item "Conclusões ou Pendências e Listas de Inadequações".

Recomendações:

Vide item "Conclusões ou Pendências e Listas de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram encontrados óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

2. De acordo com o item X.1.3.b, da Resolução CNS n.º 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais que permitam ao Cep acompanhar o desenvolvimento dos projetos. Esses relatórios devem conter informações detalhadas nos moldes do relatório final contido no Ofício Circular n. 062/2011:

2. Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP, de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1034383.pdf	11/12/2017 11:53:39		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEmodificado.docx	11/12/2017 11:52:41	IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADOatualizado.docx	06/12/2017 20:26:13	IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE	Aceito
Outros	CartaSemAssinatura.docx	06/12/2017 20:21:08	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Outros	CartaAssinada.pdf	06/12/2017 20:20:34	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Outros	FolhaDeRostoSemAssinatura.pdf	06/12/2017 20:11:01	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoAssinada.pdf	06/12/2017 20:09:36	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	01/12/2017 14:40:01	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	01/12/2017 14:37:36	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Outros	CurriculoPesquisadora.pdf	30/11/2017 23:16:34	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AnuenciaInstituicao.pdf	30/11/2017 23:08:21	IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE	Aceito
Outros	CURRICULOORIENTADORA.pdf	30/11/2017 23:03:08	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco N°255, 7º andar, Ala E

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 21.941-913

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

telefone: (21)3938-2480

Fax: (21)3938-2481

E-mail: cep@hucff.ufrj.br

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERTENCIMENTO À FLOR DA PELE ¿ TATUAGEM E AS MARCAS DO AMOR QUE APRISIONA.

Pesquisador: IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81078117.0.3001.5563

Instituição Proponente: SAO PAULO SECRETARIA DA ADMINISTRACAO PENITENCIARIA

Patrocinador Principal: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.553.377

Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem como objetivo demonstrar o sentido de pertencimento de mulheres detentas ao seu (a) parceiro (a) amoroso através de tatuagem, com a importância de propor a conscientização feminina acerca do sentido de pertencimento, uma vez que, no ambiente carcerário, essas marcas também são feitas de forma inadequada perigosa e definitiva, reforçando o sentido de aprisionamento de mulheres encarceradas.

Propõe-se também apontar a importância do uso do corpo como expressão de linguagem, apresentar o conceito de identidade líquida cunhado por Bauman e situá-lo no

contexto das detentas, pesquisar como é feita a tatuagem no cárcere, e identificar (por amostragem) e interpretar o significado de pertencimento da mulher detenta através da tatuagem. Este é um estudo de natureza qualitativa, o método será a pesquisa de campo, com uma pesquisa bibliográfica. Os dados coletados serão obtidos por meio da aplicação de uma entrevista às doze (12) detentas tatuadas, em custódia na Penitenciária feminina de Santana – São Paulo, SP.

Apresentação adequada.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1062667.pdf	07/02/2018 00:17:08		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO DETALHADO Modificado Atualizado.docx	07/02/2018 00:15:06	IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de ausência	TCLEmodificadoAtualizado.docx	07/02/2018 00:08:30	IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE	Aceito
Outros	CartaRespostaPendencia.pdf	06/02/2018 23:26:40	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de ausência	TCLEmodificado.docx	11/12/2017 11:52:41	IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADOatualizado.docx	06/12/2017 20:26:13	IVANEIDE NUNES PAULINO GRIZENTE	Aceito
Outros	CartaSemAssinatura.docx	06/12/2017 20:21:08	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Outros	CartaAssinada.pdf	06/12/2017 20:20:34	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Outros	FolhaDeRostoSemAssinatura.pdf	06/12/2017 20:11:01	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito
Outros	CurriculoPesquisadora.pdf	30/11/2017	IVANEIDE NUNES	Aceito

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
		23:16 :34	PAULINO	
Outros	CURRICULOORIENTADORA.pdf	30/11/2017 23: 03:08	IVANEIDE NUNES PAULINO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 20 de março de 2018

Assinado por:

Fátima França

(Coordenador)

Endereço: Rua Líbero Badaró, 600 - 5° andar

Bairro: Centro

CEP: 01.008-000

UF: SP

Município: SAO PAULO

telefone: (11)3775-810

Fax: (11)3775-8108

E-mail: comitedeetica@sap.sp.gov.br

APÊNDICE

APENDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

OBJETIVO DA ENTREVISTA

1) Item 1 - Identificar em que momento e parte do corpo foi feita a tatuagem.

- 1) Gostaria que você falasse sobre suas tatuagens, quantas você tem?
- 2) O que você pretende ou pretendeu ao decidir fazer tatuagens no corpo?
- 3) Qual delas é a primeira?
 - 4) quantos anos você tinha quando fez a primeira tatuagem?
 - 6) ainda sobre a primeira, qual o significado dela para você?

Item 2 – Sobre a mais importante:

- 1) Qual das tatuagens é a mais importante?
- 2) Gostaria de falar o que ela significa?
- 3) Qual o seu sentimento quando decidiu fazer essa tatuagem?
- 4) Qual o seu sentimento quando ela ficou pronta?

Item 3 – Tem tatuagem em homenagem ao seu parceiro (a)? (Caso sim)

- 1 – Em qual parte do corpo?
- 2 – Porque Nessa parte específica do seu corpo?
- 3 – Quanto tempo demorou para ficar pronta?
- 5 – Pretende fazer outras? Por que?
- 6 – Você fez por livre e espontânea vontade?
- 7 – Pretende apagar alguma tatuagem?